UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

BEATRIZ DA COSTA PAN CHACON

**A MULHER E A MULHER-MARAVILHA:
UMA QUESTÃO DE HISTÓRIA,
DISCURSO E PODER
(1941 A 2002)**

São Paulo

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**A MULHER E A MULHER-MARAVILHA:
UMA QUESTÃO DE HISTÓRIA,
DISCURSO E PODER
(1941 A 2002)**

BEATRIZ DA COSTA PAN CHACON

Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em
História Social da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Mestre em História.

Orientação: Prof. Dr. Marcos Silva

São Paulo

2010

COMISSÃO JULGADORA

Agradecimentos

Eu tenho muito a agradecer e muitos a quem devo agradecer do fundo do coração. Deus permita que cada um receba este agradecimento como um fraterno abraço.

O primeiro e mais forte abraço que puder dar pertence aos meus pais, Jesus e Yole. A eles, devo simplesmente tudo de bom, duradouro e maravilhoso em minha vida. A eles, devo, entre tantas coisas, a dedicação à minha profissão, a meus sonhos, meu caráter e a crença nas minhas capacidades.

Um especial abraço para a Professora Doutora Íris Kantor que acompanhou meu início no mestrado e me indicou ao Professor Doutor Marcos Antônio da Silva, meu orientador. Antes disso, foi minha professora no curso de especialização da Escola Superior de Sociologia e Política. Obrigada Professora Íris.

À Professora Doutora Sara Albieri agradeço por assumir minha orientação até a liberação de uma vaga junto ao Professor Doutor Marcos Antônio.

Ao meu orientador, Professor Doutor Marcos Antônio da Silva, um triplo abraço. Graças à sua orientação segura, criteriosa e, ao mesmo tempo, firme e compreensiva, pude realizar este trabalho conforme sonhava. Sem abrir mão da adequação acadêmica e historiográfica, guiou-me como um amigo, como um irmão. Uma lição que guardarei e aplicarei em tudo que fizer, para sempre. Muito obrigada.

Aos professores das Faculdades de História e Sociologia, respectivamente, nas pessoas dos Professores Doutores Marcos Francisco Napolitano de Eugênio e Sergio Miceli Pessoa de Barros, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Uma pessoa especial ao longo de todo esse processo, acompanhando-o desde o primeiro dia. Minha tia, amiga, confidente e grande incentivadora, Jeanette Botino da Costa. Merece meu beijo e meu abraço.

Às vezes, somos premiados com uma amizade única em seu brilho. Eu tive e tenho essa sorte. A esse amigo, Paulo César de Freitas, um grande abraço.

Um abraço coletivo para amigos que guardo “... debaixo de sete chaves, dentro do coração...”. Reais fontes de energia e incentivo para que desse esse passo, o mestrado. Amigos que sempre estiveram presentes e ao meu lado. Nas boas e nas más

horas. São eles: Raquel Luciana Monteiro Areias e Maurício, Luiz A. de Oliveira, Sandra Paulina Costa, Carlos Alberto Pereira, Vera Fonseca Darmaros, Santuza, Carlos e Rossana Dal Rovere. Uns, há mais tempo, outros, mais recentemente. Mas todos são especiais.

Um abraço à diretora da Escola Estadual Professor Gualter da Silva, professora Judimar Marques dos Reis, pela compreensão da importância que esse mestrado representa para mim. E outro abraço à professora Maria Angélica Brogna Ferreira, da mesma escola, por seu valioso auxílio nesse período.

A duas outras diretoras, da mesma escola, devo um agradecimento muito especial. Às diretoras, em diferentes momentos, professoras Lucineide Próspero de Araújo e Maria Inês Cândido dos Santos, da Escola Municipal Deputado José Blota Junior. Exemplos raros de sensibilidade e humanidade.

Um agradecimento imenso é o que devo a todos os meus colegas de profissão. Professoras e professores do Estado e Município que, ao longo dos anos, e, especialmente, nos últimos três anos, tem me incentivado e partilhado comigo cada momento, cada etapa. Seria impossível listar a todos aqui, mas, simbolicamente, quero representá-los nas pessoas de Ana Lúcia, Adriana, Ana Paula, José Alves, Edson, do Blota Jr. e, Regina Conti, Mauro, Miioco, Luciano e Henrique, do Gualter.

Para outro grupo de amigos, de praças não tão distantes entre si, e que moram em meu coração, amigos a quem muito devo, meu carinhoso abraço para: Wilma Fongaro e família, Cláudio e Marlene, Marise Lourenço, Eli Clemente, Beatriz Escórcio Chacon (minha xará carioca) e Sérgio, Rosângela, Ney, Irene e Sérgio, Gabriela e Dulce.

E, com a mais sincera e profunda gratidão, quero abraçar àqueles que foram e são tudo para mim. Profissional e pessoalmente. Os professores que me formaram em cada trecho desse caminho que hoje também trilho. Nenhuma palavra pode expressar o que sinto em relação a cada um deles.

Posso e devo, no entanto, dizer, muito obrigada e oferecer esse abraço. São os guias dessa caminhada. Alzira Tieko Katsuya, Maria Helena do Amaral Chianca, Raimundo Bandeira Campos, Antonio Pedro (Tota), Laura Regina Tetti, José Maria Giroldo, Marisa Lajolo, Imaculada Conceição de Lucca, Ilana Blaj, Nicolau Svecenko, Marize Vilella e Eliane Asche (Malu).

Obrigada Deus, por ter encontrado essas pessoas em meu caminho.

Resumo

Essa dissertação de mestrado pesquisa a presença, representação e importância da mulher, da heroína, nos quadrinhos. O foco é a Mulher-Maravilha, de sua criação em 1941 a 2002. Analisando e comparando a personagem com dois outros personagens masculinos do mesmo país de origem, época e editora, Super-Homem e Batman, tentando entender os diferentes níveis de poder entre eles e os caminhos pelos quais a heroína passou. As diferenças serão analisadas dentro e fora dos quadrinhos. Além disso, consideramos a evolução da mulher dentro do mesmo recorte temporal de análise da personagem, relacionando os dois mundos e suas múltiplas influências. A intenção é alimentar e ampliar os estudos historiográficos sobre uma história das mulheres e também de resgatar a presença da mulher na história. A análise tem um especial foco sobre o tratamento aplicado à Mulher-Maravilha pela indústria cultural no Brasil, especialmente na metade dos anos cinquenta, quando a personagem foi lançada aqui. Igualmente importante é a discussão entre globalização e mundialização, mas, mais do que isso, os sinais, fatores e a estrutura de um novo arranjo planetário na economia, política e cultura. A globalização e o resgate da mulher na história são fatos quase contemporâneos. Este trabalho vai tentar mostrar questões para compreender ambos os fenômenos, com a análise da Mulher-Maravilha que pretendemos fazer aqui.

Palavras-chave: Mulher-Maravilha, história das mulheres, quadrinhos, Super-Homem, Batman.

Abstract

This MA dissertation investigates the female presence, representation and significance in action comic books as heroes. The focus will be in Wonder Woman since 1941 to 2002. Analysing and comparing her character with two others big male characters from the same origin country, time and publishing company, Superman and Batman, we try to understand, the different levels of power between them and the ways that Wonder Woman to went through. These differences will be analysed inside and outside of the comics itself. Besides, this analysis is concerned on female evolution at the same period that Wonder Woman was created to the present. Our propose is to relate both worlds, the comic books and our world, and their mutual influences as well. These aspects are connected with the intention to provide and increase the historiography studies on a female history and also to rescue the female presence in history. The analysis has a special focus about the treatment applied to Wonder Woman by the cultural industry in Brazil. Equally important to this propose is the aspect about the last forty years (or near by) we have the process of global issues. A infinite discussion between global and worldwide matters but more than this, the signs, factors and structure from a new planetary arrangement in economy, politics and cultural aspects. The global process and the rescue of a female history are events almost contemporary. And in this work we will try to show questions to help us to understand both phenomenon because they are perfectly lynked with the analysis we will try to do here. Plus we could link with another significant part of this study which is the levels of the power.

Keywords: Wonder Woman, female history, comic books, Superman, Batman.

SUMÁRIO

1. O QUE SABEMOS E O QUE NÃO SABEMOS (1941 – 1961)	9
1.1 Mulher-Maravilha e o Nazismo	37
1.2 A sensualidade do mal e a virtude do bem	52
1.3 A Sociedade da Justiça da América (anos 40 – SJA)	59
1.4 O Pós-Guerra e a Liga da Justiça da América (anos 60 – LJA)	61
2. O CONTEXTO EDITORIAL (1962 – 1986).....	67
2.1 10.000 anos de história. As amazonas	70
2.2 O feminismo e outras histórias	74
3. GRANDEZA RECUPERADA: GEORGE PÉREZ E A PRINCESA (1987-1992) 	94
3.1 O papel da mitologia grega	99
3.2 Saída e incertezas.....	102
4. MULHER-MARAVILHA ENFRENTA O “MAL DU SIÈCLE” (1992-2002) ..	106
4.1 Uma leitura d’O Espírito da Verdade	109
5. HERÓIS DC, HERÓIS GREGOS E SUAS MITOLOGIAS.....	123
5.1 Super-Homem e Perseu, Batman e Teseu. Quando os heróis se encontram.	123
5.2 Mitologia grega e mitologia contemporânea: considerações	143
6. DEUSAS E MORTAIS: AS MULHERES NA MITOLOGIA GREGA	153
6.1 A Rainha Hipólita, Afrodite e Palas Atena.	153
6.2 Gaia, Héstia e Hera.....	175
7. ‘SELF-MADE MAN’ E ‘MULHER-MARAVILHA’: A MITOLOGIA CONTEMPORÂNEA	180
7.1 O poder que passa e fica	180
8. SABER MAIS, NÃO SABER MENOS (CONCLUSÃO)	192
FONTES E BIBLIOGRAFIA	198

1. O QUE SABEMOS E O QUE NÃO SABEMOS (1941 – 1961)

Em 07 de dezembro de 1941, os Estados Unidos declaram estar em guerra com o Japão, após o ataque à base naval de Pearl Harbor. Nesse mesmo ano, a revista bimestral (dez. 1941/jan. 1942) *All-Star Comics*, número 8, lança uma nova personagem em suas páginas. Assim surgia a Mulher-Maravilha. Cerca de seis meses depois, a heroína já possuía um título próprio no mercado dos quadrinhos norte-americanos.

Não foi a primeira heroína a ser lançada, já que no número 5 dessa mesma revista, surgiu a Mulher-Gavião¹ (2004), contudo, coube a ela, segundo coloca Roberto Guedes², ser “...a personagem feminina mais importante dos *comic books*...” (2004).

Seu uniforme consistia de um *revolucionário* tomara-que-caia vermelho (ou bustiê) que apresentava a figura dourada de uma águia estampada, extremamente similar à águia americana, cobrindo a região dos seios à cintura. Uma espécie de cinto branco, uma saia azul com estrelas brancas como padrão de estampa e botas vermelhas com detalhes em amarelo, de salto alto. Apresentava ainda uma tiara amarela com uma estrela vermelha ao centro e dois braceletes metálicos. Brincos vermelhos e redondos completavam o visual. Tal uniforme deixava à mostra toda a região do colo e boa parte de suas pernas. Seus cabelos pretos ultrapassavam pouco mais do comprimento de seu pescoço.

Em contrapartida, SH que surgira em junho de 1938, na revista *Action Comics*, número 1, aparecia com um uniforme que cobria totalmente seu corpo. Um collant azul, botas vermelhas, capa vermelha, um cinto amarelo e um tipo de calção vermelho. Na altura do peito, um símbolo em amarelo, com um S estilizado.

E BT, lançado em maio de 1939, na revista *Detective Comics*, número 27, usa uma capa preta, collant cinza e o contorno desenhado de um morcego sobre uma placa oval cinza, como um alvo, além de luvas e um cinto com diversos equipamentos especiais, instalados em compartimentos do mesmo. Posteriormente, a placa peitoral terá um fundo amarelo. E outras mudanças, mais tarde, eliminarão essa placa, restando apenas o contorno do morcego.

¹ Guedes, Roberto – *Quando surgem os super-heróis*. Opera Graphica Editora, São Paulo, 2004

² Idem. p. 24.

A seguir, podemos visualizar os três personagens durante a década de 1940³:

Figura 1. A

³ A, B são imagens retiradas de diferentes sites da internet. C é a capa do vol. I dos Arquivos da personagem.

Figura 2. B

Figura 3. C

E antes de outras, e necessárias, considerações acerca dos uniformes desses heróis, pretendo colocar algumas questões referentes à indústria editorial voltada, exclusivamente ou não, aos quadrinhos, em particular, à indústria nacional, e ao tratamento que os personagens aqui citados, tiveram por parte desta.

A propósito, vale aqui considerar, a título de referência, que a Mulher-Gavião não foi a primeira personagem feminina de destaque e ainda em circulação, entre o universo das histórias de ação aqui consideradas.

Tal honra cabe, e deve merecer uma investigação maior e mais profunda do que aqui faremos, à Mulher-Gato, criada em 1940. Mas, segundo acredito, há um significativo valor no fato desta primeira personagem a mostrar habilidades especiais, usar um uniforme, ter uma dupla identidade, entre outras características próprias desse estilo de HQ, ser de fato, em sua origem e por longo período de tempo, exatamente, uma vilã. Uma criminosa. Portanto, em tese, primeiro uma imagem (e referência) negativa recaiu sobre as mulheres, antes das duas heroínas citadas.

Isso não me parece acaso, nem coincidência. A se verificar, é claro.

Apesar de ter sido criada em 41, a MM só foi editada no Brasil a partir dos anos 70, em histórias próprias, na revista *‘Quem foi?’*, publicada pela Ebal. Essa revista apresentava diversos tipos de histórias importadas, inclusive da Inglaterra, como *Romeo Brown*, de Jim Roldway. Segundo nos informa Gonçalo Jr.⁴ (2004), seu público era de jovens e adultos de ambos os sexos, com uma vendagem considerável, embora não especificada por ele.

A partir de dezembro de 1977, isto é, com quase 36 anos de sua criação, é que teve um título próprio (revista com seu nome), lançada pela Ebal, de propriedade de Adolfo Aizen, um dos introdutores das histórias em quadrinhos no Brasil. Como era praxe da editora, ao publicar um título, seriava este lançamento indo do número um até o número que fosse a 1^a. série.

⁴ Gonçalo Junior – *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. Companhia das Letras, São Paulo, 2004 p. 258 e p. 288.

Figura 4. “Mulher-Maravilha” nº 1.

Um artigo na internet⁵ (2005) alusivo aos 60 anos da Ebal que completaria em maio de 2005, caso essa ainda existisse, datado de 31/03/2005, de Toni Rodrigues, para o site Universo HQ, informa que a editora tinha a prática, nem sempre seguida à risca, de numerar cada título de 1 a 100. Quando a revista atingisse o número 100, seria iniciada uma segunda série que seguiria o mesmo sistema e assim, sucessivamente.

O fato é que a revista da MM teve, ao menos, seis séries, sem, contudo, em nenhuma delas, atingir 50 edições. Estas revistas foram publicadas até o bimestre outubro-novembro de 1983. (Desse período e dessas histórias, tratarei em outra parte desse trabalho).

Desde então, nunca mais teve uma revista própria, aparecendo basicamente, apenas nas histórias da Liga da Justiça da América *ou* como convidada especial nas revistas de SH ou BT. Em momentos excepcionais, teve uma ou outra edição especial. Mesmo em 1991, quando a personagem completou seus 50 anos, a edição comemorativa lançada pela Editora Abril, de Victor Civita, detentora dos direitos de publicação àquela época, foi, comparativamente falando, em relação aos dois outros ícones DC, muito aquém daquilo que se fez para os 50 anos de SH ou BT.

⁵ Internet. http://universohq.com/quadrinhos/2005/hq_ebal.cfm.

Figura 5. “Superpowers” n° 23.

Então, em que pese sua importância como personagem ícone, muito, ou praticamente tudo, de sua história, é desconhecida não apenas para uma parcela dos que acompanharam boa parte desse tempo, mas é, sim, completamente desconhecida para outras gerações que sequer, até o presente momento, têm a menor perspectiva de vir a entrar em contato com os caminhos trilhados por essa personagem. E isto tem um valor e um peso múltiplo, que não podemos e nem devemos menosprezar ou relegar a um plano afastado.

Vale dizer que se isto é verdadeiro para a MM, dificilmente não o será para outros personagens, masculinos ou femininos. E muitos fatores podem concorrer para que tal aconteça, que não esbarre apenas nos pontos que levantarmos para a MM mas nem por isso, deixam de ser relevantes ou passíveis de interpretações. E que não deixam de ser lamentados por seus fãs.

Em outras palavras, sua história individual, quer como mulher, heroína e suas experiências e vivências, foram *truncadas* de tal modo que há grandes lapsos e questões ainda não conhecidas ou definidas. Assim, pode-se compreender porque ela ainda não atingiu um prestígio e uma solidez ainda maior. Tanto para a mídia como para os fãs (ou leitores em geral) das histórias em quadrinhos. Especialmente, como procuraremos apresentar, em nosso país.

Mesmo os menos aficionados, costumam ter, em média, uma razoável noção da história que deu origem e formatou tanto o SH quanto o BT. Sabem porque cada um deles dedica-se a combater o crime e com qual grau de intensidade esse combate é realizado. Sabem ainda, o papel e a função que cada personagem secundário, especialmente nos três núcleos-centrais que estão presentes nas histórias de ambos os heróis, e o que representam para a dinâmica e o desenvolvimento destes personagens e de suas histórias.

Para os mais aficionados, isso é ainda mais verdadeiro e sensível. Conhecem a psicologia, a estrutura de seu pensamento e demais pontos que dão grande intimidade com seu mundo interior. Estão, por assim dizer, *mergulhados* nessa intimidade. Esse conhecimento, geralmente, veio de sua infância e fez com que muitos desses fãs, mais cedo ou mais tarde, exercessem alguma atividade profissional relacionada a esse mundo dos quadrinhos. Tornaram-se desenhistas, roteiristas, críticos, editores etc. Ampliando ainda mais esse universo. Alguns deles tornaram-se colecionadores dedicados, outros,

comerciantes de gibis e livros, organizados na forma de sebos ou não. Também, para alguns deles, freqüentadores regulares de convenções e eventos (nacionais e ou internacionais) ligados ao gênero.

E sabem isso, e muito mais, pela constante e variedade de mídias por meio das quais se concretiza essa exposição dos personagens. Tanto BT quanto SH tiveram aqui, por parte da indústria editorial ligada aos quadrinhos, editados, mais de um título narrando suas aventuras. Além disso, os dois personagens foram seguidamente apresentados (e reapresentados) por outras mídias concomitantemente aos quadrinhos. Foram para os desenhos animados, seriados, filmes etc. Nos Estados Unidos, começaram pelo rádio.

À medida que o universo das histórias expandia-se e penetrava outras mídias, é claro, gerou e formatou não apenas novas atividades profissionais, como também, novas formas de relação de trabalho e uma nova fonte de geração de capital. Desenvolveremos mais sobre esses aspectos, ao longo do trabalho.

Exceto como membro da Liga da Justiça, quando apareceu nos desenhos para televisão, a MM, até hoje, só foi *transportada*, de modo regular, para uma mídia: a própria televisão. Um seriado realizado entre 75 e 79, tendo sido realizado um episódio piloto em 1974, porém com uma atriz diferente de Linda Carter, que viveu a heroína no único seriado, em três temporadas, já realizado sobre ela. Único momento também, no qual foram criadas (ou abordadas) situações em que a personagem era o centro das atenções. As três temporadas somam um total de 59 episódios.

Retomando, os personagens masculinos, ícones da DC, SH e BT, tiveram (e têm até hoje) a mais ampla exposição de suas várias vertentes e, conseqüentemente, os maiores cuidados, por parte de suas principais editoras no Brasil, Ebal e Abril, especialmente, ao apresentar suas histórias. E, mais recentemente, a Panini. E, mesmo sem ter todas as suas aventuras publicadas aqui, os personagens apresentaram transformações (evoluções e revoluções) coerentes em razão daquilo que vivenciaram. Cada um deles teve, portanto um tratamento tal que nos permite analisar e avaliar suas respectivas duplas jornadas. Como heróis e como indivíduos.

Isto é: no caso do SH temos o núcleo heróico representado, principalmente, pela Liga da Justiça e aventuras individuais, e em seu alter ego, Clark Kent, o núcleo profissional, representado pelo Planeta Diário e, seu núcleo familiar, que engloba, de certa

maneira, as duas identidades kryptoniana e humana, representado por seus pais e amigos. De Pequenópolis a Metrópolis. E mesmo seu mundo kryptoniano, não foi esquecido.

Para o BT temos o mesmo núcleo heróico do SH, o núcleo de seu alter ego, o multimilionário Bruce Wayne, nas empresas que possui ou nos eventos que frequenta ou patrocina, e seu núcleo familiar composto especialmente pelo mordomo Alfred e, entre outros personagens, o comissário de polícia, James Gordon, sua filha Bárbara (Batgirl e depois, Oráculo). O comissário existe desde a década de 40, assim como Dick Grayson (o primeiro e mais conhecido jovem a vestir o uniforme de Robin). Esta versão da Batmoça surge em 1961.

Com relação à MM verificamos sim, igualmente, a existência dos três núcleos, embora, pelo que já foi exposto, no mínimo, bastante falho no aspecto das histórias heróicas individuais, de modo bastante diverso de seus correligionários. A Liga, para ela, também representa seu núcleo heróico. Tem seu núcleo familiar em Temyscira. E, em parte de sua história, este núcleo é identificado apenas como Ilha Paraíso. (A partir de certo momento, define-se que a cidade de Temyscira está localizada na Ilha Paraíso). Mas, o núcleo de seu alter ego, Diana Prince, comparativamente falando, é o mais oscilante e impreciso dos três.

Esse terceiro núcleo, o que lhe caracterizaria mais claramente como quem pretende viver com os seres humanos, variou muito de época para época, o que acabou por reforçar ainda mais a pouca preocupação com a personagem ou com sua história pessoal. Para o mercado brasileiro, isso me parece ainda mais real devido à princesa amazona não ter sido adequadamente publicada. E isso não significa, exclusivamente, ter um título próprio. Significa também, ter-se o cuidado de apresentar devidamente a personagem, às gerações subseqüentes, ainda que num título dividido com outros personagens.

Todos esses fatores, combinados a outros que ainda serão aqui relacionados, apresentam a história da personagem. E essa história, por não ter tido uma publicação regular, como ocorreu aos outros personagens aqui citados, nos dá uma percepção, no mínimo, intermitente sobre sua personalidade e individualidade. O que, por sua vez, nos leva a refletir sobre a intencionalidade (ou não) de se apresentar essa história ao público aqui considerado, isto é, o público brasileiro. Mais especialmente ainda, a um público, jovem ou adulto, porém, feminino.

Vale dizer, contudo, que não estamos querendo dizer que apenas a ausência de uma revista própria leve a sugerir que a personagem fosse considerada uma personagem sem história. Isso ela nunca foi, até porque, isso seria um tanto quanto que *bizarro*, para dizer pouco.

Mas cabe aqui um parêntese. (Evidentemente sujeito a uma análise mais aprofundada, mais investigativa). Mesmo assim, é significativo mencionar que, por exemplo, desde que foi criada, em 1959, a Supermoça (prima de SH), tem seus três núcleos construídos de modo ainda mais frágil do que podemos verificar na MM.

Outro dado interessante. Até antes da megasaga “*Crise nas infinitas Terras*”, de 1985, que revolucionou a história de todos os personagens da DC, SH havia chegado à Terra bebê e durante os anos 60-80, havia sido um super-bebê (possuindo todas as suas habilidades e poderes), um super-rapaz até tornar-se o adulto poderoso, isto é, o SH. Kara Zor-L, nome kryptoniano da personagem que se tornou a Super-Moça, nunca, desde que apareceu em nosso planeta, tornou-se a Super-Mulher. Foi, para sempre, uma moça.

Em muitos aspectos, o tratamento – insuficiente – dado à prima do herói kryptoniano, foi similar ao dado à MM. Porém, se considerarmos bem, conseguiu sobreviver, apesar de tudo, às mais variadas crises dentro e fora dos quadrinhos. Na história *cult* de 1985, que chamaremos de “*Crise*”, Supermoça não apenas morre, como é banida da existência e da história das histórias em quadrinhos, como se nunca tivesse existido. Foi literalmente *apagada*. E claramente, tal fato tem seu valor e significado histórico. Em aberto. Um caminho a ser investigado.

Retomando nossa análise...

Caso a personagem tivesse sido regularmente publicada em uma revista, ainda que dividindo essa revista com outro (ou outros) personagens, se essa publicação não fosse atenta a respeitar, valorizar e preservar devidamente o material original, isto é, o desenvolvimento da mesma, isso já causaria uma deturpação (e demonstraria, possivelmente, uma intencionalidade) quanto à apresentação desta história e dessa personagem, em especial.

O que, eventualmente, poderia conduzir a uma constatação do tipo *inconstância* de história da personagem. Em suma, a publicação por si só, não daria a garantia necessária do respeito às transições vividas pela personagem.

Assim, de certo modo, temos na MM, uma personagem sem história. E a quem devemos isso? Ou quais os significados e reflexos disso? Em que medida (ou medidas) essa ausência de história exerceu ou não alguma influência para a realidade e para o imaginário feminino brasileiro de então? Ao menos, quanto a suas próprias aventuras.

A necessidade desse questionamento fica ainda mais evidente, quando pensamos que BT e SH, *contrapartes* desse trabalho de investigação, dispunham, cada um deles de, pelo menos três outros títulos próprios, um almanaque anual, além de várias edições especiais e da participação em encontros com outros personagens, em outras publicações, e, por fim, da constante participação nas histórias (e revistas) um do outro. Tais práticas, além de permitir o maior conhecimento da vida e atuação (heróica ou não) dos personagens, levou, evidentemente, a uma superexposição dos mesmos. O que, infelizmente, não se verificou com a MM.

Muitos editores, estudiosos ou críticos, já disseram que a criação de SH em 38 inaugurou um novo gênero de HQs e, mesmo a mais simples observação pode confirmar isso. E desde então, o que também observamos foi uma torrente ou mais, uma verdadeira enxurrada, de criação de heróis, heroínas, vilões, vilãs e personagens, os mais diversos, desprovidos ou não de poder, mas não de importância, nesse fantástico universo.

Dentro de uma perspectiva de classificação norte-americana, é verdade, porém, consagrada, o período que engloba os anos 30 e 40, é conhecido como a Idade de Ouro dos quadrinhos de ação. Dispondo de um sistema que se tornou cada vez mais eficiente e de maior alcance, cada personagem lançado pode, em muito pouco tempo, atingir um público quantitativamente significativo dentro e, pouco depois, fora do território norte-americano. Falaremos desse sistema, posteriormente.

Assim, tais personagens, femininos ou masculinos, tiveram os meios para conquistar um público que crescia exponencialmente, a cada novo personagem criado, movimentando uma complexa rede que, por sua vez, estimulava mais e mais, os criadores a criarem. Portanto, *alimentavam e realimentavam-se* mutuamente. Criadores, divulgadores e leitores.

Inúmeros, dentre esses personagens, alcançaram praticamente todos os continentes do planeta. Alguns fizeram isso em tempo recorde, outros levaram um pouco mais de tempo. Alguns atingiram lugares mais distantes do que outros. Alguns demonstraram mais poderes que habilidades humanas desenvolvidas ao limite, enquanto outros demonstraram

mais habilidades do que poderes. Outros ainda, mesmo sem poderes ou habilidades consideráveis, marcaram suas presenças nos quadrinhos.

Podemos afirmar, com um percentual muito próximo dos 100% de certeza, que quando esses personagens não ganharam um título (revista) próprio (a), eles tiveram, ainda que dividindo espaço uns com os outros, uma divulgação que permitisse seu conhecimento pelo público. O próprio número de editoras envolvidas nesse processo cresceu.

Igualmente verdadeiro é dizer que muitos desses personagens foram frutos diretos do contexto histórico e político no qual nasceram, notadamente, a Segunda Guerra Mundial, mais ainda, a partir da entrada dos Estados Unidos no conflito. Da mesma forma é correto dizer que, a vinculação tão direta ao confronto mundial que os fez surgir, foi, para muitos deles, a causa direta de seu desaparecimento, quando este teve seu fim. Ou, pouco depois disso, para outros casos.

As razões podem, e provavelmente serão diferentes para cada um desses personagens deixarem de ser publicados, mas, em comum, apresentam o vínculo à II Guerra Mundial. Alguns, no entanto, também por variados motivos conseguiram sobreviver e, em algum tempo, até crescer enquanto personagens e, enquanto mercadoria, aumentar suas vendas.

Creio que a própria MM esteve muito perto desse risco, num certo momento. Contudo, sobreviveu. E, como podemos comprovar, recuperou seu espaço e ampliou-o ainda mais.

A Guerra Fria permitiu ainda que esses personagens, e à própria MM, ganhassem uma sobrevida maior, após o final da II Guerra. A perda de seus poderes ocorre, efetivamente, no período que vai de 1969 a 1972, o que comentaremos adiante, no capítulo II, mas, antes disso, a personagem enfrentou grandes dificuldades e um *vilão* tão poderoso que atacou todos os heróis, inclusive SH e BT, ao mesmo tempo. Curiosamente, contudo, este vilão foi o mais real de todos, porque ele não pertencia ao mundo das histórias em quadrinhos. Era o Dr. Frederic Wertham.

A primeira grande dificuldade enfrentada, indiretamente, pela MM, ocorreu em 1947 quando seu principal criador, William Moulton Marston, faleceu, aos 53 anos de idade. Robert Kanigher assumiu a editoria e o roteiro das histórias por cerca de vinte anos, mudando sua personalidade, habilidades e armas. A ele cabem as seguintes mudanças: a

tiara usada pela MM passou a ser usada como um bumerangue inquebrável, seus brincos forneciam ar para respirar no espaço, cria uma origem para o avião invisível, que agora podia transformar-se num jato invisível e, torna-a menos uma feminista e mais uma heroína americana. Também, a partir desse momento, iniciou-se o ciclo *Steve Trevor quer casar com a MM*.

Elizabeth Marston, segundo citado pelo jornal *Bostonia*⁶, da Universidade de Boston, desaprovava as mudanças do editor, mas não confrontava com ele. Era uma pessoa prática. A personagem permanecia e os royalties estavam garantidos.

A segunda grande dificuldade foi a morte do desenhista que criara a personagem, H. G. Peter, em 1958, aos 78 anos. Peter desenhara a MM até o número 97 da revista “*Wonder Woman*”. Um ciclo de sua história estava terminado.

Tratemos antes de procurar entender quem criou a personagem. E tentar entender suas intenções originais com esta criação. Com a Mulher-Maravilha.

O Dr. William Moulton Marston, era um psicólogo e pesquisador que, segundo artigos encontrados em diversos sites da internet, tendo em vista a ausência de fontes mais diretas, era também um defensor das causas femininas e feministas, mesmo quando este não era um tema ainda para discussões mais amplas. Seja pela mídia, pelas autoridades em geral ou pelo público, enfim. Estudioso da relação entre pressão sanguínea e estados emocionais, é creditada a ele, a criação de uma máquina capaz de medir esses dados e, assim, constatar alterações (mentiras) nas declarações de quem estiver submetido ao seu exame. Ou seja, o polígrafo.

Marston escreveu ensaios sobre psicologia e acreditava que as mulheres eram mais honestas e confiáveis que os homens. Que podiam trabalhar mais rápido e de modo mais preciso. (Parte desse material pode ser encontrado na Internet, já que outras fontes não foram localizadas).

Ele acreditava que existem dois tipos de comportamento nas pessoas: ativo ou passivo. E, dependendo da percepção individual de seu ambiente ser favorável ou antagônico, poderia ocorrer a formação de quatro quadrantes, relacionando-se essa percepção aos perfis ativo e passivo, descrevendo assim um padrão de comportamento.

⁶ Retirado de artigo da internet. Contudo, o artigo em questão foi excluído.

Domínio produz atividade num ambiente antagônico.

Estímulo produz atividade num ambiente favorável.

Segurança produz passividade num ambiente favorável.

Submissão produz passividade num ambiente antagônico.

Marston, ainda neste mesmo artigo, propôs que haveria uma noção masculina de liberdade que é inerentemente anárquica e violenta em oposição a uma noção feminina baseada na sedução do amor que leva a um estado ideal de submissão amorosa a autoridade. Há um texto seu, criticando certos estereótipos de gênero na cultura popular, de 1944, publicado em “*The American Scholar*”⁷. Em certo momento, diz:

“Não apenas garotas querem ser garotas assim como nosso arquétipo feminino carece de energia, força e poder... O remédio óbvio é criar uma personagem feminina com toda a força do Super-Homem mais toda a sedução de uma boa e bela mulher.”

O psicólogo também pensava positivamente sobre os quadrinhos, especialmente em seu potencial educacional. Disse isso numa entrevista em 1940, em 25 de outubro e publicada, na revista “*Family Circle*”.

⁷ Internet. Artigo, em inglês, excluído da rede, que constava das páginas 42-43 daquele jornal, datado de 1944.

DON'T LAUGH AT THE COMICS

Everybody has always said it is story value—the primitive thrill of danger and adventure—that makes such strips as “Superman” so popular. But that’s not the real reason, says Dr. Marston, Family Circle psychologist, who tells what he thinks it is

WHEN Orson Welles announced in the course of a radio melodrama that octopus men from Mars were invading New Jersey, and people by the thousands believed him, I thought the world had gone mad. It seemed incredible that rational human beings could accept such a fantastic “news announcement” as truth, that they could dash about ringing fire alarms, telephoning hospitals and police, and calling out the National Guard to repel the Martians.

But this is how Dr. William Moulton Marston, THE FAMILY CIRCLE psychologist, explained it. “This episode in American spoofology is attributable almost entirely to the comics,” he told me. “Comic-strip stories like ‘Buck Rogers,’ appearing in daily newspapers and Sunday comics sections, and recently in monthly comics magazines, have created a world of fantasy that is almost as real to adults as it is to children. And that means that sane grownups sometimes cannot tell the difference between fact and fancy. There are millions of normal men and women today who have no mental resistance at all to tales of the weirdly impossible. No supernatural being is too illogical to believe in. Orson Welles’ fascinating radio experiment proved that Americans today are living an imaginary mental life in a comics-created world!”

I know from observation in my own household that children read the so-called funnies morning, noon, and—unfortunately—night, and that while they’re doing it there are no childish quarrels. Naturally, I had come to enjoy those peaceful interludes that followed the purchase of the magazines, but then Dr. Marston’s statement made me begin to wonder if comics magazines were poisonous mental

pacifiers, and I counted how many I personally had been buying. I found that the number was constantly increasing. Other parents made the same check, and among us we counted 84 different comics magazines. And the more enterprising youngsters traded them among themselves so that they might read all of them.

Parent-teacher groups, women’s clubs, and other parents’ organizations were starting to be a little worried over the possible harm such assiduous comics reading might do our future generations, when Stirling North, in *The Chicago Daily News*, added to the foment with his scathing indictment of the comics magazines. North pulled no punches when he said, “The lurid publications depend for their appeal upon mayhem, murder, torture, abduction, superman heroics, voluptuous females, blazing machine guns, and hooded justice.” He added that parents and teachers throughout America would be forced to band together to break the hold of the comics.

With terrible visions of Hitlerian justice in mind, I went to Dr. Marston, whose common-

“The Gumps” was the first important strip tease. It marked the comics’ departure from humor and piqued curiosity by never revealing quite all

sense and farseeing views usually quiet the tempest in the teapot.

“Do you know anything about comics magazines?” I asked. “Do you know how many are sold each month?”

If I thought the question might stick the Doctor, I was wrong—as usual. He said, “There are about 108 comics magazines on the newsstands. Sales figures show that between 10,000,000 and 12,000,000 magazines are sold every month. That means \$1,000,000 or more are spent every month by comics fans. There are, besides, another 3,000,000 or 4,000,000 comics magazines sold quarterly. Surveys show that on the average four children read every book sold. That makes a total of somewhere between 40,000,000 and 50,000,000 juvenile readers per month. And another 12,000,000 to 16,000,000 readers every three months. The magazines sell for 10c apiece, which brings the yearly retail sales to between \$14,000,000 and \$15,000,000.”

When I professed amazement at the Doctor’s detailed knowledge of the subject, he told me that he had been doing research in

this field for more than a year—and that he had read almost every comics magazine published during that time! I told him that the figures were pretty big for me, but that I gathered that just about every child in America is reading these magazines.

“That’s correct,” Dr. Marston said. “And surveys show that 86% of the parents enjoy reading them also. Which is still more amazing. Nothing like the comics-magazine movement has ever been known before. The comics sections of Sunday newspapers long ago became the Sabbath-day bible of more than 10,000,000 children. But now the comics magazines have become their weekday textbooks, and believe me, no youngsters ever studied their schoolbooks as they do these new comics!”

“How do you explain their appeal?” I asked. “I always assumed that the appeal of comics to children was humor. But you never see them laugh at the funnies. The one thing they take most seriously in life is their comics-magazine reading. Why is that?”

“The comics long ago ceased to be humorous,” Dr. Marston said. “More than 30 years ago Bud Fisher (Harry Conway) originated the comic strip that is now the oldest one published—‘Mutt and Jeff.’ That was intended to be funny and thousands of readers laughed with Bud. A few years later, in 1917, along came R. Sidney Smith with a serious story continuity and grotesque characters—‘The Gumps.’ You may think Andy Gump is a character to be laughed at, but Sidney Smith thought him an important human document. Even the humorous hangover which persisted in the laughable aspects of the chinless Andy was soon wiped out by such cartoon strips as ‘Orphan

Popeye might be considered the forerunner of Superman in that he was one of the earliest characters to perform feats of strength that, although preposterous, captured the imagination of youngsters

Annie’ and the avalanche of newspaper picture-stories which flourished during the 20 years following Andy Gump’s debut. Less than half a dozen of the whole lot were ever intended to be funny. And one of those—featuring Popeye—gained national popularity and made its creator Segar rich; not because readers laugh at it, but because Popeye eats spinach and from that previously despised vegetable draws colossal strength to perform feats that provoke admiration. As scores of newspaper story-strip characters devoted themselves to adventure with increasing se-

Figure 6. “Wonder Woman: the complete history”, p. 21.

Esta entrevista chamou a atenção do editor de quadrinhos, Max Gaines, que contratou o psicólogo como consultor educacional para a *National Periodicals* and *All-*

Americans Publications, duas das companhias que darão origem à futura *Detective Comics*. Isto permitiu que conhecesse vários heróis, *super-homens*, e imaginou porque não havia uma heroína.

Assim, inspirado por essa idéia, criou, em parceria com sua mulher (e parcialmente seu modelo), Elizabeth, para a criação da MM. Outra fonte feminina de sua inspiração foi a repórter que lhe entrevistara para a revista *Círculo Familiar*, Olívia Byrne, que usara o pseudônimo de Olívia Richard. Fez a proposta a Max Gaines que deu sua aprovação, mas optou por usar o pseudônimo de Charles Moulton. (Uma combinação de seu nome com o de Gaines).

O Dr. William Moulton Marston, era alguém de comportamento bem diferenciado do que se via naquela época e que, mesmo hoje, se houvesse caso (conhecido) semelhante, já causaria espanto para muitos. Pelo que se sabe, pouco antes ou pouco depois da entrevista concedida, ele estabelece um padrão familiar único, inusitado e, surpreendentemente equilibrado e equidistante entre sua mulher (*no papel*, isto é, oficial) Elizabeth e a jovem Olívia, como sua segunda esposa. O inusitado é que entre ambas também havia uma relação de casal. Em sentido espiritual, amoroso e físico.

Assim, os filhos de uma também eram filhos da outra e vice-versa. Legalmente, no entanto, o casal adotou os dois filhos que William havia tido com Olívia. Tanto isto é verdade que após a morte de Marston, permaneceram juntas até o fim. Criando seus filhos e vivendo em paz e harmonia. E quando Olívia morreu, Elizabeth permaneceu como a mãe de todos, vindo a falecer com cem anos de idade. (Olívia falece em 1980 e Elizabeth em 1993).

Ambas as mulheres, tinham características fortes, grande capacidade e determinação acima da média das mulheres, mesmo no meio urbano norte-americano, desta época. Especialmente Elizabeth que, num tempo em que poucas mulheres possuíam formação superior, formou-se em duas áreas. Em direito e psicologia. Essa era uma época em que a mulher precisava de autorização do marido para estudar.

É claro de se entender que, dentro desse contexto familiar e com uma visão diferenciada da mulher, em sentido geral, a criação da MM, inicialmente batizada como *Suprema*, foi um processo único em relação à criação de outros personagens. Masculinos ou femininos.

Tanto Olívia quanto Elizabeth contribuíram, sob vários aspectos dessa criação, mas, oficialmente, o crédito recaiu totalmente para o psicólogo. Já os direitos autorais, seguiram para sua esposa, quando este faleceu.

Os desenhos foram criados, desde o início, pelo artista Harry G. Peter, até seu falecimento em 1958. Seu estilo artístico, diferenciado para os quadrinhos de então, contribuiu para o enorme sucesso da personagem.

Em 1998 a DC lançou no Brasil, seis coletâneas de histórias de seus principais personagens para comemorar os 70 anos da editora. No volume número três, encontramos histórias da Mulher-Maravilha de 1942 a 2001, com direito a um texto/depoimento de Linda Carter, que protagonizou a série da Princesa Amazona na metade da década de 70.

Nesse mesmo ano, nos Estados Unidos, foi lançado o primeiro volume da série “*Arquivo*”, de histórias da MM nos anos 40 e, no final, há uma breve biografia dos criadores. Na parte referente ao Dr. Marston, relata que após cinco meses do lançamento da personagem, na revista All Star Comics, número 8, uma pesquisa entre os leitores colocava a MM e sete heróis principais, não mencionados, para que estes fossem enumerados. A Princesa Amazona apareceu em 80% dos resultados, como a número um da lista, batendo seu competidor masculino mais próximo por cerca de 40 (votos) por 1.

A seguir, temos a imagem de uma pesquisa (*diferente?*) entre MM e cinco heróis.

**DO YOU WANT US TO BE
REPRESENTED IN THE
JUSTICE SOCIETY OF
AMERICA AND TAKE
PART IN THEIR EPISODES
IN ALL-STAR COMICS?**

WE have received hundreds of letters from our readers, requesting that some of the features in SENSATION COMICS be included in ALL-STAR COMICS. And so we decided to ask all the readers of SENSATION COMICS to give us their opinion.

If you believe some of the characters from SENSATION COMICS should be represented in the Justice Society of America and take part in their episodes in ALL-STAR COMICS, fill in the coupon below and mail immediately.

Editor, Sensation Comics, 225 Lafayette St., N. Y. C.

Yes, I believe that some of the features in SENSATION COMICS should be represented in the JUSTICE SOCIETY OF AMERICA in ALL-STAR COMICS. I am listing below the features in SENSATION COMICS in the order in which I like them:

1.	4.
2.	5.
3.	6.

MY NAME IS AGE

ST. ADDRESS CITY & STATE

(Please Print name and address clearly and legibly)

FREE!

1000 COPIES OF
THE JULY ISSUE OF
SENSATION
COMICS
ABSOLUTELY FREE!

To a thousand readers whose entries reach us, we will send a free copy of the July issue of SENSATION COMICS. We have only 1000 copies to give away, so be sure to fill out your entry and send it now, so as to get your copy while they last! We will mail out the thousand free copies as the entries come in until our supply is exhausted.

It is not necessary to enclose this coupon in an envelope or mail it air-mail or special delivery. We suggest that you paste this coupon on the back of a regular government penny post card and mail it immediately to the Editorial Department, Sensation Comics, 225 Lafayette St., N.Y.C.

Free!

In addition to a thousand free copies of the July issue of SENSATION COMICS, EVERYONE who sends this coupon will receive absolutely free a WONDER WOMAN button, like the one above, in five brilliant colors!

You do not have to vote for WONDER WOMAN as first choice in order to get this button. You get this WONDER WOMAN button free of charge regardless of whether WONDER WOMAN is your first choice or your sixth choice. It will be mailed to you as soon as your entry is received.

Figura 7. "Wonder Woman: the complete history", p. 37.

Além da preocupação em enfocar o mundo feminino e suas questões, segundo (também) alguns artigos encontrados na internet, o psicólogo queria utilizar dos conhecimentos específicos de sua formação profissional, o que significa dizer, lidar com conceitos como arquétipos, id, ego entre outros, para estabelecer a personalidade da personagem. E, obviamente, isso passaria também pela abordagem de mitos, sobretudo, de mitos gregos.

Mas, também estava, com maior ou menor consciência, abordando (e reforçando) mitos contemporâneos. Notadamente, norte-americanos. Como exemplos, poderíamos citar o que repetidamente era veiculado por outras HQs, programas de televisão, filmes etc, isto é: a América como a terra da liberdade, o poder invencível, militar e econômico, dos Estados Unidos etc.

Desse modo, sob o comando (texto) de William e arte (desenho) de H. G. Peter, a MM nascida nos anos 40 era uma heroína sim, mas também uma feminista inflamada. Característica que perderá, entre outras, anos mais tarde.

Infelizmente, contudo, esse material não foi publicado (ou republicado) no Brasil, sendo desconhecido para a maioria dos leitores de quadrinhos. Exceto, se este dispôs de recursos para sua compra no exterior. E, ao contrário do que acontecera com SH e BT, em datas comemorativas próprias, não teve nenhum lançamento especial no Brasil, de suas histórias nas décadas de 40 a 60.

Algumas dessas histórias, só foram publicadas a partir da década seguinte, quando suas histórias individuais foram apresentadas pela Ebal, estando, portanto, seu público leitor, limitado a uma faixa etária. Apenas recentemente, por conta dos 70 anos da DC, tivemos acesso a algumas delas. (E algumas outras poucas histórias, de difícil localização, relançadas pela Abril). Duas exceções relevantes.

Primeira exceção. Em publicação recente por sinal, uma coletânea de histórias da Liga da Justiça, do início dos anos 60. Mas, das histórias individuais da princesa, praticamente nada.

Segunda exceção. Devido à comemoração dos 70 anos da DC, foram lançados seis volumes especiais, retratando diversos períodos de SH, BT, LJA, Flash, Arqueiro Verde e, claro, MM. O seu foi o terceiro volume e traz histórias selecionadas da Princesa Amazona, inclusive de quando foram publicadas aqui no Brasil.

A análise das histórias consequentemente desse período, forçosamente, fugirá ao Brasil, ou terá um tom mais generalizante, devido à falta de material de consulta.

Assim, a Amazona enfrentou provas mais agudas para ser conhecida e reconhecida como uma verdadeira heroína. Provas que o kryptoniano e o multimilionário desconheceram.

Mas, o grande desafio surgiu no final dos anos 40, quando um psiquiatra, Dr. Frederic Wertham, deu início a seus ataques aos quadrinhos e seus personagens. Por meio de artigos em revistas especializadas e numa espécie de cruzada pelo país, responsabilizava a crescente onda de violência empregada e/ou sofrida, por adolescentes, e a decadência dos valores morais, à leitura desse tipo de publicação.

Em 1948, faz parte de um simpósio onde apresenta um texto chamado “*A fisiopatologia dos quadrinhos*” (Outro artigo excluído da Internet).

O ataque principal ocorreu a partir de 1954, quando lançou seu livro, “*Sedução dos Inocentes*”.

Nesses textos, entre outros pontos, Wertham levantou duras críticas e suspeitas sobre o gênero e sobre os personagens. Por exemplo, abordou a relação entre Batman e Robin, como uma relação de caráter homossexual. Que as histórias de horror sugestionariam os jovens para que estes cometessem crimes. Que as mulheres eram sempre representadas como vítimas e vestindo roupas que destacavam, especialmente, *generosos* seios. Quanto à MM, afirmava que ela “... tinha que ser lésbica...”.

Desse modo, vemos que os heróis tiveram um adversário hábil e determinado, que encontrou (e soube ampliar) uma audiência para suas idéias. Que soube usar dos meios de comunicação e do seu prestígio profissional para divulgar essas idéias. E sua eficiente campanha, coincide, parcialmente, com um período politicamente muito instável, isto é, o *período macartista* e sua *caça às bruxas da era moderna*, o que significava dizer, caça aos comunistas e anti-norte-americanos. Um clima que, acredito poder dizer, possivelmente, assemelhava-se muito ao período do terror, de Robespierre e outros, durante o processo da Revolução Francesa. E aos processos de Moscou, durante o regime stalinista.

É certo dizer, como afirma Hobsbawn⁸ (1994) em seu trabalho sobre o século XX, que “... *Não foi o governo americano que iniciou o sinistro e irracional frenesi da caça às bruxas anticomunista, mas demagogos (*)... descobriram o potencial político da denúncia em massa do inimigo interno...*”. Isto é, ele (governo) não começou, mas utilizou-se, beneficiou-se e validou essa perseguição.

Essa perseguição direcionou-se especialmente ao setor de produção cultural e, mais particularmente aos filmes. Tempos depois, a indústria cinematográfica retratou esse período em diversas produções, como por exemplo, “*Cine Majestic*”, de 2001 e, “*Boa noite e boa sorte*”, de 2004.

Esse autor atinge o que nenhum vilão dos quadrinhos havia conseguido até então. Produzir o ambiente favorável para um forte controle de heróis, heroínas e demais personagens. Por cerca de 20 anos, vigorou o “*Comics Code Authority*” (ou, CCA), um sistema de censura sobre o material produzido e veiculado nas revistas, dentro dos Estados Unidos. (O mesmo país que se ufana por ser a *terra da liberdade*).

Para a MM, o CCA representou o final de sua postura como símbolo feminista, transformando-a em uma personagem quase anódina. Essa condição permaneceu, como já dissemos, até parte dos anos 70, quando as coisas começaram a mudar. Não apenas para ela, mas nos quadrinhos em geral. Mas esse é assunto sobre o qual trataremos posteriormente.

Nos países onde os quadrinhos já houvessem atingido um nível de penetração e consumo significativos, como era o caso do Brasil, por exemplo, verificou-se processo semelhante encampado por setores políticos, educacionais e da Igreja Católica, entre outros.

Os ataques eram crescentes, contundentes, generalizados contra editoras e publicações, utilizando não só os mesmos recursos, como matérias de jornais, depoimentos dos críticos (jornalistas, padres, autoridades etc), como também, de traduções de matérias de outros países.

Gonçalo Junior⁹ (2004), em seu livro, embora mais concentrado na fase dos suplementos juvenis dos diversos jornais, pouco abordando as revistas em quadrinhos, nos

⁸ Hobsbawn, Eric J. – *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Companhia das Letras, São Paulo, 1994. p. 232.

⁹ Gonçalo Junior – *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

dá um quadro bastante rico dos primeiros anos desse gênero de publicações, da origem e antagonismos entre as principais editoras concorrentes e, nesse quesito das críticas levantadas contra os quadrinhos, as ações que os principais editores adotaram como forma de resistência.

Roberto Marinho, proprietário da Editora Globo e Adolfo Aizen, dono da Ebal, tiveram mesmo, por um tempo, de unir forças, embora concorrentes e desafetos entre si, para enfrentar a pressão que se abatia sobre os quadrinhos. Entre outras ações que citaremos, Aizen cria dentro da sua editora, um código interno (moral) sobre as revistas que editava que, em caso de necessidade, poderia até alterar histórias. Visual, textual e graficamente. Reduzindo decotes nas roupas femininas, alterando o texto, ocultando ou reduzindo objetos considerados perigosos e impressionáveis para os olhos de seus jovens leitores (agulhas, armas, facas etc).

Também aqui, motivada por essa perseguição, surgiu um código de ética para fiscalizar os quadrinhos, com determinações e punições, em caso de desrespeito, definidas.

Façamos agora uma pausa momentânea nessas reflexões e consideremos a origem única, e evidentemente carregada de simbolismos, da personagem Mulher-Maravilha nas histórias em quadrinhos, propriamente ditas.

Tudo começa na Ilha Paraíso, lar das amazonas, até parte dos anos 80, onde essa sociedade exclusivamente formada por mulheres criara uma civilização voltada para o aprimoramento do corpo e da mente. Onde elas eram, ao mesmo tempo, treinadas desde crianças, para as artes do combate com e sem armas, para as ciências e para as artes. Embora não fossem dados detalhes sobre a origem de eventuais parceiros para justificar a concepção dessas crianças, elas efetivamente aparecem, em algumas histórias, realizando treinamentos militares ou outros tipos de estudo.

De certo, contudo, é que era proibida a presença de homens na Ilha Paraíso. Então, o que quer que acontecesse, deveria ser fora da Ilha. Tanto no vestuário como nos prédios e templos, o modelo de referência era a Grécia antiga. Mas, também podiam se verificar instrumentos e armas de grande avanço tecnológico.

O sistema de governo era a monarquia. A rainha Hipólita governava uma sociedade harmônica e pacífica, embora o preparo militar fosse parte importante e exaustiva na vida das amazonas. Mas sua função, inicialmente, pelo que sugerem as histórias, era mais

preventiva do que agressiva. Ou seja, mais voltada para a defesa do que para a conquista. O desejo de conquista limitava-se a um bem-estar físico e mental.

Apesar dessa paz, Hipólita, segundo a história, sentia a vontade de ser mãe. E orou a Afrodite que lhe ordenou pegar uma porção de barro e moldar uma criança. Hipólita segue as orientações da deusa e, mais tarde, a deusa, atendendo novas orações da rainha, dá vida ao barro que então se transformara numa linda criança. Hipólita a chama de Diana, em homenagem à deusa da lua e da caça.

Assim, em algumas poucas imagens, raramente repetidas em outras histórias, vemos algumas cenas da infância da futura Mulher-Maravilha. (Em algumas revisões do surgimento de Diana, Afrodite está acompanhada por Atena e, posteriormente, até por Hermes, que, juntos, teriam dado vida ao barro, originando daí a criança).

Bom, evidentemente o primeiro símbolo dessa narrativa é que Diana, não nasceu. Foi, literalmente, modelada. E, de acordo com a tradição bíblica católica, Adão, o primeiro homem criado por Deus e, segundo sua semelhança, ao ser punido por ter comido o fruto proibido ouve de Deus sua punição e no versículo 19, Gênesis 3,4. Ele diz: “... *porquanto és pó e em pó te tornarás*”, o que fica entendido é que o material usado por Deus em sua criação do homem foi a própria terra e a ela deu seu *sopro de vida* (*pneuma*).

Diana, uma criança de forma humana, dotada de vida por deusas e que mais tarde, delas ganhará grandes bençãos e poderes. Uma concepção feminina e feminista, em sua primeira versão, pois independe da presença masculina. E que, mesmo mais tarde tendo a inclusão de Hermes, não perde essa característica.

Figura 8. “Deuses e mortais”, p. 30.

Adão foi uma concepção (de afirmação) masculina e misógina. Pois só Deus participou dela e o fez à Sua semelhança. O que para a época significava dizer que Deus pertencia ao gênero masculino, e isso O tornou, desde então, em todas as formas de Sua representação, um homem. Nesse aspecto, entre Adão e Mulher-Maravilha, temos duas visões, contrárias entre si, sendo apresentadas.

Assim, em comum, ambos têm uma concepção que tem como pontos de partida, a religião e a fé ligada a essa religião, se, em primeiro lugar, entendermos a mitologia grega como religião, ou, ao menos, como expressão religiosa.

Outro símbolo igualmente evidente está no próprio nome do lar amazona. Ilha Paraíso. Ora, segundo a mesma tradição católica, Paraíso é o nome dado a um local reservado por Deus para sua criação suprema, o homem. Era outro nome para o Jardim do Éden. Um local de paz e prazeres sem fim.

Como foi dito, eventuais concepções, ou relacionamentos íntimos com homens, deveriam ocorrer fora da Ilha, o que preservaria o seu aspecto de Paraíso. As mulheres Amazonas conseguiram fazer isso.

A mulher da tradição (e, futura *maldição* para todas as mulheres), Eva, teria sido a responsável por sucumbir à tentação da serpente e provado da árvore que, por sua vez, simbolizava ao mesmo tempo, a árvore do conhecimento (e a mulher não pode e nem deve ter acesso ao conhecimento, como se pensava à época em que a Bíblia foi concebida como o livro sagrado dos católicos, e perpetuada como regra de conduta geral nos séculos seguintes, como bem nos mostra o trabalho da historiadora Michelle Perrot¹⁰ (2007) e, que também simbolizava, a natureza sexuada de ambos, homem e mulher. Então, o pecado de Eva foi duplo. Querer saber e ter mostrado sua sexualidade, quando, após morder o fruto, descobre a si e a Adão, nus.

Eva foi condenada pela moral e tradição católica, assim como Maria, mãe de Jesus, será minimizada e controlada em seu papel, no futuro. Mesmo destino para Maria Madalena. As mulheres, para a religião católica, parecem mais ser um *fardo* e um *instrumento* do que iguais, para uma religião que prega – mas não pratica – a igualdade.

¹⁰ Perrot, Michelle – *Minha história das mulheres*. Contexto, São Paulo, 2007. pp. 83-107.

É preciso se fazer um resgate de Eva (e de outras mulheres da história católica, e das mulheres, em geral) para, igualmente, se resgatar um diferente Adão. O tempo nos permite isso. Diria até, nos exige esses resgates. Para uma nova sociedade florescer.

Outras similaridades entre os dois relatos apontam para que, assim como foi dito aos católicos, “Crescei-vos e multiplicai-vos”, as amazonas, também se multiplicaram. Porém, enquanto que aos homens católicos era dado conhecer o saber, o conhecimento e os mesmos eram negados às mulheres, na sociedade da Ilha Paraíso, elas fazem o conhecimento e a tecnologia avançar além do mundo masculino, conforme as histórias da Mulher-Maravilha mostrarão, em diversos níveis.

Outra oposição que verificamos entre as histórias da Mulher-Maravilha e a tradição católico-cristã é que, na segunda, Deus expulsou ao homem e à mulher do Éden (Paraíso) por terem provado do fruto proibido. Sendo que a culpa maior, e a pena, também maior, coube à mulher. A *má*, a *imperfeita* e outros tantos adjetivos pejorativos que lhe foram e ainda hoje, parcialmente, são atribuídos à mulher que *tentara o inocente* homem.

Mulher-Maravilha deixa a Ilha Paraíso após resgatar e salvar de um acidente aéreo, um homem, o Capitão Steve Trevor, em plena Segunda Guerra Mundial, o que a faz deixar seu lar. Deixar o Paraíso. Nesse relato, o homem é o responsável pela saída do Paraíso. À mulher, cabem os adjetivos mais elevados. *Agora, ela é a Mulher-Maravilha*.

Outro ponto que consideraremos nessa análise e que difere, mesmo de outros personagens de linhagem real, como o Príncipe Namor (personagem da Editora Marvel) ou Aquaman (personagem da DC), que será indicado como rei de Atlântida, apenas para citar dois exemplos, é que o poder de governar da Mulher-Maravilha, se tivesse assumido tal função, viria de sua mãe.

Portanto, esse componente, relação mãe/filha entremeado por outra relação, a de rainha/princesa, e súdita, é única nos quadrinhos, e nos dá oportunidade para uma série de questionamentos, inclusive considerando diversos níveis de poder.

Um dos aspectos únicos está no próprio fato de ser uma das poucas personagens, talvez a única, especialmente nesse grupo, heroínas, em que a mãe efetivamente aparece e participa da vida da personagem. Tem *peso*. Já para os heróis, mesmo quando aparecem em *flashback*, vivas ou mortas, as mães, parecem só estar na história para, basicamente, compor o casal que gerou, ou criou, aquele indivíduo. São os casos de Super-Homem e

Batman. As famílias precisam ser cautelosamente consideradas. A família biológica e a adotiva. Oportunamente veremos estas estruturas, nas transições vividas pela Mulher-Maravilha.

Nos dois casos citados, Namor e Aquaman, embora não hajam referências mais específicas e o fato de Namor ser de fato, um príncipe de sangue real, ambos, no entanto, afirmam a linhagem de sucessão para um descendente do sexo masculino. Uma exceção de grande peso e, provavelmente a primeira nesse sentido entre personagens masculinos, ocorreu quando Diana Palmer Walker, esposa do Fantasma, teve gêmeos e o herói declara que ambos poderiam usar e herdar os direitos e os deveres de continuar a linhagem do Fantasma. (Em muitos aspectos, o primeiro super-herói. Mas esta é outra questão).

Isso se confirmará, posteriormente, com histórias dos jovens herdeiros da selva, em que ambos participam e que, também foi reforçada pela narrativa, inédita até então, de que no passado, uma irmã de um Fantasma, já vestira o uniforme e combatera o mal. Isso ocorreu entre o final de 1979, o nascimento dos gêmeos, e início dos anos 80. (Reproduzindo aí, o nascimento dos gêmeos que a esposa de Lee Falk tivera na mesma época do casal dos quadrinhos, conforme consta do texto da edição do nascimento daquelas crianças).

1.1 Mulher-Maravilha e o Nazismo

Este tópico, de imediato, nos traz alguns pontos importantes para refletirmos. Alguns tentaremos delinear neste trabalho. Outros, contudo, provavelmente merecerão esforço e tempo maior do que dispomos aqui e, portanto, um trabalho à parte. Uma dessas reflexões diz respeito ao dimensionamento de quantos personagens heróicos, com ou sem poderes especiais, foram criados antes da entrada dos Estados Unidos no conflito mundial e quantos, após essa entrada. Sabemos, por algumas referências, que o número deve ser próximo a duzentos. Mas não temos certeza do total exato. É claro que a quantificação não poderia, sozinha, permitir uma análise significativa, mas seria um bom começo para responder várias questões.

MM não surgiu especificamente para enfrentar o nazismo, bem como outros tantos personagens, mas também esteve constantemente envolvida e comprometida com este tema em suas histórias, durante a II Guerra Mundial. Em sua revista, editada pela Ebal, encontraremos o tema presente em vários números. Claro que consideramos aqui o acervo disponível e não todas as revistas do título “*Mulher-Maravilha*”.

A seguir, tanto quanto possível, relatarei as histórias que abordam esse tema, para, mais adiante, poder traçar comentários mais detalhados.

Já em seu primeiro número (1^a. série, dez./77), a história se inicia com um jantar pró-esforço de guerra na Casa Branca e, portanto, temos a presença do casal Roosevelt. Durante o jantar Roosevelt sofre um atentado e MM realiza o salvamento. As referências diretas ao período de guerra são, do ponto de vista do visual, os uniformes militares, incluindo aí, evidentemente, os da Tenente Diana Prince e do Coronel Steve Trevor, o presidente norte-americano e sua esposa e só, já que a história não está direcionada para este tema, apenas cita-o.

Quanto ao texto, o quadrinho que mostra uma cena geral do jantar, nos informa que ele ocorre no inverno de 1942 e, abaixo dele, portanto acima da 2^a. fileira de quadrinhos, sabemos que trata-se de uma homenagem a um *Comitê da Liga Juvenil para o Esforço de Guerra*. E, como dissemos, a história segue sem outras referências à guerra. Mas, é nesta história, que conhecemos uma das vilãs desse período das histórias de MM. A Mulher-Leopardo. Isto é, Priscilla Rich, uma das convidadas ao jantar que, mais tarde, revelará ter um problema de dupla personalidade, sendo, ela mesma, a Mulher-Leopardo.

Esta história mostra, portanto, a primeira aparição desta rival da Mulher-Maravilha e data de outubro de 1943, no número seis, da revista americana da MM. A personagem foi criada pela mesma dupla que criou MM, William Moulton Marston e Harry G. Peter. No decorrer dos anos, a personagem, *Cheetah*, em inglês, também sofrerá transformações e será vivida por outras mulheres e, até mesmo um homem, por um tempo, será *Cheetah*. Sem ser, é claro, chamado em sua versão em português. É, no mínimo, curioso notar que Priscilla Rich seja herdeira de uma fortuna.

Digo isso, porque se olharmos no universo do SH, um de seus maiores adversários, Lex Luthor, é um milionário. E, numa visão mais geral, embora existam vários heróis

herdeiros de fortunas, como é o caso do BT, o mais freqüente é que os heróis vivam de maneira modesta.

Já, em relação aos vilões e supervilões, é curioso notar como sempre conseguem, ou têm, condições para *comprar* (nem sempre eles realizam assaltos para custear seus planos) seus equipamentos e pagar outros bandidos para enfrentar os heróis, entre outras necessidades. Precisamos um maior estudo sobre os vilões, e vilãs, dos quadrinhos, para entender melhor suas motivações e mecanismos de ação.

Afinal, é comum vermos o vilão saindo, ou escapando, da cadeia, e já ter toda uma logística montada para seu próximo golpe. Isso ocorre tanto para os quadrinhos como para filmes, desenhos animados etc. (Esconderijo, asseclas, armas e outros materiais, por exemplo).

No número seguinte, a referência à guerra é mostrada na segunda página, como havia sido no número anterior, em que dois tanques inimigos, um americano e outro alemão, enfrentam-se no Egito, no início de 1942, próximos a uma pirâmide. Um raio é emitido de dentro da pirâmide e destrói os dois tanques. Em seguida, uma múmia levanta-se, rompe suas bandagens de linho e mostra-se como uma mulher de nome Osira.

Uma estranha *onda de paz* envolve a todos e Hitler teria feito um discurso para o fim da guerra, enquanto que no Senado americano, um senador declara que Pearl Harbor foi “... *um pequeno mal-entendido*”. Sabemos então que a onda de paz estava ligada a Osira, que enfrenta e aprisiona a Princesa Amazona ao mesmo tempo em que conta sua história.

Ela pertence a uma raça alienígena que, por acidente, vem para a Terra com seu marido. Eles pousaram no Egito, há milhares de anos atrás. Graças à sua tecnologia, conquistaram os egípcios e os governavam. E teriam ensinado novas técnicas a eles.

Anteriormente, Steve Trevor e a MM haviam sido atacados por um avião alemão e outro inglês. Enquanto enfrentavam-se, Osira e MM, Steve era prisioneiro dos pilotos e também fora vencido. Na última página, importante referência (ou erro), pois Osira mostra à MM, que está presa em um campo energético em forma piramidal, cinco heróis (Máscara, Elektron, Homem das Estrelas, Mr. Terrific e Johnny Trovoadas), membros da “*Liga da Justiça*”, presos em câmaras transparentes. E diz que os outros também foram presos e banidos para a lua. Para finalizar, vemos Osira beijar o Major Trevor e anunciá-lo como seu futuro marido e rei da Terra, sob o olhar aflito de MM.

Primeiro porque a história ocorre em 1942, quando ainda não havia a *Liga da Justiça* e sim, a *Sociedade da Justiça*. O engano deve ter ocorrido, e provavelmente intencionalmente, porque a história foi editada nos anos 70, quando, aí sim, existia a Liga e não a Sociedade. Segundo, porque os membros citados na história faziam parte da formação da Sociedade da Justiça, também conhecida como SJA. (A Liga também é chamada por LJA e surgiu em 1960. A SJA existe desde 1940.).

Outra história também ocorrida em 1942, no número 5, 2ª. série, mostra um encontro entre a MM e a tripulação de um navio nazista e, principalmente, conhecemos um agente especial nazista chamado Armageddon, que retornará mais adiante. A história começara no número anterior, mas neste número há um breve retrospecto do que havia ocorrido naquela edição. (Nesta revista, além da MM, temos uma história com a Turma Titã).

MM enfrenta um monstro marinho e vence-o ao mesmo tempo em que o navio dispara torpedos sobre o monstro o que causa um grande impacto, deixando MM inconsciente. Ela é levada ao navio e seus braços são amarrados. Dentro da tradição amazona, quando uma amazona tem seus braços atados por um homem, ela perde sua força física e sua força de vontade, tornando-se servil. Comentaremos isso mais adiante.

No navio ela descobre haver um homem que tem habilidades mentais que permitem o controle de seres marinhos. E que este o faz, pois os nazistas têm controle sobre seus filhos, obedecendo assim, às ordens do capitão do navio. O monstro marinho era controlado por ele. Sendo levada para ver como tudo acontecia, cria uma oportunidade de libertar-se provocando a tripulação, e usando sua destreza e velocidade amazonas, consegue expor e quebrar as correntes que a prendiam, usando as balas atiradas contra ela.

Novamente no mar, vence tubarões que atacavam um navio mercante e depois, em seu avião, decide ir combater o mal em sua fonte. Isto é, dirige-se à Alemanha. Enquanto isso, os nazistas realizam novo ataque, desta vez, contra navios ingleses na Grã-Bretanha. O ataque marinho é feito por milhares de peixes de diferentes espécies.

De repente, MM surge trazendo em seu avião os filhos do homem com poderes mentais e que havia resgatado na Alemanha. Enfrenta outra vez a tripulação e o capitão nazista e os vence. O homem, vendo os filhos a salvo, chama o monstro, do início da história, e provoca o afundamento do navio e a própria morte. É de se notar, que desse

homem só temos duas informações específicas. Seu nome, Freidrich e, o fato dele ser um judeu. Além, é claro, de ser pai de um menino e uma menina.

Paralelamente, Steve Trevor é capturado pelo sabotador nazista, Armageddon, de quem, mais tarde, consegue escapar. Seu envolvimento também está ligado ao número anterior.

Na edição seguinte, MM leva as crianças a um orfanato católico que rejeita as crianças por serem judias e ela questiona um rabino, sobre o preconceito existente nos Estados Unidos, ao entregar as crianças para um orfanato judaico. Depois vai ao hospital saber sobre Steve Trevor. Lá, disfarçado de médico, está um dos membros da SJA, Dr. Meia-Noite, assim como, um agente nazista infiltrado. O herói desmascara o agente e descobre que Armageddon está envolvido.

No dia seguinte ocorre uma reunião secreta entre o Estado Maior e o Presidente Roosevelt, que cumprimenta o Major Trevor. Pouco depois, ele sente-se mal e reaparece transformado como um monstro e ataca os soldados. Diana Prince dá lugar à MM quando ele já estava dentro da sala de reuniões, atacando a todos. Ela intervém e consegue provocar a fuga do monstro.

Depois, o Doutor Meia-Noite encontra Armageddon e outros agentes nazistas e luta contra eles. Os militares vão tentar deter o monstro e MM, que estava junto, tenta auxiliar o monstro a se acalmar, mas uma bala de canhão é lançada e ele é dado como morto. Em sua identidade de médico, o Doutor Meia-Noite acompanha os fatos. (Nesta história, fica claro que apesar de serem colegas na SJA, eles desconhecem as respectivas identidades secretas). A segunda história é a continuação da história anterior da Turma Titã.

No número 7, 2ª. série, finalmente, temos o encontro entre Armageddon e MM. (Ainda em 1942...). A história começa com ela atacando os soldados americanos e quando o Dr. Meia-Noite, em sua identidade secreta, revela que Trevor não está morto mas morrerá, se não for encontrado um antídoto para o veneno em seu corpo, ela se acalma. Ao buscar pistas de Armageddon, MM atende a um alerta sobre um grande incêndio.

No local encontra o sabotador nazista e eles lutam. Surpreendentemente, num dos chutes dados por Armageddon, os braceletes que desviam tiros e disparos de energia, entre outros, partem-se. Isso, para uma amazona significa a perda de sua sanidade e auto-controle.

Mais feroz do que nunca, ela ataca. Agentes nazistas ou soldados americanos. Tanto faz. Mas como ela é a maior de todas as guerreiras amazonas, com grande esforço, lentamente recupera seu autocontrole. Reaparece, noutro dia, como Diana e depois, através de uma pista, corre em busca de Armageddon, para encontrar o antídoto.

Numa cilada, o agente nazista vence com um gás à MM e amarra-a. Nesse momento, entre outras coisas, ele diz que suas botas possuem uma onda de alta frequência que pode desintegrar qualquer coisa. Assim, sabemos como conseguiu quebrar os braceletes da MM.

Mas a heroína liberta-se porque o laço mágico obriga a pessoa presa nele a obedecer ordens e a falar a verdade, mas como o nazista nada ordenara, ela pode soltar-se e os dois lutam. Para escapar, ele larga o antídoto obrigando que MM escolha entre pegá-lo ou prender Armageddon. Ela escolhe salvar o antídoto e com ele, Steve Trevor. A história da Turma Titã prossegue.

A edição de número 11, 2ª. série, é dividida entre uma história da MM e outra, da Turma Titã. Ela está cercada por soldados americanos mas sua mente os enxerga como soldados alemães, por isso, parte para atacá-los, mas, apesar de todo empenho, é golpeada e é presa. Assistindo a esta cena, surge uma figura em trajes gregos, apresentado como o *Duque dos Ardis*, figura, a propósito, inexistente na mitologia grega. Mas, esse é um tema que veremos mais adiante.

Em outro local, Flash I¹¹, conhecido no Brasil como Joel Ciclone, enfrenta sobre o rio Hudson, um monstro, que nada mais é do que uma ilusão. Em sua corrida, Flash I, se mostra bastante preocupado com a MM. Ele chega justamente quando o exército americano havia acabado de dominar a Princesa Amazona. Que, mais adiante, está numa cela e algemada. Paralelamente, o tal *Duque*, como é citado em alguns momentos da narrativa, cria um elemento de distração para o Flash I. MM vai a julgamento e o povo mostra-se revoltado contra ela. Essa distração será conhecida mais adiante.

Nesse momento, dentro da corte, surge uma figura dizendo-se um agente nazista que veio para derrotar MM. Ele declara ser “... *Siegfried, o veloz, herói da Alemanha*”. Ela reage e ataca-o. Acompanhando cada momento, vemos *Duque* afastar-se e, por ser quem é, gera uma ilusão ao ex-pequeno bandido que transformara em um grande chefe e ordena-o

¹¹ Quatro personagens usaram, em diferentes épocas, o nome de Flash. (O quarto Flash, também é conhecido como Impulso).

que ataque a Princesa. Novamente, ela é vítima de ilusões e se vê, outra vez, cercada por alemães, quando na verdade, está sendo cercada por americanos.

Depois ela tem outras ilusões até que finalmente entende o que enfrentava. E percebe o bandido responsável e o prende em seu laço e com ele, descobre os fatos, mas não a personagem principal envolvida neles. Também descobre que *Siegfried* era o Flash I e que era um plano de Trevor. Por fim, o *Duque dos Ardis* está junto a Ares que, insatisfeito com o fracasso de destruir a reputação da MM, sua missão, é punido pelo deus Ares com a calvície e uma aparência que destroem seu orgulho e sua vaidade. Ele enche-se ainda mais de rancor e ódio contra a amazona.

Embora o ingresso oficial dos Estados Unidos na Segunda Grande Guerra tenha decorrido do ataque japonês a Pearl Harbor, apenas no número 12 da revista da MM encontramos uma história envolvendo a Princesa Amazona e o Império Nipônico neste período. (A segunda parte da revista mostra a Turma Titã).

Naquela história, MM e Steve Trevor participam de baile beneficente de arrecadação de bônus de guerra enquanto que no Japão, uma trama desenvolve-se no sentido de matar a amazona. O local é assaltado por um ladrão, Saltador, que, também atacará em outro evento onde ela e Trevor estarão também presentes.

O agente japonês acompanha as cenas, sem se revelar, ativamente, até que neste segundo ataque do Saltador, num difícil momento para a MM, pois o ladrão tem uma criança como refém e ameaça jogá-la do alto do prédio, Sumô intervém e elimina o bandido com sua radiação mortífera. A menina, contudo, cai, mas é resgatada pelo avião invisível da amazona.

Antes de sua morte, o agente nipônico, que usava armadura e máscara especiais, revela-se para MM e ela o reconhece como o agente que, junto com o nazista Barão Blitzkrieg, havia enfrentado a ela e ao SH¹², quando estes tentavam obter a primeira bomba atômica do mundo.

Esta história, também ocorrida em 1942, é narrada por Espectro, personagem criado em 1940 por Bernard Baily e Jerome Siegel, um dos criadores de SH. (Segundo alguns, apenas Siegel teria criado o personagem e Baily o artista designado para fazer o esboço do

¹² In: “*Super-Homem contra Mulher-Maravilha*”, 1978.

mesmo). Importante também destacar que esse personagem pertencia à SJA, como a própria MM.

No número 13, uma edição especial, com 66 páginas, a revista apresenta uma história completa da Mulher-Maravilha. Uma edição especial, e reveladora, em muitos sentidos.

Após MM ter impedido o assalto a uma instalação governamental secreta, ela, como Diana Prince, e Steve Trevor são questionados por um deputado, Thomas K. Cole. Depois, esse mesmo deputado sofre um atentado e é salvo pela MM. Enquanto isso, na Ilha Paraíso, lar das amazonas, a rainha Hipólita decide chamar a Princesa de volta, quando Afrodite recomenda sua permanência junto aos mortais.

Ao retornar ao prédio, já esvaziado, em busca de pistas, a Princesa Amazona é capturada por agentes nazistas. Em seguida vemos Ares vencer Thor, numa luta no Olimpo, cercado por outras divindades, entre elas, Odin e Hércules. Três figuras acompanham Ares e são apresentados como: o *Duque do Logro*, o *Senhor da Conquista* e o *Conde da Ambição*. Nenhum deles, contudo, existe, dentro da mitologia grega.

Nesse momento Ares revela que um guerreiro possui um amuleto místico e enquanto usá-lo, este canalizará a força da guerra diretamente para ele e isso fará com que seu poder aumente mais e mais.

Noutra parte, Afrodite e Atena conversam sobre o crescimento do poder do deus da guerra. As deusas contatam Hipólita, e Ares comemora seu plano e astúcia.

Hitler aparece conversando com a Baronesa, agente nazista, enquanto um novo personagem, Bombardeiro, liberta a MM. Afrodite avisa Hipólita para que as amazonas fiquem em alerta. Ares surpreende as deusas e mostra-se bastante confiante de seu poder. As valquírias, guerreiras da mitologia nórdica, atacam as amazonas na Ilha Paraíso.

O Panzer Vermelho, outro agente nazista, e a Baronesa ocupam o mesmo prédio de antes e conversam sobre um importante objeto, que não é mostrado, mas que é bastante importante para ambos. A Baronesa possui um pequeno exército de mulheres como guardacostas, e outras, como suas escravas.

Na seqüência, MM e o Bombardeiro aparecem no *front*, embora o local não esteja claramente definido, lutando ao lado dos aliados contra soldados alemães. Um projeto

aliado, desconhecido, sofre perigoso atraso e os combates são desfavoráveis para os aliados. O Bombardeiro revela para MM que é o deputado Cole.

Ares *canta vitória* para Atena e Afrodite, que não mais se contém e o ataca. É facilmente afastada pelo deus da guerra. Em seguida, vemos a MM sendo informada por Hipólita sobre o objeto místico conhecido como *Disco de Ares*. Ela retorna a Washington e descobre que Trevor já não está sob suspeita do governo americano e pode, finalmente, agir.

Com informações obtidas de uma das ex-escravas da Baronesa, MM, Trevor e o Bombardeiro, seguem para a Alemanha para tentar recuperar a arma secreta dos alemães. Durante a luta, vencem a Baronesa, o Panzer e o próprio Hitler. É então que MM descobre que o *Disco de Marte* (indicando descuido ou desatenção pelo uso do nome romano do deus da guerra) está sendo usado pelo Bombardeiro e que ele está sob o domínio de Ares.

Ela tenta usar a força para retirar o objeto, porém, não tem sucesso. Nesse instante, aparecem as imagens de Afrodite e Atena e uma frase, em inglês¹³, e ela caminha direto para ele, como se fosse atacá-lo. Surpreendendo a todos, inclusive Bombardeiro, MM lhe beija, ao mesmo tempo em que agarra o Disco e o destrói.

Todos os conflitos mostrados anteriormente sofrem uma reviravolta total. Os aliados passam a vencer os alemães, as guerreiras amazonas conquistam vitória sobre as valquírias e o deputado Cole, agora recuperado, declara total empenho à causa do esforço de guerra.

Claro está, que este é o resumo que melhor preserva as várias frentes nas quais a história está apoiada, mas, está longe de cobrir todos os ângulos da mesma. Também vale destacar que nessa revista, há um texto na contracapa falando sobre a Mulher-Maravilha.

Em “*Mulher-Maravilha*”, número 14, a história tem início com o desfile em Nova York, no dia da vitória aliada. A questão levantada aqui, diz respeito ao destino dos militares. O que farão o general Blankenship, que era o superior de Trevor, Diana e Etta Candy, amiga de Diana, agora que a guerra acabou? Ao mesmo tempo, assinala a presença de um novo bandido: o Homem-Ângulo. (A Turma Titã está na segunda parte da revista).

A última revista a ter uma referência sobre o conflito é também uma que traz uma história completa da Princesa Amazona, a de número 22, e narra eventos ocorridos em abril de 1942, com algumas cenas em flashback. Aqui vemos a origem do agente nazista, o

¹³ “Women shall conquer men with love” (As mulheres devem conquistar os homens com amor).

Barão Blitzkrieg, além de conhecermos uma mulher que lidera um grupo da resistência francesa, que parece ter sido um símbolo real deste período, conhecida como Mademoiselle Marie.

Após atentado realizado na Inglaterra, contra um general americano, Diana e Trevor iniciam investigação. Como Mulher-Maravilha ela descobre um inglês que trabalha para os alemães e este conta a origem do Barão e confirma sua presença em solo inglês. O próximo alvo trata-se de um general inglês que ela salva, quando retorna ao Ministério da Guerra. O Barão então chega até o ministro Winston Churchill e ameaça matá-lo. Foge, levando Trevor, o general e o ministro como reféns. Ao chegar à França ocupada, são atacados pela Força Aérea alemã e MM precisa garantir a segurança do vôo para preservar os reféns.

Um avião, no entanto, atinge o avião pilotado por Trevor, que acaba caindo ao mar. Todos sobrevivem e são detidos por soldados alemães. Blitzkrieg identifica-se e ordena que lhe arrumem transporte. Tomam um trem que é também o alvo para um grupo da resistência francesa, por transportar soldados alemães. MM embarca disfarçada.

Descobrimos a intenção da resistência, ela tenta impedir que o trem seja explodido, o que a coloca em confronto com o grupo. Sua líder consegue dar um golpe na amazona que lhe permite prendê-la com seu próprio laço. Nesse ínterim, Steve Trevor tenta libertar a si e aos demais reféns, porém, sem sucesso. Interrogada por Mademoiselle Marie, a líder, MM revela o motivo de seu ataque e tudo o mais que ocorrera. Marie então, junto com seu grupo, oferece ajuda à Princesa Amazona e, por fim, vencem o Barão e libertam os reféns.

Portanto, dos 29 números disponíveis da Ebal, 12 apresentam histórias ligadas à Segunda Guerra e ao nazismo.

Embora ocorram significativas revelações em todas as demais edições, gostaria de destacar a de número 13, por ser, entre outras coisas, a primeira a estar totalmente dedicada à personagem; a primeira a ter um texto sobre a mesma, em contracapa; por estar totalmente voltada para o aspecto do envolvimento de MM no conflito mundial; por mostrar dois grupos guerreiros femininos mitológicos marcantes para as respectivas culturas de onde brotaram, e para o imaginário futuro, feminino e masculino, a saber, amazonas e valquírias, bem como o envolvimento destas com a crise mundial; por mostrar a figura histórica de Hitler de modo ativo dentro da narrativa desta história; pela presença e interferência das divindades olímpicas; pela combinação de elementos mitológicos e

científicos (força e poderes dos deuses, armas antigas e modernas, artefatos místicos e atributos humanos – positivos e negativos – etc).

Se este trabalho estivesse voltado apenas para o ano de surgimento da heroína, ou sobre sua ligação com o conflito bélico mundial, possivelmente, esta única história pudesse servir de referência de consulta, já que o fez, combinando tantos elementos, de modo bastante feliz. E, por isso mesmo, mereceria uma análise mais extensa e pormenorizada. As simbologias pululam, assim como os símbolos que a compõem. Contudo, o presente estudo tem um recorte temporal e temático mais abrangente, que nos leva a adiar essa análise para um momento futuro.

Também não poderia deixar de destacar aqui, às edições de números 19 e 20. Em ambas, encontramos o momento no qual as eleitas de Afrodite libertam-se de Hércules e, amparadas pela deusa, navegam em direção a uma *terra prometida*. Nas duas edições temos histórias sobre as amazonas.

Nessa narrativa, são atacadas e protegidas por diferentes monstros, encontram e salvam um rei, que é um centauro alado, deposto por seu irmão, de gigantesca teia de aranha em que também haviam sido capturadas e, finalmente, enfrentam e superam a aranha que tecera aquela teia. O navio podia navegar as ondas e os ares, ficando, por essa razão, preso à teia.

Um aspecto curioso, no mínimo, é que a aranha fala, e revela ser uma fêmea que matou, sem motivo, seu companheiro, pergunta à sua presa se – uma das amazonas – esta teria um companheiro e, finalmente, quando vencida, no último quadrinho, proclama a dor da vida e sua solidão. Essa representação da aranha, fêmea, nos remete a várias reflexões e suposições. De início, recorda-nos a narrativa de Ariadne, Teseu e o Minotauro, sobre a qual falaremos mais adiante.

Depois, nos faz considerar porque a aranha podia falar e o significado, ou significados, de suas falas. Além disso, na primeira parte da história, edição nº 19, uma lula gigantesca, enviada por Poseidon, atacara o navio e uma serpente marinha, enviada por Afrodite, defende as amazonas; já na segunda parte, a aranha aparece como uma ameaça não relacionada aos deuses olímpicos. Então, qual o sentido de seu surgimento?

Uma possível explicação poderia apoiar-se na referência à viagem cheia de perigos, enfrentada por Odisseu, rumo à Ítaca, após participar da Guerra de Tróia. Outra, apoiada na

narrativa da peregrinação de quarenta anos dos hebreus no deserto, após um período de escravidão no Egito, já que as guerreiras amazonas haviam sido escravizadas por Hércules.

Valeria também, uma análise mais extensa dessa história, já que há simbolismos variados e bastante ricos para uma melhor compreensão da representação do feminino. Contudo, pelas razões já expostas para a edição número 13, pretendo fazê-la em um momento futuro, para não comprometer o que aqui pretendo focar.

Retomando, a série de histórias diretamente ligadas ao período da Segunda Guerra Mundial, encerra-se no número 14, que inicia a história, justamente no desfile do Dia da Vitória, com o final do conflito e a vitória aliada. Assim, das 29 revistas disponíveis, 10 tratam, de modo mais ou menos direto, da temática da 2ª. Guerra Mundial. Ares, o olimpiano deus da guerra aparece tanto em histórias dessa época como nos anos 70 e 80, como um de seus principais adversários.

Dois agentes nazistas serão personagens relativamente frequentes nos anos 40: Armageddon, o principal sabotador do Reich e, aparentemente, desprovido de poderes e ou habilidades sobre-humanas e o Barão Blitzkrieg, também sem poderes especiais. Uma única agente feminina alemã, a Baronesa Paula, de quem pouco sabemos, pela história em que aparece, mas, que reforça a tese que temos nesse trabalho. Seja uma vilã, uma heroína ou uma personagem sem poderes especiais, as mulheres têm, nos quadrinhos, uma história minimizada, entrecortada.

De novo, o que conhecemos de informações sobre os vilões, heróis, familiares ou amigos dos heróis, é, de modo geral, muito superior, ao que sabemos das personagens femininas. Lara, Martha Clark Kent, Martha Wayne, Baronesa Paula, Diana Prince ou Mulher-Maravilha, são alguns exemplos disso.

A primeira, mãe biológica de SH, aparece pouco e possui poucas falas quando isso acontece, em histórias que mostrem algo da vida do herói em Krypton, seja como um bebê ou em algum tipo de viagem no tempo, ou por meio de algum outro recurso.

A segunda, mãe adotiva, costurou os tecidos que se tornaram seu uniforme, coincidentemente, das mesmas cores da bandeira norte-americana, numa referência, *intencional* ou não, à Betsy Ross. (Considerando-se que o herói surge em um período de

forte crise econômica, recorrer a um referencial histórico, ainda que questionável¹⁴, injetaria uma dose de auto-estima da qual os americanos careciam naquele momento).

Além desta *tarefa*, não contestada ainda, mesmo pós-Crise, Martha Clark Kent, foi mostrada apenas como a *mulher de Jonathan Kent e a cozinheira da família*. Coube apenas a Jonathan Kent, a tarefa de ensinar o herói a usar seus dons e ter seus valores e ética. O confidente e a autoridade estavam concentrados nele. O papel da mãe foi o normalmente destinado, e referendado, *papel de mãe*, isto é, alimentar, vestir etc. Só conheço dois heróis que, efetivamente, costuraram os próprios uniformes. Ambos da Editora Marvel. São eles: Homem-Aranha e Demolidor.

Martha Wayne, esposa de Thomas Wayne, mãe de Bruce Wayne. Surpreendentemente, é tudo isso que sabemos dessa mulher. Porque ela só aparece junto ao marido, ou ao filho, antes de serem assassinados, gerando o trauma que dará origem ao Batman.

Figura 9. “Batman – Ano Um”, p. 21.

¹⁴ Há controvérsias quanto à história (mito?) de Betsy Ross ter costurado uma bandeira americana.

Essa personagem, talvez mais que a maioria, expressa o próprio silêncio, o máximo silêncio que se impôs às mulheres nos quadrinhos. Ou na história. Como o herói, sistematicamente revive a cena. Sistemática e repetidamente, essa mulher *só* é retratada ao morrer num assalto. Para os quadrinhos, talvez ela seja a melhor representante da violência aplicada ao universo feminino.

Quanto à Baronesa Paula, sabemos ser uma agente nazista importante o suficiente para se encontrar com Hitler e que possuía escravas, segundo a já citada edição número 13. Para maiores informações, precisaríamos acessar outras histórias e fontes, nem sempre disponíveis. Bem, quanto a Diana Prince e MM, pouco a pouco, vamos sabendo um pouco mais, ao longo desse trabalho.

Além, portanto, de enfrentar os nazistas, Ares e Circe, MM precisou enfrentar o mal sobre outras formas. Osira e Maligna, mulheres de outros planetas, Inversão, Comandante Negro, Sumô, Giganta, Mulher-Leopardo, Rainha Clea (de Atlântida), Doutora Veneno e a sacerdotisa Zara. Algumas delas, reformuladas na Era de Prata, e que continuam aparecendo nas histórias modernas e outras que *desapareceram*.

Contudo, nenhum desses adversários e adversárias, teve a longevidade e mesmo, a força de penetração no imaginário, à exceção talvez de Ares, mesmo assim, com várias ressalvas, do que os *arquiinimigos* – expressão nunca empregada para qualificar as adversárias e adversários da MM –, mais famosos de BT e SH, como: Coringa, Lex Luthor, Pinguim, Mulher-Gato, Brainiac, Metallo, Duas-Caras, Bizarro, entre outros.

Primeiro, a exceção feita a Ares, cabe por ser ele um deus olímpiano e servir de referência como inimigo de outras heroínas como “*Xena, a Princesa Guerreira*” (seriado televisivo), de quem era um dos principais adversários, já mencionada anteriormente, e heróis; desta vez, como aliado, de Thor, da editora concorrente, a Marvel. Ares já apareceu em desenhos animados de televisão (“*Cavaleiros do Zodíaco*”, por exemplo) e de mil e uma maneiras. Sua longevidade é própria e vem da mitologia grega. Outra exceção, que segue características semelhantes, é a figura de Circe.

Os inimigos da Princesa Amazona, ao que parece, não possuem, a mesma força impactante de um Luthor ou um Coringa. E, parte do sucesso dos heróis, está ligada às dificuldades que têm para superar. Portanto, à força de seus inimigos. Claro está que há

mais, muito mais, para entendermos, e explicarmos, o sucesso maior ou menor de determinados personagens, mas essa similaridade existe.

Ou seja, a admiração por um personagem da vida real ou dos quadrinhos, por exemplo, é, de modo geral, proporcional às dificuldades por ele superadas. É, não tenho dúvida disso, uma característica que trazemos em nós, como seres humanos. Ouso mesmo dizer, uma característica histórica.

E, nesse sentido, como consequência disso, somada à frequência de exposição que temos desse personagem, na história como nos quadrinhos, ele ou ela, em menor proporção, já que as personagens femininas em ambos os mundos, não desfrutam de exposição equivalente às masculinas, tornam-se mais ou menos familiares e ou, mais ou menos admiradas. No caso dos inimigos e inimigas da MM, como foi dito anteriormente, talvez só surja o nome de Ares, pelos motivos expostos.

O surpreendente então, é que mesmo assim, não apenas a personagem sobreviveu, e cresceu, mesmo após o final da Segunda Guerra Mundial, onde Ares foi um personagem bastante presente, direta ou indiretamente, como também o seu público. Isso, por sua vez, atesta, entre outras coisas, que, definitivamente, William Moulton Marston antecipou bem a necessidade de uma personagem feminina forte para um novo modelo feminino. Que Harry G. Peter, construiu, visualmente, esse modelo, que mesmo modificando-se nas mãos de outros desenhistas, acompanhando outros aspectos de transformação (social, cultural etc), de modo espetacular, ganhara vida própria.

Atesta ainda e, sobretudo, algo que acredito ser uma característica feminina marcante e cada vez mais ao longo dos tempos, que é a sobrevivência com superação. Isto é, que mais que sobrevivermos, nos recriamos cada vez com maior força, a cada prova. Conservando a memória de nossos enganos e assumindo a nossa própria história.

É certo, contudo, que esses caminhos, da MM e nosso, digo, das mulheres, está repleto de sinuosidades, elevações e depressões. Fazendo assim, de certo modo, um curioso paralelo com nosso próprio corpo. São, afinal, estes os caminhos que busco apresentar aqui.

1.2 A sensualidade do mal e a virtude do bem

Um dos pontos levantados pela crítica do Dr. Frederic Wertham, era a de que as mulheres representadas nos quadrinhos, tinham seus corpos, ou detalhes deles, excessivamente expostos, provocando assim pensamentos inadequados à boa formação dos jovens (norte-americanos), e portanto, em idade ainda instável.

De imediato, por ora, deixemos que uma possível misogenia do psiquiatra ou, uma repressora e dúbia cultura protestante tenham provocado tal fixação. Consideremos, no entanto, outros aspectos. Inicialmente, e por muitos anos após sua criação, MM usou um sapato de salto alto fino, que, convenhamos, não seria o mais adequado para uma luta contra o mal. Mas, esse mesmo salto, tinha a finalidade de reforçar a imagem de sua própria feminilidade, que o *bom doutor*, parece não ter considerado em sua análise.

Seu uniforme, de fato, deixava transparecer suas pernas, que, por serem de alguém habituada desde cedo aos exercícios, insinuavam firmeza de músculos e de passos suaves, devidos aos saltos por ela usados. Contudo, o médico parece também não ter notado que a heroína usava sobre um short, uma saia, para preservar sua virtude.

Em contrapartida, pelo que sei, ele nada falou sobre, contra ou a favor, dos uniformes usados pelos heróis. Tão pouco parece ter considerado o comportamento recatado, até em excesso, de heroínas e heróis. É de se imaginar se o Dr. Wertham teria, por exemplo, restrições à estátua de Davi de Michelângelo.

Contudo, dentro da realidade de seu tempo e de sua cultura, é possível ter alguma compreensão sobre certos níveis de suas observações quanto à vestimenta das personagens, sobretudo, femininas. Ainda sim, para um país de clima tropical como é o caso do Brasil, parece que este não foi um empecilho de grandes proporções para a heroína. Penso que tenha enfrentado como maiores obstáculos em sua divulgação por aqui, dois aspectos centrais.

Um, de caráter mais especificamente sócio-cultural, isto é, quanto à uma resistência, talvez mesmo uma oposição, a se apresentar uma personagem física e moralmente tão forte quanto independente como é a Princesa Amazona, dentro de uma realidade social pautada por valores predominantemente católicos, portanto, sexistas, que, em certa medida e em

certos aspectos, ainda que nem sempre com as mesmas justificativas dadas em um contexto protestante, coincidiam em limitar ao máximo possível, a presença e a ação das mulheres.

Outro, de aspecto mais editorial-econômico, que seria, de um lado, não divulgar, em proporções semelhantes aos recursos aplicados a personagens masculinos, uma imagem feminina heróica e independente; de outro, que estaria embasado na insegurança quanto à sustentabilidade e rentabilidade de um título próprio, de personagem com essas características.

Como já foi dito anteriormente, a Princesa Amazona só foi editada no Brasil, a partir de dezembro de 1969, dentro da revista ‘*Quadrinhos*’, 1ª. série, que teve 28 edições (números), em formato americano, com o título ‘*Os Justiceiros*’, dado inicialmente às histórias da Liga da Justiça da América, também conhecida como, LJA.

A partir de outubro de 1972, teve suas histórias individuais contadas na revista “*Quem Foi?*”, 5ª série, na fase em que perdera seus poderes, num total de quinze números. Outros sete números da mesma fase foram lançados, a partir de novembro de 1972. E, só ganhou revista própria, na revista “*Quadrinhos*”, lançada a partir de dezembro de 1977, com um total de 43 edições. Teve apenas duas edições extras exclusivas: uma em junho de 1982, da série “*Lançamento*” e outra, de “*Superman*”, em julho do mesmo ano. Todas essas histórias foram lançadas pela Ebal, de propriedade de Adolfo Aizen e constam de detalhado levantamento realizado por Ezequiel de Azevedo¹⁵ (2007), sobre esta editora.

As histórias aqui consideradas, portanto, só chegaram ao Brasil após 20 ou 30 anos de seu lançamento original. O que dá uma boa idéia de nosso *atraso* e desconhecimento da história da personagem, além de uma melhor compreensão das resistências que possa ter encontrado sua publicação, reforço, fora da ação grupal representada pela Liga da Justiça, em nosso país.

Em outras palavras, ela praticamente entrou no mercado brasileiro, quando estava despojada de sua condição de super-heróina, quando ficara sem seus poderes de amazona. Quando estava, enfim, mais *vulnerável* e *descaracterizada*. Isto é, sem o conhecido uniforme de Mulher-Maravilha.

¹⁵ Azevedo, Ezequiel de – *Ebal: Fábrica de Quadrinhos. Guia do Colecionador*. Via Lettera, São Paulo, 2007

Um dado, que, pode ou não explicar certa resistência numa maior exposição da Princesa Amazona, mas que deve ser cautelosamente analisado diz respeito à presença quase constante de duas personagens na história, ao longo desses quase 70 anos de vida.

Do Major Steve Trevor, já falamos um bom bocado. Do fato de ser um personagem secundário, mas significativo para explicar a saída da Ilha Paraíso e início da missão heróica da MM. Do fato de ter morrido e depois revivido. E, após uma *segunda morte*, ter se encontrado *magicamente* um *duplo* dele, num mundo paralelo, que ingressa, novamente, no mundo da heroína amazona. E ainda, especialmente a partir de certo momento de sua história, sistematicamente tentar desposar a MM.

Por fim, que toda essa trajetória deste personagem, de modo mais ou menos consciente, estaria lá, na vida da MM, sobretudo, para lhe conferir maior identidade feminina, já que, numa visão social mais estreita de mentalidade e mais larga de aceitação social, uma das maiores aspirações, e finalidade, de vida para uma mulher, é o casamento. E a outra, obviamente, a maternidade. Conseqüentemente, a identidade feminina só se afirmaria por uma presença e uma ação masculina.

Porém, outra presença atravessa quase toda a vida da personagem. Trata-se de Etta Candy. Nos anos 40, Etta foi apresentada como uma líder de um grupo de alunas de uma escola de ensino médio, como chamamos hoje em dia. Eram chamadas de *garotas Holliday*. O nome – informal – do grupo de jovens, sugere, que atuavam esporadicamente junto à MM, já que, *holliday* significa férias, em inglês. O nome também guardaria relação com a escola, que, por sua vez, tinha esse nome.

Não era também, podemos dizer, um nome impactante como o de outros grupos de jovens heróicos, com ou sem poderes, como por exemplo, Turma Titã. Mas sua composição era única em relação a todos os outros grupos, pois era formado exclusivamente por moças.

E, contrariamente a todo padrão – da época ou mesmo de nossos dias -, enquanto as jovens possuíam um corpo de padrão de beleza médio porque eram magras, sua líder, Etta, não era como elas.

Infelizmente, desconheço se há uma história que mostre como a Princesa conheceu Etta e as demais garotas e como ou porque se estabeleceu este vínculo entre elas. Um vínculo de amizade e de heroísmo. E, se houver tal história, não sei como adquiri-la. Mas, certamente, poderia esclarecer um pouco mais das vidas de Etta, Diana Prince e MM.

E, tratando-se desse aspecto, e apenas nessa fase, já que a personagem de Etta Candy sofrerá transformações ao longo da história, ela e as garotas Holliday, serão, por um breve tempo, companheiras (eventuais) de luta contra o mal, o que também rompeu com padrões vigentes nos quadrinhos, dos anos 40 aos dias atuais. Porque colocou uma dupla de mulheres contra o mal, em moldes encontrados, até então, apenas entre personagens masculinos como: Batman e Robin, Super-Homem e Jimmy Olsen, Aquaman e Aqualad, entre outros.

Nas histórias lançadas aqui nos anos 70, mas ambientadas, e provavelmente publicadas no mesmo período em que foram situadas, na década de 40, Etta Candy é apresentada, como se fosse pela primeira vez, na história, como uma oficial do exército americano, atuando junto ao Capitão Steve Trevor, dentro do Serviço de Inteligência, antes mesmo do ingresso de Diana Prince àquele departamento. Apenas sua forma física, acima do peso, foi mantida.

Também aqui, a falta de história ou possibilidade de obtê-la, sugeriu que a personagem foi reintroduzida na vida da heroína, com uma nova personalidade, sugerindo assim um novo primeiro encontro entre as duas.

Nesta fase, Etta não é mostrada como uma mulher de ação, de combate. É, mais uma secretária/datilógrafa do que uma agente.

Pela antiguidade da personagem, embora sem elementos para uma confirmação definitiva, creio que Etta foi também uma criação do próprio William Moulton Marston, que, por seu histórico, creio eu, não deve tê-la imaginado gorda para realçar a beleza/magreza da MM, o que seria uma leitura simplista, a meu ver mas, sim, uma personagem que, fazendo parte e parceria com a MM, diria que aquela força e independência da amazona estariam ao alcance de todas as mulheres, sem restrições a padrões estéticos de qualquer natureza. A amizade entre elas mostra a ausência de malícia ou maldade, características por si só, contrárias a quem veio com uma divina mensagem de amor, como era o caso da MM, e sua mensagem da deusa Afrodite.

E se Etta foi concebida com algum outro simbolismo além desse, ousou arriscar dizer, que este símbolo teria praticamente o conteúdo acima descrito, já que, nesse sentido, Etta seria a representação, ou a face mais humana da MM. O Dr. Marston, nesse caso, teria uma jovem mulher para demonstrar que todas as mulheres poderiam ser tão determinadas

quanto a MM. Ainda que esteticamente esse acesso lhes fosse mais dificultado. Que bastaria apenas a própria vontade para superar os obstáculos.

Assim sendo, a história da personagem estará, nesse período, ligada a dois grupos exclusivamente femininos: as amazonas da Ilha Paraíso e as garotas Holliday. Não posso afirmar que a crítica de Wertham à MM e sua afirmação, em tom condenatório, de que a heroína fosse lésbica por manter contato com um ou ambos os grupos, ou se por possuir, gráfica e intrinsecamente, uma personalidade forte e marcante, ou; ainda, se por possuir uma força física incomum a uma mulher normal de sua época, ou; finalmente, por todas essas características combinadas entre si.

O que ressalta aqui é a acusação e o julgamento preconceituoso à personagem, ao comportamento homossexual feminino, tido então, na época, como uma doença, e, aos quadrinhos em geral.

Ao mesmo tempo, as garotas Holliday, podem também serem vistas como um símbolo e uma garantia extra da virtude do bem, justamente, por ser um grupo. Isto é, ao contrário dos heróis anteriormente citados, para os quais há um único e especial, companheiro de aventuras, a MM não tem um vínculo desse tipo. Então, sua virtude, está preservada.

Consideremos agora um pouco a questão da sensualidade do mal. Esta *sensualidade*, não limita-se apenas, à aparência física, atraente, das vilãs ou vilões das histórias, mas sim do próprio mal. Pois se este não for suficientemente atraente, como poderá tentar e subverter os bons instintos? Claro que a aparência visual, tanto quanto a beleza para o bem e a virtude, farão parte das personagens maléficas, inclusive para seduzirem os heróis. Exemplos: Mulher-Gato e Batman, Gata Negra e Homem-Aranha. E, neste caso, paradoxalmente, o mal está fixando a imagem, freqüente e comportamental assexuada, dos heróis. E das vilãs, como excessiva e exclusivamente, sensuais.

Então, as carícias serão limitadas e os desejos, apenas insinuados. Os beijos poderão ocorrer, com a função de incrementar uma imagem máscula e heterossexual, que, reforçarão o conceito de herói virtuoso, ou heroína virtuosa, ou, ocorrerão, para destacar uma dinâmica transitória ou permanente, dentro do desenvolvimento da narrativa como um todo.

As vilãs e os vilões, entre si, com ou sem poderes, contudo, indo contra uma idéia pré-estabelecida, também não demonstrarão, comportamentos inadequados (ou impróprios), o que os aproximará de heroínas e heróis, como seguidores (e defensores) de determinados padrões morais.

Assim, em especial, nesse período, o que teremos é a predominância do recato, da virtude. Para bons e maus, igualmente. O passar do tempo, modificará este quadro.

A idéia de virtude com isso estará ligada, de um lado, à capacidade de resistir à sedução, em todas as suas formas e, de outro, à vigilância que se aplicará sobre outros personagens, nesse mesmo sentido.

A virtude, do herói ou da heroína, deve ser absoluta e permanente. Contudo, enquanto SH surge no final dos anos 30 observamos que sua personalidade, e com ela, sua virtude, eram bem diferentes do que tornou-se conhecido posteriormente. Isto é, *“Na história original de Siegel e Shuster, a personalidade de Superman é rude e agressiva. O personagem é visto combatendo gângsters, violência doméstica, com um código moral pouco ortodoxo. Escritores posteriores suavizaram o personagem, e introduziram um idealismo e um código de conduta moral. Mesmo não sendo tão sangue-frio quanto o Batman original, o Superman apresentado na década de 30 não tinha consciência do dano que sua força podia causar, agredindo vilões de maneira que fatalidades presumivelmente ocorriam, mesmo que não fossem explicitamente mostradas nas páginas. Isso terminou em 1940 quando o novo editor, Whitney Ellsworth, instituiu um código de conduta para seus personagens seguirem, extinguindo qualquer assassinato causado pelo Superman”*¹⁶.

Mas, mesmo após tal modificação, deve-se notar que a cobrança feita ao herói, e mais ainda, sobre a heroína, é, não menos que a perfeição. Uma perfeição que as pessoas comuns, dos quadrinhos ou do *mundo real*, não possuem ou não buscam para si mesmas. Uma perfeição que, por algumas histórias, de épocas posteriores, se mostra extremamente frágil, quando o herói, ou a heroína, são, justa ou injustamente acusados de algum ato condenável como traição, assassinato, promoção de algo (causa ou de algum evento) ou de alguém, inclusive, autopromoção, entre outros temas.

A fragilidade dessa perfeição heróica, revela-se por uma rápida mudança coletiva e social que antagoniza, deprecia, acusa, julga e condena o herói de modo mais ou menos

¹⁶ Internet. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Superman> (Tópico: Personalidade)

gritante. E, após este empreender uma busca dos elementos que provam sua inocência, que, salvam assim sua virtude, de fazer o bem, há, basicamente dois caminhos padrões em tais histórias. Ou, a população esquece simplesmente do quanto acusou, julgou e condenou o (a) personagem, como se nada tivesse ocorrido; ou, se mostra reticente quanto à presença e atuação do herói.

Ao mostrar tais situações, os quadrinhos fazem não mais do que retratar os valores presentes tanto na sociedade e na época da qual fazem parte, como também, retratar aspectos da condição humana que permanecem, ou até, acentuam-se, conforme os anos passam. Ou, independentemente, da passagem deles.

E, ao fazerem isso, propiciam uma amostragem de caráter histórico-sociológico, do que temos ou não, como referenciais de valor, conduta e real prática de conduta numa sociedade urbana tecnológica contemporânea.

O surgimento desse tipo de questionamento/exposição de heróis/heroínas em narrativas sobre a validade da ação heróica ou da real virtude dos personagens, embora presente desde o início de suas aventuras tornou-se mais freqüente, explícita e contundente, sobretudo a partir da metade dos anos 80.

Um exemplo desse tipo de narrativa encontra-se no número 11 da revista “*Mulher-Maravilha*”, da EBAL, de outubro de 1978.

Outros heróis também são vítimas mais ou menos constantes desse tipo de vigilância social, como é o caso, mais especialmente, do Homem-Aranha, que tem em J. Jonah Jameson, dono e editor de um jornal, um de seus maiores adversários e críticos, que o colocou, praticamente desde a primeira aparição, como um inimigo da cidade, apesar do quanto este tenha feito de ações heróicas. Ele usa do poder da imprensa, seu jornal, para difamar o herói aracnídeo, suas atuações e seu caráter.

A origem de tal postura é dupla, pelo que se depreende das histórias. De um lado, possivelmente o mais forte e verdadeiro, é que o editor entende que um herói não deve se esconder sob uma máscara como faz o Homem-Aranha, mas sim, deve ser alguém como seu filho, um astronauta. Ou seja, o filho do editor é que seria o verdadeiro herói a ser admirado e aclamado. Mas, quem ajuda a vender o jornal, é o *aracnídeo*, como é chamado, com freqüência, o Homem-Aranha. De outro, uma gratuita rejeição a justiceiros e vigilantes, que é a maneira pela qual vê e julga o herói.

Sua rejeição, nesse caso, ou sua incompreensão à admiração coletiva, isto é, da sociedade, é tamanha, que, mais de uma vez, financiou cientistas e aventureiros para que estes atacassem e derrotassem o Homem-Aranha.

1.3 A Sociedade da Justiça da América (anos 40 – SJA)

A Sociedade, inicialmente apresentada no Brasil, como “*Os Justiceiros*”, não refletia com a clareza e a força pretendida, e posteriormente concretizada, que o nome SJA daria. É preciso entender, que os grupos heróicos, assim como os indivíduos, também sofreram mudanças no decorrer dos anos.

A SJA teve acréscimo e decréscimo de membros, desde seu lançamento na revista *All-Star Comics número 03*, em 1940. Uniformes, poderes e habilidades também se modificaram. A Liga da Justiça, LJA, foi uma recriação, atualizada, da Sociedade, que ocorreu a partir dos anos 60, como veremos a seguir.

Isso, basicamente nos coloca diante de uma SJA pré-Crise e outra, pós-Crise. O mesmo raciocínio geral aplica-se à LJA. No período de 1963 a 1985, os dois grupos puderam, vez ou outra, encontrar-se. Nos Estados Unidos, esses encontros foram anuais. No Brasil, sem uma regularidade fixa nem quanto a data nem quanto à totalidade dos membros dos dois grupos estarem presentes.

Outras histórias da SJA, posteriores à Crise, deram origem a novos grupos, que puderam abordar temas que não caberiam em outras revistas. Mas esse material, não é o nosso foco aqui.

Os membros da SJA nos anos 40 eram: Sr. Destino, o 1º. Lanterna Verde (Alan Scott), o 1º. Flash (Jay Garryck; conhecido no Brasil como Joel Ciclone); Homem-Hora, Gavião Negro (Hawkman), o 1º. Átomo, Espectro, Sandman, Jhonny Thunder (Jhonny Trovoadá, no Brasil), Thunderbolt, Dr. Meia-Noite, Starman, Pantera, Senhor Incrível (o original), Superman e Batman (ambos da Terra 2), Canário Negro (original), Mulher-Gavião (original – Hawkwoman) e Tornado Vermelho (original).

Agora, graças à criação das *Infinitas Terras*, isto é, de incontáveis mundos paralelos criados ao longo de vinte anos (entre os anos 60 e 80) e, as modificações na linha temporal da DC, portanto, de seus personagens, faz a compreensão da participação da MM algo não tão simples, para quem desconhece o universo dos quadrinhos.

Primeiro, porque na lista de membros oficiais, regulares e fundadores da SJA, encontramos o nome de Miss América. Este foi o nome dado à MM, no Brasil, por algum tempo. A confusão agrava-se porque tanto a DC quanto a concorrente, Marvel, possuem uma personagem com esse mesmo nome. No caso, essa Miss América (também surgida no ano de 1941), não era a MM (Diana Prince) e sim, Joan Dale Trevor, que, num acidente, ganhou o poder da transmutação molecular (matérias orgânicas e inorgânicas). Mas sua participação no grupo aconteceu apenas para a cronologia pós-Crise. O que significa dizer que sua participação nessa época, foi descartada.

Outro nome presente é o de Mulher-Maravilha, porém, esta é a Mulher-Maravilha da Terra 2. Isto é, trata-se de outra MM, não a que temos nas revistas de hoje. Sua atuação no grupo, pela nova cronologia, aconteceu até o evento *Crise nas Infinitas Terras*.

Por fim, temos a própria Rainha Hipólita. Sua participação é posterior à *Crise*. Tendo, recentemente, viajado no tempo e substituído à Mulher-Maravilha da Terra 2.

Dos vinte heróis listados nessa fase, apenas quatro serão do sexo feminino. Isso nos dá uma proporção de 5 para 1, na composição de um grupo de heróis. Proporção esta que será mais ou menos mantida em outros grupos como a LJA, Titãs etc. A mesma proporção, ou uma variação de 5 para 2, também pode ser verificada nos grupos heróicos da Marvel.

Para aqueles que conhecerem um pouco, dos anos 60 aos anos 80, o que era publicado como nome era, simplesmente, Mulher-Maravilha. Dadas as mudanças impostas por *Crise*, como uma redefinição de personagens e cronologia, estabeleceram-se as diferenças acima descritas. Dos anos 90 até o presente, outras mudanças de membros atingiram a SJA.

Com a queda do interesse em super-heróis, nos anos 50, houve uma pressão para que os mesmos revelassem suas identidades secretas. Alguns permaneceram ativos, enquanto que outros debandaram.

Na lista de vilões combatidos pela SJA encontramos: a Sociedade da Injustiça, Extemporâneo, Aquarius, Ian Karkull, Vandal Savage, Capitão Nazista (somente pós-

Crise), Cyclotron, Deathbolt, Anton Hastur, Kulak, Mekanique, Ultra-Humanóide, Sociedade Secreta de Super-Vilões, Eixo Amérika, The Stalker (sem tradução), a Espinho, Degaton, Adão Negro, Roleta e Zobar Zodiak.

Desta lista, dois personagens eram arquiinimigos de três heróis, especificamente. Adão Negro, rival de Shazam! (ou, Capitão Marvel). E Vandal Savage, antagonista de SH e BT. Outros quatro nomes apareceram em histórias da MM, como seus adversários à época da Segunda Guerra Mundial: Sumô, o samurai, Panzer Vermelho, Barão Blitzkrieg e o próprio Adolf Hitler.

Assim sendo, o grupo outrora popular nos anos 40, praticamente desfez-se com o final do conflito mundial, como ocorrera com outros heróis. Mas, acabou sobrevivendo até os nossos dias. Reestruturando-se e remodelando-se.

A SJA transformou-se na LJA (*Liga da Justiça da América*), num primeiro momento, até se tornar, mais simplesmente, na LJ (*Liga da Justiça*). Não tendo mais que dar combate ao nazismo alemão, a Liga tornou-se uma espécie de esquadrão policial com ampla liberdade de atuação, mas ainda concentrada na defesa, sobretudo, dos Estados Unidos. As ameaças vinham de modo mais constante, da invasão da Terra por seres de outros planetas que desejavam conquistá-la ou, de cientistas criminosos terrestres que possuíam o desejo de governá-la, ou ainda, envolvidos com alguma questão temporal, no passado ou no futuro.

1.4 O Pós-Guerra e a Liga da Justiça da América (anos 60 – LJA)

A Liga da Justiça surgiu na revista “*The brave and the bolt*”, número 28, lançada no bimestre fevereiro-março de 1960. Nitidamente inspirada em sua antecessora, a SJA, com sete membros fundadores, às vezes chamados de os *Sete Magníficos*. Também como a SJA, teve diversas formações e sua cronologia alterada pela saga *Crise*.

Sua lista de membros, pré-*Crise*, era composta por: Superman, Batman, Aquaman, Mulher-Maravilha, Lanterna Verde (Hal Jordan, o 2º LV), Flash (Barry Allen, o 2º Flash) e Ájax, o caçador de Marte. (Proporção de seis heróis para uma heroína). Estes foram os

fundadores. Mais tarde, vieram: Canário Negro (pós-*Crise*) e Arqueiro Verde, deixando uma proporção de sete heróis para duas heroínas.

Os adversários atingem, segundo uma lista elaborada na Wikipédia¹⁷, de 41 indivíduos/grupos. Alguns deles, já eram inimigos de alguns dos heróis, antes mesmo (e além) da existência do grupo, como por exemplo: Lex Luthor, Brainiac (SH), Coringa (BT), Abelha-Rainha (MM), entre outros. (Sete dos 41 listados são grupos de vilões, unidos contra a Liga). Apenas duas vilãs pertencem a essa listagem, de um total de 34 nomes.

Muitos deles refletem uma tendência própria da metade dos anos 50 e 60, que também se verificou no cinema da época, que era a temática da invasão alienígena. Assim, vários desses vilões são originários de mundos distantes e regra geral, controlam uma tecnologia muito superior à tecnologia humana, o que, na prática dos filmes e dos quadrinhos, significava dizer, superior à norte-americana, posta então, como ainda hoje, acima da tecnologia dos demais países. Exemplos: Darkseid e Brainiac, apenas para citar dois casos.

Outra temática freqüente em filmes e nos gibis da época era a dos *cientistas loucos* ou de experimentos mal-sucedidos ligados a eles, citando dos quadrinhos, casos como: Amazo, Professor Ivo, Doutor Luz, Gorila Grodd, Solomon Grundy, entre outros. (Todos estes vilões pertencem à galeria de inimigos tanto de SH e BT, como do conjunto de heróis que formam a Liga da Justiça). Essa atração pela ciência, e seus efeitos é, muito provavelmente, consequência direta do impacto provocado, de modo muito especial, pelas bombas atômicas lançadas contra o Japão.

No universo de vilões da MM, podemos, entre outros, citar o Dr. Psycho que, numa história de 1966, acaba, com seu poder mental, obrigando um cientista, Dr. Zool, a que este use sua máquina ao mesmo tempo em que Psycho usa seu poder mental e, como resultado dessa combinação de recursos, uma gorila é evoluída para a forma de uma mulher, que será uma das inimigas da MM. Seu nome é igual ao do animal, da qual evoluiu, isto é, Giganta.

Nesse momento, devemos parar para alguns comentários complementares sobre as vilãs e os vilões das histórias da MM. E, também, em especial, sobre Giganta, a título de exemplo.

¹⁷ Wikipédia. Site de caráter enciclopédico da internet.

Anteriormente coloquei que a mega-exposição que SH e BT usufruem, desde que aqui foram lançados, seja no formato gibi, filme, série ou desenho animado, tornaram esses heróis, ao longo dos últimos 70 anos, extremamente conhecidos e familiares para um público numericamente colossal, ainda que nem todos sejam especialistas ou fãs de quadrinhos. Mas, fazendo isso, também tornaram massificados e universalizados, uma série de valores, padrões estéticos, éticos e morais, além de psicológicos e sociais.

Se isso é uma verdade para eles, isto é, para os heróis, e é, o mesmo princípio, dada à mesma mega-exposição, é válido para os vilões, para os arquiinimigos. Ora, como estamos vendo, a limitada frequência e exposição das histórias próprias da MM, também não permitiu o conhecimento de seus maiores algozes de forma semelhante a um Coringa ou Lex Luthor. E, isso fica especialmente evidenciado, se acrescentarmos nesta linha de argumentação, o fato de que os heróis, individual ou coletivamente, têm um número extremamente reduzido de arquiinimigas de porte próximo ou equivalente à dos ameaçadores Luthor e Coringa aqui citados.

Então, uma heroína como a MM, poderia ter antagonistas femininas de igual poder de, digamos assim, fazer ou representar o mal. Mas, não é este o caso. E, antes que seja mal-interpretada aqui, quero deixar evidente aqui, que não estou advogando que uma heroína só deva ter inimigas.

Isso seria negar que o mal está presente tanto nos homens quanto nas mulheres, como diria o Sombra, mas, também seria negar, que uma heroína não possa, ou não deva, combater o mal realizado por personagens masculinas, o que seria admitir uma diferença de poderes, potencialidades e portanto, uma limitação e uma inferiorização por parte das mulheres/heroínas. Obviamente, todo o esforço aqui colocado, tem exatamente o sentido oposto.

É, também em função disso, que se optou nesse trabalho pelo estudo da MM, já que ela representa a possibilidade objetiva tanto de uma representação forte e decidida da mulher, em geral, nos quadrinhos e além deles, quanto de um referencial concreto, para as mulheres do *mundo real*. Porém, disso falaremos mais detalhadamente, noutro momento.

E, vale dizer também, que entre as mais conhecidas e frequentes vilãs, não encontramos um único caso que reúna o mesmo perfil dos grandes inimigos masculinos dos heróis.

Vejamos, para início de conversa, três das maiores inimigas do BT. Em primeiro lugar, a mais antiga personagem feminina ainda em circulação: a Mulher-Gato, criada em 1940. Ela não é uma grande cientista do mal, como o Dr. Jonathan Crane (Espantalho), nem uma milionária, como o Luthor, em todas as versões do personagem, e o próprio BT, em sua identidade de Bruce Wayne. Não possui poderes mágicos ou força sobre-humana. Não pretende conquistar o planeta ou mesmo Gotham. A Mulher-Gato, em sua origem, é, simplesmente, uma ladra muito habilidosa e ágil, que procura sempre escapar de BT. Para isso, quase sempre recorre a um jogo de sedução que distraia o herói, permitindo-lhe a fuga.

Outra vilã é Hera Venenosa, criada em 1966. Uma bióloga, segundo algumas versões, uma ladra e assassina, para outras versões. A Dra. Pamela Isley, foi envenenada por seu parceiro criminoso, Jason Woodrue, futuramente, o Monstro do Pântano, e ganhou habilidades sobre o reino vegetal, tornando-se ela, inclusive bioquimicamente, próxima de ser um vegetal, porém, conservando um corpo humano. Hera Venenosa é apontada também como eco-terrorista.

A terceira importante vilã nas histórias de BT é Arlequina. Companheira, assistente e amante do Coringa, por quem se apaixonara, quando era médica e trabalhava no Asilo Arkhan, instituição destinada à reclusão dos personagens mais desequilibrados e perigosos de Gotham. A única que surgiu, primeiramente, numa série de desenho animado para a televisão, “*Batman: A série animada*”, em 1992, e, devido ao grande sucesso, migrou para os quadrinhos.

SH, contudo, não apresenta em sua galeria de vilões, nenhuma vilã.

Retomando... A história da Giganta, transformada numa mulher, que é apresentada na história como: alta, loira, longos cabelos ondulados, como que saída de um salão de cabeleireiro, não de uma máquina de evolução, um par de brincos, que gorila nenhuma usa, plena habilidade de expressão oral, incluindo uso de gíria da época, digo, de gíria usada no Brasil, nesta época, a força de gorila, e demais habilidades, que ela conservou, assim como traços de comportamento símio, como esfregar nariz com nariz, segundo indica a narrativa, que manteve em sua forma humana, a mesma atração que experimentara, quando era gorila, por Steve Trevor. (Psycho, que observara esse traço na fêmea *animal*, quis, provocando-lhe a evolução, para que a fêmea/mulher, causasse a derrota da MM, já que conservava sua força animal).

Giganta engloba ao mesmo tempo valores que podemos denominar como preconceituosos, por exemplo, no sentido de ser loira, porém, sem demonstrar inteligência, quanto caricatos, já que embora alta e magra, sua grande força física pode ser tomada como uma imagem anti-feminina, desajeitada, ou mesmo, masculinizada. Nesse sentido, em particular, o contrário do que a MM representaria, para esta época. Ou mesmo, anos depois.

É interessante notar que a MM nesse período, é uma mulher alta, mas de estatura inferior à estatura de personagens masculinos, o que, mais adiante, será modificado no seu desenho. Ela poderá olhar direto nos olhos de heróis ou de vilões. Pelo menos, de boa parte deles. A distância entre as estaturas diminuirá, ao longo dos anos.

Outro elemento interessante nessa história é Psycho. Seu aspecto visual recorda, bastante, a meu ver, à figura do Dr. Silvana, arquiinimigo do Capitão Marvel (Shazan!, no Brasil), também da DC Comics. Como ele, Psycho usa óculos, possui grandes olhos que parecem saltar do rosto, nariz e queixo protuberantes e pontudos.

E o fato de, em certo momento da narrativa, ter assumido sua misogenia, quando, seguro por Giganta e com esta fazendo seus narizes esfregarem-se, Psycho declara: *“Bleeeaaargh!”* (Em negrito e em maiúsculas, reforçando a idéia de desagrado de Psycho) *“Pare de esfregar seu nariz molhado no meu Giganta!”* (Negrito e maiúsculas, novamente. Reforçando um tom de mando, de ordem) *“Poupe isso para Steve Trevor!”* (Negrito e maiúsculas. Idéia de provocar concentração no objetivo e de estímulo ao interesse amoroso feminino dela por Trevor, o namorado da MM) *“Você não sabe que detesto mulheres... Especialmente a Mulher-Maravilha”* (Negrito e maiúsculas. Reforçando o sentimento de raiva pela Princesa Amazona, em particular).

E claro, o próprio – e óbvio – nome do personagem, que remete a seu poder psíquico.

O terceiro tema marcante, especialmente nas décadas de 60 e 70, foi o da espionagem, fruto e reflexo direto da Guerra Fria. Assim como as corridas, armamentista e espacial.

Figura 10. Corporação da Vilania (grupo de adversárias da MM) (“Wonder Woman: the complete history”, p. 76)

2. O CONTEXTO EDITORIAL (1962 – 1986)

As décadas de 60 e 70, como já dissemos, para quadrinhos e filmes, estavam focadas em temas como a Guerra do Vietnã, o que, de certo modo, garantiu a sobrevivência e a longevidade de alguns personagens, num cientificismo cada vez mais tecnológico que incluía corrida armamentista, corrida espacial, guerra bacteriológica, e, como consequência, a figura do cientista. Ora caracterizado como maluco ora, como presa de interesses militares oficiais ou não-oficiais. Nesse período, por exemplo, surgiram na Marvel Comics, heróis antológicos como Homem-Aranha e Hulk, em 1962 e Homem-de Ferro em 1963. Todos diretamente ligados à ciência e com seus poderes também originados dela.

A Liga da Justiça, praticamente o único espaço, no Brasil, onde a MM poderia ser vista por seus fãs, excetuando-se o período 1977/83, enfrentava as situações que seriam difíceis mesmo para um herói sozinho enfrentar. Na coletânea lançada pela Panini, Coleção 70 anos DC, volume 5, Mike Tiefenbacher¹⁸ (2008), um especialista em quadrinhos e, entre outras coisas, consultor para coletâneas da DC, faz um longo texto de introdução, comentando como conheceu a revista, os personagens e as transformações que esta sofreu ao longo dos anos. (Recordando que a Liga surgiu em 1960...).

Para ele, “(...) *Era isso que me atraía? Acho que era a sensação de **amizade** (grifo do autor), a noção de que esses indivíduos não tinham se unido somente para lutar por uma causa comum, mas também para se tornarem verdadeiros camaradas, cujas ações demonstravam o quanto gostavam de estar na companhia uns dos outros. A atitude igualitária do grupo que percebi naquele anúncio tinha começado nos anos 40, com a Sociedade da Justiça, mas eu não sabia disso ainda. (...)*”.

Nesse trecho, vemos reafirmada a idéia da LJA como uma continuidade (modernizada, reformulada) da SJA, um exemplo concreto de fã que se encontrou profissionalmente por meio dos quadrinhos, como outros tantos fizeram, a confirmação da motivação da união dos heróis, mas também, uma explicação pessoal (amizade, camaradagem) que não contradiz a primeira. Mostra, portanto, a leitura que cada fã pode, e faz, de seu(s) herói(s), heroína(s) ou grupo de heróis favorito.

¹⁸ In: Coleção DC 70 anos. v. 5, Liga da Justiça, 2008. p. 09.

Outro trecho¹⁹ importante a destacar é o que se segue: “(...) *Os roteiros de (Dennis) O’Neil tiraram a Mulher-Maravilha do grupo (ela tinha perdido os poderes) e trouxe Canário Negro (criada em 1969) direto da Terra-2 para substituí-la, trouxe o novo Tornado Vermelho criado por (Gardner) Fox para a Terra-1 (a nossa Terra) e tirou também o Caçador de Marte, simultaneamente alterando sua origem. (Julius) Schwartz não editava as histórias solo de J’onn J’onzz (nome real do marciano, acréscimo meu), por isso, Fox sempre utilizava o Marciano como um substituto do Superman, talvez graças ao papel reduzido do Homem de Aço nas primeiras histórias da LJA, usando apenas os poderes similares de J’onn J’ozz, a superforça, velocidade, vôo, invulnerabilidade a tudo, menos fogo e a visão marciana. (...)*”

(Alguns esclarecimentos: Tornado Vermelho (ou, TV), é lançado em agosto de 1968, e Ajax, o Caçador de Marte (ou, CM) em novembro de 1955. Canário Negro (ou, CN), pré-Crise, é de 1947. Uma criação de Robert Kanigher e Carmine Infantino. A CN, pós-Crise, é a que surgiu em 1969).

Mulher-Maravilha é substituída por uma heroína de uma das Terras paralelas, que serão destruídas na saga de 1985, cujo poder especial é um grito supersônico. Há uma história, em que ela ainda está tentando controlar esse poder e ainda nem havia sido oficialmente, isto é, para o mundo representado nos quadrinhos, anunciada como novo membro da Liga. Além disso, por se tratar de uma substituição, a proporção heróis/heroína manteve-se inalterada.

E, no entanto, Batman, que é 100% humano, nunca deixou a Liga por não possuir poderes.

A proporção (seja de 6 para 1, 5 para 2, e, mais raramente, 5 para 3, dependendo do grupo de heróis analisado) reflete a proporção de heróis e heroínas. Isto é, há um número muito maior de heróis do que há de heroínas. Mas, reflete também, a maior presença masculina nos diversos níveis da produção das histórias em quadrinhos. Da criação à comercialização, distribuição e mesmo, público leitor.

É, no mínimo, surpreendente pensar que, num período de grandes transformações e conquistas sociais para as mulheres como um maior domínio sobre seu corpo (representado não apenas pela *pílula*, embora esta tenha tido um significativo valor emblemático), maior

¹⁹ In: Coleção DC 70 anos. v. 5, Liga da Justiça, 2008. p. 11.

liberdade de expressão verbal, ampliação de atuação política, por meio de diversas associações civis, vestuário, costumes, escolhas profissionais etc, retirassem todos os poderes do mais destacado expoente feminino dos *action comics*.

A chamada 1ª. série da revista “Superamigos” (ou, SA) teve como mérito e curiosidade, apresentar histórias ocorridas na Ilha Paraíso e da infância e adolescência de Mulher-Maravilha. Mas antes de conhecermos tais histórias, convém esclarecer que a revista de 68 páginas, tinha ainda o mérito de procurar dar aproximadamente, um mesmo número de páginas para as histórias de seus heróis centrais, isto é: BT, SH, MM e Aquaman (ou, AQ). Para isso, BT e SH viviam histórias em conjunto, enquanto que MM e AQ podiam ter espaço para suas próprias histórias.

Para atender essa igualdade, quando a história de MM ou AQ era mais curta, nove ou dez páginas, publicavam-se duas histórias do personagem, de modo a equilibrar com a história de BT e SH. Isso ocorreu com as histórias da MM nas edições de números 3, 4, 5, 8 e 11.

2.1 10.000 anos de história. As amazonas.

Figura 11. “Deuses e mortais”, p. 31.

Para falarmos das amazonas, sua origem e missão, entre outros aspectos, temos que considerar duas versões. Uma versão, anterior à “*Crise nas Infinitas Terras*” e, outra, posterior a ela.

Na versão pré-*Crise*, 1.000 anos a. C., cinco deusas gregas criaram uma raça de mulheres que foram chamadas de amazonas. Elas deveriam espalhar uma mensagem de paz, amor e igualdade entre mulheres e homens.

Esta história, *Crise*, foi criada por Marv Wolfman e desenhada por George Pérez e, foi o primeiro passo adotado pela editora DC Comics, para reescrever a origem de seus personagens, atualizando-os e, eliminando, de vez, os múltiplos universos, as múltiplas Terras que dificultavam o acompanhamento e desenvolvimento das histórias tanto para criadores como para leitores.

O que seria trabalho para alguns meses, no caso de G. Pérez, tornou-se uma recriação da MM por completo, o que fez por alguns anos. Assim como ele fora designado para recriar a Princesa Amazona, John Byrne ficou responsável por recontar a história de SH e a Frank Miller coube recontar a trajetória de BT. Todos eles, pós-*Crise*.

A 1ª série da revista “*Superamigos*” editada pela Ebal que codificaremos como SA, daqui em diante, irá de Junho de 1975 a Março de 1977, com um total de 11 revistas. E, como foi dito anteriormente, nos oferecerá um quadro da personagem pré-*Crise*. Embora as capas nem sempre retratem com qualidade os personagens, de modo geral equilibram o destaque dado aos quatro heróis que participam do título.

Mas, uma análise de três delas, pode mostrar alguns dados interessantes. (As edições de números 01, 04 e 10, em especial). O que faremos, em outra etapa deste trabalho. Mas, com relação às amazonas e as diferentes fases da vida da Princesa Amazona, destacamos as histórias abaixo:

Na edição de número 04, por exemplo, temos uma história da MM com sete anos de idade, enfrentando invasores do espaço que, serão reveladas como mulheres pela jovem heroína. Além de força, agilidade e inteligência, a jovem ainda demonstra sabedoria quando as invasoras pensavam que seriam mortas, ao serem vencidas pelas amazonas, e esta explica que as amazonas não acreditam na morte e sim, no amor. Então a rainha Hipólita ordena que sejam levadas à Ilha da Transformação, espaço destinado à recuperação e aprendizado das leis de Afrodite.

Nessa mesma edição, há uma história que também envolve seres de outro planeta. Parte de um planeta caíra no oceano Pacífico e lá existia uma sociedade liderada por mulheres daquele planeta. Um grupo de amazonas fora preso por homens que haviam destronado a rainha e prendido as mulheres.

MM parte em auxílio de suas irmãs amazonas enquanto Solo, o líder, comunicava ao rei de Netuno, planeta de origem dos seres espaciais, que havia prendido as mulheres e que dominava a cidade de Netúnia. O rei diz que enviará reforços para que Solo destrua as amazonas. MM enfrenta seres mecânicos, armadilhas e os homens de Solo. Quando todos se dirigem sobre ela, bate sua cabeça numa rocha e é amarrada por seu próprio laço. Há um momento de escárnio e apologia do poder masculino.

Por ter que obedecer a quem segura o laço, MM é levada a liderar uma esquadra contra as amazonas mas, aproveitando-se de um momento de distração de Solo, manobra seu avião fazendo ambos caírem. MM chama uma esquadrilha amazona após laçar os netunianos e liberta a rainha Una e demais prisioneiras.

Esta história é, de certo modo, uma variação sobre a história da origem das amazonas, dentro da realidade dos quadrinhos. Na medida em que, o local inicialmente ocupado pelas amazonas, sua auto-suficiência social, cultural etc e a riqueza e paz que desfrutavam, gerou a inveja de outros povos gregos e ataques às amazonas, que, sendo guerreiras eficientes, resistiram a uma dominação, eminentemente masculina, objetivada por estes povos.

Um desses ataques, também relatado dentro da mitologia grega, teria ocorrido com a liderança de Hércules. Na mitologia da heroína, Hércules traiu a confiança e os sentimentos da rainha Hipólita, e mãe de Diana, e isso custou uma derrota das amazonas e a perda de um dos Cinturões de Gaia, já que o outro era da irmã de Hipólita, Antíope.

Como consequência, as deusas transferiram as amazonas para uma região longe do alcance do mundo dos homens e proibiram que um homem pisasse a Ilha Paraíso, onde elas criaram Temyscira, um Estado de regime monárquico. (Parte dessas informações encontram-se nas revistas da MM, 2ª, 5ª. e 6ª. séries, números 19, 20, 25, 26 e 01 e 02, entre outras).

Há uma história, na edição 03, onde MM é temporariamente levada a enfrentar, junto com algumas amazonas, um grupo de mulheres como se estas fossem criminosas

perigosas, quando, de fato, elas eram uma força policial de uma liga de planetas de certa região do espaço. Os gênios (homens) haviam ludibriado a princesa que, ao descobrir o engodo, passa a atuar contra eles até prendê-los. Como havia destruído a defesa das policiais contra os raios dos gênios, ela lhes dá em troca uma nova proteção. MM e as Amazonas despedem-se e retornam para a Ilha Paraíso.

O número 05 da revista apresenta uma história que mostra MM aos 14 anos, na Ilha Paraíso, quando conhece um rapaz-tritão que a convida para um baile anual dos tritões e das sereias. Um grupo de centauros marinhos, rival dos tritões, invade e tumultua o baile e furta a coroa que o rapaz-tritão queria dar à MM. O jovem tritão tenta recuperar a coroa que está com o líder dos centauros, quando ambos são atacados por uma enorme baleia assassina.

Enquanto isso, MM enfrenta os outros centauros e vai auxiliar o tritão, quando vê o ataque da baleia. Com um truque, ela salva os dois e o líder dos centauros em agradecimento aceita ficar em paz com os tritões.

Outra história mostra novamente, a adolescente Diana, na Ilha Paraíso, com seus 14 anos. Na edição número 06, ela torna-se disputada pelo rapaz-tritão e por um rapaz-pássaro. Ao mesmo tempo, vemos que a Ilha é atacada pelo ar e pelo mar e cada um deles procura chamar a atenção da jovem, por meio de um ato heróico. Embora ela também participe dos dois ataques e tenha salvo os rapazes, ela encontra-se dividida entre a atenção dada por ambos, como se esperaria de *qualquer* moça tal comportamento.

O interessante aqui é que no último quadrinho ela está olhando para o/a leitor/a e se dirige, especificamente, às leitoras, dizendo: “*Qual dos dois você escolheria, leitora? Rapaz-Tritão ou Rapaz-Pássaro? Não consigo me decidir...*”. Essa situação é reforçada por uma legenda abaixo do desenho, com o seguinte texto: “*Qual dos dois ela escolherá? Em amor, às vezes chega um dia em que se tem de escolher...*”.

O baile e a escolha do primeiro namorado são situações típicas de uma adolescente, norte-americana ou brasileira, tanto para os anos setenta, época desta edição, como para os dias atuais. Claro que os bailes e suas músicas podem ser diferentes, assim como os critérios de uma escolha por este ou aquele, contudo, o ambiente e sua *mis en scène* e sua mítica, permanecem. A própria dúvida, para uma jovem, permanece.

Outra história, edição 11, mostra a Ilha Paraíso sendo atacada por naves do espaço e a principal arma contra os invasores é uma espada que brilha tanto que é capaz de cegar os agressores. Porém, quando seu brilho se apaga, é preciso buscar outra. Ela pode ser encontrada sob uma árvore da Ilha Proibida. Essa será a tarefa da Princesa Amazona. Esta história data de 1963.

Contudo, entre outros riscos, ela quase se torna uma árvore. E, graças ao ataque feito contra ela pelos invasores, consegue escapar e leva a *Espada do Sol* para Hipólita que, junto com as demais amazonas, já havia praticamente derrotado todos. (Eles dividiram suas forças para atacar tanto a rainha quanto a princesa).

2.2 O feminismo e outras histórias

A vida de MM sofre reviravolta total entre 1969 e 1972, quando, finalmente, após campanha liderada por Gloria Steinem, editora da revista “*Ms.*”, e a ação de outras lideranças do movimento feminista, ela retoma plenamente sua herança amazona.

Figura 12. “Wonder Woman: the complete history”, p. 130.

Um esclarecimento. Gloria Steinem foi uma jornalista norte-americana que criou e foi a primeira editora da revista “Ms.”, que tinha como interesse central, questões de interesse da mulher, seja no âmbito profissional, como condições de trabalho e pagamento justos, entre outros aspectos, no âmbito da sociedade, da saúde etc. A revista, assim como a jornalista, tiveram uma forte atuação e relevância dentro do movimento feminista, especialmente entre os anos 60 e 70, auge desse movimento, sendo ela considerada como porta-voz do mesmo. Além de artigos, Gloria também escreveu um livro, reunindo alguns desses artigos, sob o título “*Memórias da Transgressão*”, de 1995, e com nova tiragem em 1997.

A editora colocara em duas edições da revista, a personagem da MM na capa, com um texto indicando-a para presidente dos Estados Unidos, em 1972. Em 2007, por conta dos 35 anos da revista, a personagem voltou a ser capa e, ao que consta na net, uma reedição daquela revista de 72 foi lançada.

No artigo daquela edição, a editora reivindicava a volta da Princesa Amazona em seu uniforme e força plena. Uma edição posterior reforçou ainda mais a campanha de retorno da heroína, o que, de fato, acabou acontecendo naquele mesmo ano.

MM, que durante a Segunda Guerra Mundial, como Diana Prince, havia sido uma oficial militar, ao término do conflito, exercerá outras atividades profissionais nas décadas seguintes. Inicialmente trabalha na O. N. U. (1980), depois, vai para a Nasa, onde treina para ser uma astronauta. Posteriormente, ela retorna à atividade militar (1983).

E, no período em que esteve privada de seus poderes, mais do que significativamente, pela primeira vez, *opta*, como seu disfarce, por ser dona de uma boutique de roupas. Isto é, ela foi *presa* a um clichê de feminilidade. E, nesse sentido, havia uma dupla mensagem que refletia sua nova condição. Ela havia sido humanizada, leia-se, física e emblematicamente enfraquecida e, como consequência disso, suas ações heróicas haviam sido profundamente restringidas. Ela fora destituída de sua identidade amazona uma segunda vez.

Afinal, é preciso considerar que como amazona sua força era muito próxima da força de SH. Em certas passagens, ou quadros, sua postura física, assim como sua fala, antes firmes e determinadas, ganharam aspectos mais fúteis. Em outros momentos, ela parece estar olhando para o nada. Há uma *falha* no desenho, algo que não combina com a cena geral. Difícil, quase impossível, diria, precisar se isso teve uma intenção premeditada de fragilizar a personagem, ainda mais, ou, inabilidade do desenhista. Contudo, está lá, e retrata a heroína de um modo menos heróico.

Poderia se tentar alegar que ela permaneceu tendo suas aventuras e que nelas demonstrasse tanto agilidade quanto força física, em padrões humanos e femininos, e que nesta fase estaria, digamos assim, mais próxima de uma comparação com BT. Poderia, ainda, nesse sentido, entender-se que, pelo fato dela ter optado por permanecer no planeta e renunciar à sua herança amazona, isso representasse como uma espécie de declaração sobre a força e o valor da mulher comum.

Talvez pudesse ser assim, não estivesse tal idéia ligada ao fato de que para isso acontecer, ela ter que renunciar à sua identidade, valores e cultura amazônica. Como, no mundo real, em vários níveis e momentos históricos, as mulheres foram destituídas de suas identidades e de sua própria auto-estima. Michelle Perrot²⁰ (2007), ao sintetizar diferentes momentos da história diz: “(...) *A Revolução Francesa prossegue, nesse ponto, o que fazia o Antigo Regime, pois reconduz a lei sálica, que exclui as mulheres da linha de sucessão, e acrescenta suas razões, todas romanas, para a exclusão política das mulheres. ‘Cidadãs passivas’, as mulheres têm direito à proteção de sua pessoa e de seus bens, elas são feitas para serem protegidas. São quase ininputáveis, por serem desprovidas de responsabilidade e de estatuto jurídico. (...)*”

E ainda, se, no caso da MM, isso não tivesse implicado em uma exclusão, isto é, em sua exclusão da LJA. O curioso é que durante parte dos anos sessenta (Arquivo DC), a Liga tinha entre seus membros, um jovem, Snapper, como membro honorário, porque este os ajudou numa crise. Portanto, a saída dela da Liga, por ter perdido os poderes, não seria a razão real, verdadeira. Afinal, ao contrário de Batman, que também pertencia à Liga mesmo sem poderes especiais, Snapper sequer possui as habilidades detetivescas ou de combate ou os equipamentos especiais que Batman possui. Ele, Snapper, só sairá da Liga, quando trairá a mesma. Momento em que a sede da Liga deixa de ser uma caverna para ser um satélite em órbita sobre o planeta.

Mas, infelizmente, essas histórias praticamente quase que não existiram aqui, já que como vimos, a revista “*Quem Foi?*”, da Ebal, dividia-se entre vários estilos de histórias e as de Diana Prince, foram, intermitentes. Além disso, muito difíceis de localizar e adquirir, se você não foi um/a leitor/a contemporânea à edição. E isso, uma vez mais, dificulta dimensionar o papel da personagem para uma boa parcela da população, seja ela feminina ou masculina, no Brasil.

Contudo, recentemente, em 2008, para ser exata, foi editada no Canadá uma coletânea, ou mais, já que a revista que possuo é o volume dois, das histórias do período em que MM deixa de ter seus poderes. Esta revista pode ser localizada em uma boa livraria da cidade, porém, em inglês.

²⁰ Perrot, Michelle – *Minha história das mulheres*. Contexto, São Paulo, 2007. p. 151-152.

E, tanto pelo aspecto dos poderes perdidos, quanto pelos aspectos da personagem feminina, essa fase demanda uma cautelosa investigação. Quanto de impacto, positivo ou não, foi gerado nessa fase? Em comparação com o impacto que a personagem, em seu uniforme de MM provocou. Quanto desse período marcou e permaneceu na figura da MM? Quer como aspectos externos (poderes, armas, visual etc), quer como aspectos internos (personalidade, emoções e suas exteriorizações etc)?

Tais perguntas não se limitam, e nem poderiam ou deveriam, à dinâmica ou à construção e desenvolvimento das histórias em quadrinhos de Diana Prince ou MM. Elas transcendem, e muito, o próprio universo dos quadrinhos. Primeiro, os internos, da DC, depois, ao que se constatava, de modo geral, nas HQ's da época, assim como fora delas.

Uma investigação com esse direcionamento, contudo, precisaria dispor de uma infra-estrutura que permitisse a elaboração e tabulação de entrevistas que envolvessem público leitor, de várias faixas etárias, desenhistas, roteiristas, editores, entre outros, que pudessem fornecer os dados para a devida análise. Não é caso desta dissertação.

De acordo com o que estamos vendo, já é possível, mais do que uma simples percepção ou impressão, que, tal como para a história das mulheres ou de um reconhecimento da presença e atuação das mulheres ao longo da história, os quadrinhos também apontam, no sentido que aqui pretendemos analisar, para uma série de espaços vazios, deturpações ou inverdades.

Falando, é claro, em especial, para o Brasil, já que tantos aspectos da história de uma personagem tão emblemática quanto a MM, não foram valorizados e retratados como no país de origem, pelo menos, pelo fato de ter tido uma revista em circulação desde seu surgimento, e por esse produto não ter tido, em nosso país, um melhor acompanhamento e divulgação, como os dois personagens centrais, masculinos, da mesma editora de origem.

Mas, também como já foi mencionado, mesmo após sessenta e tantos anos depois de sua criação, ao contrário de SH e BT, ainda não foi transposta para a grande tela, o que indica, no mínimo, um descaso para com a personagem e seu público. A transposição, por si só, não é determinante, mas é significativa e passível de ser interpretada.

Uma confirmação disso é que, na revista “*Superamigos*”, 1ª. série, da EBAL, que teve um total de onze números, encontramos, por exemplo, uma história lançada nos Estados Unidos, em agosto de 1959, sendo publicada no bimestre de dezembro de 1976-

janeiro de 1977, isto é, dezoito anos depois. E isso, não é tudo, mesclando com histórias de 1963, como se pode confirmar pelo carimbo (estampa) da National Periodics Inc., uma das editoras que formarão a DC Comics, e histórias da década de 70.

Essa forma de apresentar as histórias individuais da heroína revela uma despreocupação com sua cronologia, com sua história. Paradoxalmente, foi um espaço para suas histórias individuais serem publicadas no país. E, como já vimos, mais tarde, entre 1979 e 1983, ela teve sua própria revista. “*Superamigos*” tinha formato americano, maior, e era em branco e preto, e a revista “*Quadrinhos*”, onde eram publicadas as histórias da Princesa Amazona, tinha formato pequeno, e era totalmente a cores, conforme indicação feita por Ezequiel de Azevedo (2007)²¹.

Contudo, ainda, esta série de histórias apresenta vários atrativos sobre a personagem. Tanto para sua leitura quanto para sua análise e interpretação.

Se a Ebal ofereceu à amazona um espaço próprio (revista) e a publicou, com essas ou aquelas falhas, entre as décadas de 50 até parte dos anos 80, fez mais do que outras editoras fizeram pela personagem. Mas, por outro lado, ao contrário das publicações da Editora Abril, que assumiu os personagens, tanto da DC quanto da Marvel, pelos mais de vinte anos seguintes, não era tão precisa ou preocupada, com os créditos e referências complementares, quanto era a editora paulistana.

Fechado o *ciclo Abril*, esses personagens migraram para novas editoras que se instalaram no país, a partir, mais ou menos, da metade da década de 80 e, mais fortemente, nos anos 90.

Portanto, agora, não mais falando de um movimento feminista, mas de uma questão histórica e social, percebemos que o universo das histórias em quadrinhos, sobretudo no Brasil, por meio das editoras e de suas linhas ideológicas ou mercadológicas, ou ambas, não foi ainda capaz de dar consistência editorial às personagens femininas, especialmente, àquelas da linha *comics action*, em particular, à MM, objeto desse estudo.

Retomamos agora nosso olhar para as histórias da heroína amazona, na revista SA, da Ebal, que traziam as aventuras da LJA.

O número 03 apresenta uma história onde MM e Steve Trevor acabam imobilizados por um raio e usados como peças de xadrez por dois sobreviventes de um torneio mortal do

²¹ Azevedo, Ezequiel de – *Ebal: Fábrica de Quadrinhos. Guia do Colecionador*. Via Lettera, São Paulo, 2007. p. 46 e p. 100.

jogo num planeta chamado Xequeriana. Os sobreviventes são um rei e um cavalo. Ambos de grande estatura.

A segunda história, edição 05, mostra uma cientista amazona que havia desenvolvido um meio de observação a longa distância, com as imagens sendo apresentadas numa enorme tela. Graças a tal invenção, MM, Nurka (a cientista amazona) e Hipólita, observam num apartamento em Nova Iorque, uma cientista que havia descoberto um líquido encolhedor.

Diana deixa a Ilha Paraíso e, posteriormente, vai investigar a descoberta da cientista. Descobre que ela fora encolhida, juntamente com seu assistente, por um homem que fingia amá-la e que agora tentava obter lucro com tal invento. Ela também acaba sendo encolhida. Após encontrar a doutora e seu assistente, e enfrentar diversas dificuldades, consegue alcançar o antídoto e retoma seu tamanho normal. Prende os culpados e devolve a cientista e seu auxiliar ao tamanho normal.

Já o número 11 apresenta uma história, originalmente de 1959, na qual a MM é vitimada pela ação de criaturas espaciais que a controlam mentalmente e que tentam forçá-la a agir contra sua vontade. Obrigam-na a roubar o que a faz ser procurada, título da história, pelos agentes da lei. Ela consegue enganar as criaturas, fingindo ter roubado, e isso lhe permite contra-atacar. E, finalmente, manda-os de volta para o espaço.

Há, no número 2, uma história em que MM decide não combater mais o mal por sentir-se vista apenas como uma máquina de combate, que não tem sono, cansaço, fome ou sentimentos. Que ninguém, enfim, a vê, como uma pessoa normal. Porém, ela acaba encontrando uma jovem cega que a trata amavelmente. A história é de 1963.

Graças a seus outros sentidos estarem ampliados, a jovem percebe uma cobra prestes a atacar sua amiga e a salva. Esse gesto toca a amazona profundamente e ela recupera a fé nas pessoas. Em seguida, uma forte tempestade de raios, milagrosamente, devolve a visão à jovem. MM teme que agora que ela pode enxergar, fará mil e um pedidos e mudará a forma de tratá-la. Mas isso não acontece e Diana sente-se renovada.

Outra coisa nos chama a atenção nas publicações da Ebal, inclusive nesta revista número 2. Nas contracapas ou ao término das histórias, geralmente se vê um espaço, de tamanho variável, ora com informações de caráter cívico, ora de fatos e personalidades

históricas ou culturais, como festa junina ou lendas brasileiras, folclore, ou ainda, piadas e curiosidades diversas.

Aqui, por exemplo, concluída a história, há um retângulo onde se lê “*Formato de orelhas*” e abaixo, outro retângulo com um texto dizendo haver relação entre o formato das orelhas femininas com o tipo de caráter. Mais abaixo, há três desenhos de mulher, mostradas da cabeça até os ombros, exemplificando três características diferentes: generosidade, talento para a música e maldade. Não há referências que dêem base ao texto.

Figura 13. “Superamigos”, no. 2, p. 38.

A revista número 1 apresenta uma história em que um vilão, Dr. Dominó, quer uma fórmula química que produz uma nuvem de bactérias, mas não deixa claro o que pretende fazer com ela. Para isso, seqüestra Morgan Tracy, que conhecia a fórmula e a daria para as *nações pacíficas* para que não fosse usada. Após várias peripécias, MM consegue resgatar Tracy e destrói o navio usado pelos bandidos.

Por fim, temos as revistas de números 08 e 10. Ambas interligadas. Na primeira, há uma situação de risco no prédio da O. N. U. Enquanto Clark Kent realiza uma reportagem. Antes que se transforme em SH, surge a MM que desarma e prende um grupo de mulheres armadas que tentara invadir o prédio. Pouco depois, quando a polícia está levando o grupo,

uma das mulheres consegue pegar uma arma e ameaça Morgan Tracy, quando Diana intervém e impede o ato.

Um esclarecimento. Nessa história, como em outras do mesmo período, Diana trabalhava como cicerone na O. N. U. e dividia um apartamento com outras cicerones. Demonstrava ter um interesse romântico pelo diplomata Morgan Tracy, que sequer a notava. Mas, devido a seu papel nesta crise, convida-a a integrar o setor de crises da instituição.

Uma curiosidade. Pela primeira vez, nesta revista vemos Diana trocar de roupa para MM, usando seu laço mágico que vibra numa frequência que provoca a troca de vestimentas, de Diana para MM e vice-versa, já que suas roupas foram tratadas quimicamente pelas amazonas. Esta forma de transformação teria sido adotada pelo seriado de televisão, da mesma época, tendo sido criada nos quadrinhos, nos EUA, em 1976²² (2008).

Clark e Diana encontram-se algum tempo depois e como resultado dessa conversa, ela descobre que ficou sem seus poderes por alguns meses e que por isso havia sido excluída da LJ. Percebe então que não tinha a menor lembrança desse fato e entende porque não fora mais chamada às reuniões. Combinam investigar isso na sede da Liga, porém, ela não aparece, porque foi à antiga sede e não ao satélite, a nova sede.

Clark, como SH, a encontra e leva-a para a nova sede. Lá, apesar de ser convidada a retornar à Liga, diz que só o fará após ter certeza que está em condições de agir sem prejudicar os demais. Para tanto, estabelece que deverá cumprir sozinha *12 missões*, como fez Hércules, a quem cita explicitamente, e que deverá ser acompanhada por um dos heróis que fará o relato sobre a forma que lidou com cada uma das situações/missões.

Porém, antes de iniciar seus “*12 trabalhos*”, MM vai à Ilha Paraíso e ao encontrar Hipólita, pergunta por que foi traída. Sabe que sofrera uma amnésia seletiva, algo que só a tecnologia amazona poderia ter causado. Hipólita então revela que quando Diana retornou, – sem referências sobre as condições desse retorno –, ela estava completamente sem memória e como as amazonas nada sabiam do período em que ela ficara sem poderes, não seria possível restaurar sua memória completamente, o que causou o período em branco. A rainha ainda informa que Steve Trevor havia morrido e que o *Trevor* que havia em sua vida

²² Guedes, Roberto – *A Era de Bronze dos Super-Heróis*. HQM Editora, São Paulo, 2008. p. 155.

naquele período era um “... *substituto provocado mentalmente... criado para manter sua estabilidade psicológica*”.

Ao retornar a Nova York, Diana decide aceitar o novo trabalho e procura Tracy. Descobre que este saíra acompanhando uma Primeira-Ministra que visitava a América e vai ao seu encontro. Contudo, algo a induz a ir como MM e não como Diana. Depara-se então com um personagem chamado “Cavaleiro” que possuía além de grande charme uma série de truques, inclusive químicos, que usava para seduzir mulheres, que fariam tudo o que ele desejasse. Tenta conquistar a MM, mas *falha* e eles acabam lutando. Finalmente, MM faz com que o Cavaleiro e as moças que lutaram por ele, adormecer. Depois, liberta Morgan Tracy e a Primeira-Ministra, que haviam sido seqüestrados.

SH que havia sido indicado para acompanhar e relatar essa tarefa aprova o desempenho mostrado pela heroína. Também indica para a tarefa seguinte que Flash acompanhe Diana. Porém, não possui tal material. Vale acrescentar que SH revela ter inspirado Diana a aparecer no tal pub como MM, por meio de uma mensagem subliminar, usando sua superventiloquia. E que o fez, para ajudar uma amiga.

O terceiro relato, feito pelo LV²³, consta da revista número 10. Nela, há um personagem que, inspirado em Henrique VIII, possui um restaurante tipo pub inglês, que também, fisicamente e em seu vestuário, lembra o rei. Ele porta uma jóia que, segundo é dito, tem poderes de conceder um desejo quando perto de outra jóia igual. Embora não seja dito explicitamente, a tiara da MM, que representa sua condição de Princesa Real, possui tal jóia.

Assim, numa série de eventos coincidentes e sem o conhecimento dos poderes das jóias, tanto como Diana quanto como MM, o dono do pub quase alcança seu maior desejo, isto é, ser o dono do mundo, quando duas bombas atômicas norte-americanas foram jogadas por um bombardeiro, no que poderia marcar o início de um conflito entre americanos e russos, ao mesmo tempo em que Henrique fora, acidentalmente, trancado num cofre forte de um banco. O mundo seria completamente destruído e ele poderia ser o que desejava, rei do mundo, como único sobrevivente.

Mas, MM conseguira impedir tal evento, lançando as bombas e contendo suas explosões com seu laço mágico forjado por *Hefestos*, a partir do *Cinturão de Gaia*.

²³ LV. Sigla usada para identificar o herói *Lanterna Verde*.

Analisando estas revistas em conjunto o quadro confirma a tendência temática do final do período anterior isto é, invasores espaciais, que das 12 histórias citadas, aparecem em sete delas. Que a ciência e a tecnologia são constantes, mesmo não exercendo papel central no desenvolvimento das tramas. E como elementos centrais, aparecem em quatro histórias e, elementos místicos ou figuras mitológicas, aparecem em outras quatro histórias.

Também verificamos que a oscilação de anos em que estas histórias foram originalmente apresentadas nos Estados Unidos e depois apresentadas no Brasil, representa uma não preocupação ou cuidado com o desenvolvimento da personagem nem um respeito para seus leitores e fãs. Impossibilitando assim, uma análise mais apurada do impacto que poderia ter causado se, de fato, tivesse sido respeitada uma evolução mais linear e cronológica da personagem.

E isso pode, em parte, explicar porque não teve outros espaços para sua divulgação, o que acabou criando um círculo vicioso. Pois, se não era adequadamente publicada, não poderia dispor das mesmas condições de personagens como BT ou SH, para criar legiões de leitores e leitoras aficionados na mesma escala que aqueles heróis, o que, por outro lado, poderia sugerir à editora, inicialmente a Ebal e, posteriormente a Abril Jovem (uma divisão da Editora Abril responsável pela publicação das histórias em quadrinhos), um público consumidor suficientemente forte e regular que sustentasse uma revista com uma personagem feminina como personagem central.

Em seu livro, Roberto Guedes²⁴ (2008) cita, a propósito das personagens femininas o seguinte:

“Outras heroínas como Shanna, Orquídea Negra e Starfire também não tiveram séries muito longas no mercado machista dos quadrinhos americanos da década de 70 – dominado em sua essência por garotos que só queriam mesmo é ver a heroínas em roupas justas sendo salvas na hora ‘H’ pelos mocinhos: “Que vergonha! Você conseguia fazer os negros comprarem gibis de heróis brancos, mas era difícil conseguir que brancos comprassem gibis de heróis negros. E mais difícil ainda era convencer que garotos comprassem gibis protagonizados por mulheres!” – lamentou Roy Thomas”.

(Roy Thomas é editor-chefe da Marvel Comics, sucessor de Stan Lee, além de autor de histórias em quadrinhos).

²⁴ Guedes, Roberto – *A Era de Bronze dos Super-Heróis*. HQM Editora, São Paulo, 2008. p. 156.

O mesmo fenômeno deve ter ocorrido no Brasil, quer pelo machismo local, quer pela forma descompromissada da publicação das histórias da Princesa Amazona, que devem ter, em alguma medida, difícil de mensurar, ampliado este machismo e reforçado o círculo vicioso já descrito.

Em 1981, a Ebal lança uma edição extra, duplex, da revista “*Super-Heróis*”, contendo quatro histórias de MM, duas histórias do Sargento Rock e Companhia da Moleza, uma companhia de soldados da Segunda Grande Guerra, e duas histórias de uma página cada, para uma situação cômica.

De acordo com a primeira, a renúncia feita por Diana para permanecer no mundo dos homens a teria privado da imortalidade das demais amazonas. A história abre com a rainha Hipólita falando sobre a escolha de Diana ser a MM apenas com base em seus feitos atléticos.

Diana rumo para a Ilha Paraíso quando é atacada pelo Tubarão, um adversário já enfrentado por outros heróis da LJA. (Tubarão era, de fato, um tubarão que, ao ser atingido por um raio de energia atômica, evoluíra para uma forma humana, mas conservando sua força animal e seus intintos de assassino. Numa história anterior, havia regredido à forma animal, mas como esclarece à amazona, sua mente continuara evoluída e, com o tempo, retomara a forma humana). Além da força física, Tubarão possui grande força mental e com ela, quase vence MM.

Ela consegue libertar-se porque, embora tenha pisado na Ilha Paraíso, ele não foi considerado como um *homem* e por isso, ela, como amazona, não havia perdido suas forças. E ataca-o seguidamente, impedindo assim que use seu poder mental. Quando fica inconsciente, ela o prende no laço místico ao qual terá que obedecer. Assim, MM ordena que ele retorne à forma de um tubarão e nunca mais tente voltar a ser humano.

A segunda história ocorre após a morte de Steve Trevor Howard, nome criado para mascarar uma segunda chance de vida dada por Afrodite ao Coronel Steve Trevor, por quem a amazona apaixonara-se desde a II Guerra Mundial. Ela pretende que Afrodite o reviva outra vez, mas a deusa nega seu pedido. Então ela decide recuperar a alma dele no mundo dos mortos, dominado por Plutão (Hades).

Algumas das divindades gregas são mencionadas com seus nomes latinos, como aconteceu com Hércules em outra história, e, agora, com Hades. Por desconhecimento ou por opção do tradutor ou do editor responsável. Não há como saber a causa exata.

Porém, curiosamente, esse deus não usa vestimentas gregas como os demais. Sua representação visual é intermediária entre o diabo católico, pois apresenta chifres e pele avermelhada, e um personagem de ação, herói ou vilão, com uma espécie de uniforme com golas altas, lembrando um blusão de motoqueiro e um largo cinto. Ela enfrenta as criaturas enviadas por Hades, inicialmente, tentando recuperar e depois, tenta negociar a alma de Trevor pela dela.

Hades recusa e ataca sem parar, quando, enfim, MM descobre que a alma dele não está com o senhor do mundo dos mortos. Ela desafia Afrodite e por fim, quase sem forças, percebe um leve sussurro e uma forma a leva a deixar aquele local e retomar seu corpo físico. Graças ao portal místico aberto por seu laço, seu corpo astral havia penetrado no mundo de Hades. Se não retornasse a tempo, seu corpo físico morreria e ela seria eternamente presa de Hades.

A terceira história gira em torno do seu reencontro com Donna Troy, uma criança que salvara anos atrás de um incêndio e que ficara órfã. Ela fora levada à Ilha Paraíso e tinha sido treinada pelas amazonas, adotando, por um tempo, o nome de Moça-Maravilha e, usava, inclusive, um uniforme semelhante ao da MM.

Era uma das integrantes da Turma Titã, um grupo de heróis adolescentes inspirados e/ou legalmente adotados por seus *mentores heróicos*. (BT – Robin; AV – Ricardito, AQ – Aqualad; MM – Moça-Maravilha e Flash – Kid Flash. Os primeiros, membros fundadores da LJA e os segundos, a formação original dos Titãs). (Observação: AV – Arqueiro Verde).

A história se passa numa época em que a Turma Titã havia se desfeito e Donna buscava saber sobre si, sobre sua identidade não-heróica. Estava numa escola que, como MM descobre, é dirigida por um criminoso chamado Mestre do Crime, que atraía algumas jovens com a promessa de que teriam a força de amazonas, roubando a energia da Moça-Maravilha. Porém, ele as usava para realizar roubos enquanto que Moça-Maravilha era colocada numa máquina, instalada em sua cama, que a mantinha inconsciente.

MM então desperta Donna e quebra a influência da sugestão quase hipnótica do Mestre do Crime e as moças são facilmente vencidas. Na luta, contudo, ele é arremessado

contra a máquina que entra em curto e põe fogo a tudo. As moças declararam que apenas queriam ser como as heroínas. Donna então diz que todas podiam fazer o mesmo com força de vontade e anos de treinamento amazona e que precisariam acreditar em si mesmas.

A história final ocorre na Ilha Paraíso, onde MM ouve da rainha Hipólita que as amazonas foram indicadas pelas deusas Atena e Afrodite, como guardiãs de uma jóia mística que estava sob os cuidados de Merlim, Conde Cagliostro e Houdini. Ela reconhece ter visto uma jóia igual em um personagem chamado Sargon, o Bruxo. E que ele havia sido um super-herói, supervilão e novamente, super-herói. Nesse momento, avista-se um barco próximo da ilha e ela vai investigar.

Um casal de exploradores fora levado a alcançar aquele lugar e vira Sargon aparecer, do nada, dentro do barco. Quando explicava seu objetivo, MM chega ao barco, salvando-o da tempestade que começara. Ao perceber que seu laço havia sido desamarrado, ela retorna, porém, Sargon prendera o rapaz e forçara a jovem a ir atrás da jóia. Por ser uma mulher, passa pelas amazonas sem problema e avisa que MM chamara a todas, assim alcança o local da jóia sem dificuldades. Retorna pronta a entregar a mesma em troca do amado, quando MM laça a jóia, percebendo que o verdadeiro Sargon era prisioneiro dentro dela e que ela o comandara para o mal, ordena que Sargon deixe a jóia, que então se parte.

Assim, o casal parte e MM retorna a seu avião invisível, deixando a Ilha Paraíso.

Outra história, presente na coletânea DC 70 anos, datada de dezembro de 1981, portanto, quando a heroína completou *40 anos de atividade heróica*, merece registro. Ela inicia mostrando o então Presidente Reagan num quarto de hospital, recuperando-se do tiro que levava, ao mesmo tempo em que vemos MM também num hospital, recebendo a notícia que possui um melanoma metastático e um prognóstico de vida de seis meses.

Contudo, é claro, não se trata da verdadeira MM e sim, uma atriz que estava vestida como a heroína. A cena transfere-se para o alto de um prédio dominado por um grupo armado e seus reféns. Um deles relata ter sobrevivido a Dachau, campo de concentração nazista, e ter sido um dos resgatados em Entebbe.

Em seguida, vemos o Coronel Trevor preparar-se para levar o dinheiro exigido e um gás para dominar os terroristas. A fala dele é explícita e representativa da visão norte-americana na época sobre a questão terrorista. Diz Trevor: “(...) *Dez minutos depois, eles*

esperam um helicóptero gigante que os levará até um jato (N. A. - o grifo é do texto) com o qual vão até a Líbia do Coronel Khadafi... um santuário de terroristas!”

Diana e Etta Candy aparecem falando sobre as plantas de uma arma anti-satélite, e que os russos, ainda havia a Guerra Fria, dariam um bilhão por ela. Nesse instante, ambas vêem numa televisão as notícias sobre os reféns. A cena muda para o prédio quando Trevor, que estava de pára-quadras, larga o dinheiro. O sobrevivente vê um dos homens atirar contra o Coronel e o impede, mas é atingido por outro terrorista. MM o alcança e, por falar diversos idiomas, termina com ele, a prece hebraica pelos mortos.

Os terroristas recuperam-se da surpresa diante da presença de MM e começam a disparar e ela desvia as balas com seus braceletes. Ao mesmo tempo, Trevor chega ao terraço e também ataca. Ele então, percebendo estar na mira dos terroristas e que a amazona estava com sua atenção dividida, salta do prédio. Ela ataca com velocidade e raiva, prendendo a todos com seu laço, depois, lança-se ao ar enquanto chama seu avião e ambos pousam sobre ele.

Uma nova mudança nos leva a uma audição onde várias moças vestidas de MM tentam ganhar o papel da amazona para um filme sobre ela, mas a moça que estava no início da história, filha de um velho palhaço, não conseguira o papel. Nesse momento, um novo personagem aparece, e conhecemos então sua identidade. Trata-se de Konrad Kardion, um homem com um coração mecânico e que havia contratado os terroristas para desviar a atenção das autoridades para poder recuperar as plantas da arma que havia roubado e escondido, para vendê-las aos soviéticos.

Num incêndio que vemos depois, Diana observa que uma mulher vestida como MM tenta resgatar as pessoas e aparece como Princesa Amazona para descobrir que aquela moça era a atriz que havia tentado obter seu papel no filme. A amazona deixa que a atriz represente seu papel ao sair do incêndio. Trevor, que também aparece, sem querer, desmascara a jovem, que assim mesmo, consegue o papel que desejava.

O que se vê a seguir são as cenas do filme, e a Princesa Amazona acompanhando tudo. Porém, o médico que constatara a doença em Amy, a atriz, revela a doença à amazona. Amy diz que precisa terminar o filme por seu pai e Diana, aceita guardar o segredo e ajudá-la a terminar o filme.

Na cena final, é a própria amazona que participa das filmagens, o que se mostra útil, já que Konrad assumira um dos papéis de nazista, realizando um ataque real. MM domina-o e descobre que este tinha as plantas e força-o a revelar o esconderijo. Posteriormente, leva Amy à Ilha Paraíso, mas já era muito tarde. Ela morre e é enterrada na própria ilha. Por fim, a cena final é a da MM, na entrega do Oscar, por seu papel em um comovente discurso.

Assim sendo, o que podemos observar nesse período, de maneira geral, é que as histórias oscilam de qualidade tanto no texto quanto no aspecto visual, sobretudo, no período que esteve privada de seus poderes de amazona. Mas, em contrapartida, nota-se também, uma preocupação e uma sintonia com os diversos momentos históricos nessas quatro décadas.

Também podemos observar que as premissas mitológicas e psicológicas da personagem, foram quase que completamente abandonadas, na medida em que seu contato, ou referências, com as figuras da mitologia grega reduziram-se a breves presenças na Ilha Paraíso, com a rainha e demais amazonas além, claro, especialmente, da presença da deusa Afrodite. E, nos aspectos psicológicos, notadamente podemos citar um crescimento da presença e vinculação amorosa com Trevor, capaz inclusive, de tanto revivê-lo, como vimos, como de mostrar a estabilidade psicológica da heroína vinculada à esta presença.

Em ambos os sentidos, o que se destaca, é que se priorizou o lado heróico sim, mas deixando de lado a missão que Diana deveria desempenhar no *mundo do patriarcado*, isto é, de divulgar os ensinamentos amazonas sobre amor e respeito, de igualdade de tratamento e oportunidades entre homens e mulheres etc.

Ressaltou-se, ao mesmo tempo, sua feminilidade, pelo prisma do sentimento afetivo-amoroso, provavelmente, entre outras razões, para, de um lado, desestigmatizar a personagem de um enfoque lésbico, como colocado pelo Dr. Wertham e, de outro, enfraquecer, ou mesmo, neutralizar o impacto feminista que causara, diluindo assim parte da mensagem original pretendida por Moulton e reforçada por sua esposa Elizabeth, uma co-criadora da amazona, ainda que sem o devido crédito.

Contudo, nas capas da revista dos SA, os desenhos contrastam em vários aspectos tanto com os desenhos em seu interior como na forma de apresentar as histórias e, claro, com as próprias histórias. Impossível reproduzir todas, mas essa variação de imagens oscila de uma forma mais masculina, como no número 1; a outra, no número 04, onde sua postura,

o braço esquerdo está dobrado e sua mão cobre o colo, como uma donzela, sugere uma fragilidade e a ausência de seu cinturão expõe uma barriga e seu umbigo, traduzindo assim, nesse conjunto, uma imagem nada heróica. E, na edição de número 10, a única em que aparece com grande destaque, tendo sua imagem maior do que a de SH e AQ e uma sombra ao fundo do BT, com seus braceletes rebatendo tiros.

Figura 14. “Superamigos” n° 1

Figura 15. “Superamigos” nº 4 – Aqui aparece crédito pela capa (CRC STUDIO).

Figura 16. "Superamigos" nº 10 – Aqui aparece o nome desenhista e a data.

3. GRANDEZA RECUPERADA: GEORGE PÉREZ E A PRINCESA (1987-1992)

Como vimos anteriormente, a editora, DC, como parte das comemorações de seus quarenta anos, queria provocar uma limpeza e uma profunda reformulação em seus personagens e em suas histórias, sobretudo, os principais heróis e heroínas. Eliminar a confusão que se tornara uma multiplicidade de Terras e seus respectivos personagens, ao mesmo tempo, atualizando-os para a realidade dos anos noventa e as viradas de século e milênio.

Escalou o desenhista George Pérez e o roteirista Marv Wolfman para o projeto, publicado nos Estados Unidos, em 1985-86, em doze partes, que, efetivamente, mudou o universo daquela editora e tornou-se um clássico dos quadrinhos. É importante saber, ainda que em linhas gerais, esta história, abriu para os grandes personagens da editora, problemas de continuidade, que levantavam questões quanto ao desenvolvimento dos mesmos e, de sua presença e atuação em certos períodos de tempo, ou em ações específicas, ou de ligação a certos grupos, como por exemplo, a LJA. Ou seja, havia inconsistências temporais e históricas a serem corrigidas.

Assim, após o advento de *Crise*, foram necessárias outras publicações, como *Lendas* e *Milênio*, para mencionar apenas dois exemplos, que viessem a redimensionar as histórias desses personagens. Também foi necessária uma reformulação específica para esses heróis em suas revistas regulares. Desse modo, nos Estados Unidos, essa reformulação, centrou-se nesses dois pilares (revistas regulares, isto é, títulos próprios, e, publicações especiais). No Brasil, SH e BT também desfrutaram dessa condição, por terem revistas próprias, enquanto que MM, AQ e Flash III, por exemplo, tiveram suas histórias publicadas na revista da LJA, depois, LJI (*Liga da Justiça Internacional*), LJE (*Liga da Justiça Europa*) e, por fim, LJ (*Liga da Justiça*), já no período sob responsabilidade da Abril Jovem.

Desse modo, *Crise*, gerou um *antes de* e um *depois de*, para heróis, grupos e todo o universo DC.

Em maio de 2008, a Panini Books, atual detentora dos direitos de publicação dos personagens da DC, lançou um material de alto nível editorial, algo raro, até então, para a

MM, reunindo as revistas 01 a 07 de *Wonder Woman*, sob o título “*Deuses e Mortais*”, que reconta a origem da Princesa, bem como das amazonas.

Como já foi dito, o desenhista e roteirista George Pérez, juntamente com Len Wein (roteirista) e Greg Potter (argumento), que deixou o projeto ainda em seu início, fora escalado pela editora para renovar a personagem pós-*Crise*, tarefa que desempenhou por cinco anos, dedicando-se depois a outros projetos.

A versão de Pérez retrata uma preocupação com diversas formas de violência, sobretudo físicas, sofridas pelas mulheres, geralmente praticadas por envolvimento afetivos próximos (maridos, companheiros etc), algo que reflete uma questão muito presente, sobretudo após os anos 80, e que se traduziu na história, pelo recuo no tempo, mostrando que esse tipo de violência sempre existiu. A narrativa tem seu início em 30.000 anos a. C., quando um homem primitivo, mata sua companheira grávida. E também, quando a raça amazona finalmente é criada, ou mais exatamente, quando as almas de mulheres mortas por esse tipo de ação violenta, reencarnam.

De forma primorosa e bastante inventiva, ele nos dá uma visão completa do Olimpo e de outros locais da mitologia grega (Areópago e Hades, por exemplo), das divindades gregas, em seus atributos positivos e negativos, de eventos e de outras figuras mitológicas gregas, entre outros aspectos, evidenciando assim, uma profunda pesquisa, conhecimento e respeito a essa mitologia. E, conseqüentemente, ao fazer isso, também demonstrou pesquisa e respeito tanto a essas características da personagem criada por W. M. Marston, como aos fãs da amazona.

Figura 17. “Deuses e mortais”, p. 12.

Também, fazendo isso, assinalou um vínculo maior e mais preciso, do conteúdo e direção que daria às histórias da heroína. Por exemplo, na edição número 13, da revista “MM”, editada pela Ebal, de dezembro de 1978, à página 21, Ares (citado em seu nome latino *Marte*, aparece junto a três divindades gregas menores que, em nenhuma outra fonte que conheça, jamais foram sequer mencionadas. Muito menos, com os nomes ali utilizados, isto é, *Conde da Ambição*, *Senhor da Conquista* e *Duque do Logro*. Outra questão que chama a atenção, é que dois desses nomes remetam a títulos de nobreza nunca usados pela mitologia grega ou em estudos sobre a Grécia, sendo esses títulos, de uso mais generalizado a partir da Idade Média.

Uma confirmação dessa precisão foi por ter criado para essa nova fase de histórias da guerreira amazona, uma professora de história e arqueologia, Dra. Julia Kapatelis, nome de origem grega. Vale dizer, que ao criar uma personagem, cria-se também a biografia, mais ou menos completa, conforme cada caso, que contextualizará a mesma, dentro do universo de histórias ao qual esteja vinculada.

Essa biografia poderá ser mais ou menos exposta, nas histórias, conforme sua vinculação com a personagem central seja mais estreita. Julia Kapatelis, mãe de Vanessa Kapatelis, terá grande presença e significado para a nova etapa da MM. Pois, será junto a ela que MM iniciará sua adaptação à sociedade norte-americana e, por extensão, à realidade do mundo do patriarcado.

Além da criação de novas personagens, Pérez foi também responsável, e do meu ponto de vista, este é outro de seus grandes méritos nesse trabalho com a Princesa, pela desvinculação entre Diana e Steve Trevor, na medida em que, tanto Trevor como Etta Candy, personagens secundários constantes de sua vida, aparecem agora como indivíduos envelhecidos e que acabaram se casando.

Desse modo, quer como Diana quer como Princesa Amazona, ela libertou-se do *estigma* que Trevor representava em sua vida. Uso a palavra estigma no sentido de que, parece, até então, que só existiriam histórias da MM, se Trevor estivesse nelas. Isso, conseqüentemente, inverteria o foco da história para ele, mais do que para a própria heroína. O que não seria de modo algum, aceitável. Ao mesmo tempo, o autor preservou respeitosamente as duas personagens criadas por William M. Marston e que durante anos participaram das histórias dessa heroína.

Outra realização importante, para a dinâmica das histórias da guerreira amazona e, portanto, para a presente análise, ocorreu quando da criação e desenvolvimento de uma temática até então praticamente posta de lado pelos responsáveis diretos, desenhistas e roteiristas, e indiretos, editores, anteriores a ele. Isto é, dentro da história da amazona, já fora mencionado que a Rainha Hipólita tinha uma irmã, Antíope, e que ambas haviam recebido um Cinturão de Géa, ou Gaia, da deusa Afrodite, como símbolo de seu poder e de sua submissão às divindades olímpianas. Também se sabia que Hipólita fora atraída por Hércules e este, cumprindo um de seus famosos trabalhos, apropriara-se do mesmo.

George Pérez então, aproveitando-se dos relatos mitológicos gregos e das referências feitas nos quadrinhos, desenvolve este tema, fazendo Antíope dar seu Cinturão a Hipólita e liderando uma parte das amazonas, que, a partir desse momento, separa-se das demais, rejeita o Olimpo e seus deuses, e passam a ter uma vida independente. No desenrolar dos eventos, esta parcela, liderada por Antíope, acredita que sua irmã e as demais guerreiras amazonas haviam desaparecido, quando, de fato, elas haviam sido reinstaladas na Ilha Paraíso. Assim, ambos os grupos perdem o contato entre si e julgam que a outra parte havia perecido.

Desse contexto, o autor cria o reencontro entre as herdeiras das rainhas amazonas, a partir da busca e recuperação do cinturão perdido. Aquele que pertencia originariamente à Rainha Hipólita. Parte dessa história foi editada na revista “*SuperPowers*”, número 23, pela Abril Jovem em novembro de 1991. A edição teve 100 páginas e festejava o cinquentenário da heroína. Trazia em seu interior, além da história, evidentemente, um texto sobre os 50 anos da Princesa, outro, relativo a lendas da mitologia e dos quadrinhos acerca das amazonas e uma biografia da personagem.

O desenvolvimento desse grupo *dissidente* de amazonas foi de tal modo diverso do verificado na Ilha Paraíso, que trouxe além do choque cultural entre ambos, um choque bélico, moral e filosófico. E isto permitiu às amazonas profundas transformações e aos fãs, roteiros de alto nível numa constância, quase inédita até então. Este conjunto de mudanças, entre outros aspectos, deu à guerreira amazona uma vitalidade e um brilho tão fundamentais, que, embora sem números concretos, como vendas, por exemplo, para sustentar, mas com relatos diversos espalhados em sites e outros meios, sobretudo pela

internet, acredito, a recolocaram num patamar de grandeza como personagem, semelhante ao desfrutado por BT e SH.

E entendo também que isto tenha fundamento, devido ao fato de que, em decorrência desse maior status alcançado pela amazona, finalmente, criou-se um filme, em desenho animado, em que ela é a personagem central, e o mesmo tem como cenário principal, o ambiente mitológico grego. Ou seja, uma homenagem, com quase 60 anos de atraso, em relação aos personagens masculinos, que, como já vimos, em tempo muito menor, tiveram transposição de suas histórias para outras mídias.

3.1 O papel da mitologia grega

Nas histórias pré-*Crise*, a mitologia grega embora estivesse presente, ao menos, na maior parte delas, resumia-se a uma presença bastante sutil, sobretudo, se comparada à presença que passou a ocupar nesta fase da guerreira amazona. Agora, além de aparecer com uma maior frequência, tornou-se um importante e ativo componente das histórias. Uma *nova* personagem, por assim dizer.

Uma personagem que, como já foi dito, passou a ter consistência e solidez, graças a citações e referências compatíveis com os relatos mitológicos. Além disso, consubstanciada pela presença de um dos deuses olímpicos, Hermes, que, entre outras coisas, passa a viver entre os mortais, mais exatamente, com o envelhecido Steve Trevor.

Outra forma de constataremos o novo papel desempenhado pela mitologia grega nas histórias foi por ter-se criado uma personagem, a Dra. Kapatelis, que, além da origem grega, é professora de história e arqueologia, o que lhe dá profundo conhecimento sobre tal tema. O que também sugere, e se comprova nesse período, que a mitologia estará cada vez mais visível nas aventuras da heroína.

Na história conhecida como “*Deuses e Mortais*”, que recria a origem da amazona, temos uma precisão e grandiosidade do universo mitológico grego, como nunca antes fora realizado. As imagens, as referências e características dos deuses gregos são igualmente acuradas. Fabulosas, tanto em seu sentido gráfico quanto em seu sentido narrativo. O modo

como estas histórias encontram-se articuladas com as figuras da mitologia, também reforçam essa percepção.

As citações mitológicas usadas por Pérez, não se restringem aos principais, e mais conhecidos, deuses olímpicos. Apresenta assim, para um público amplo, os leitores, divindades menores, em seu poder, mas não em seu significado mítico, como: Deimos, Phobos e Harmonia (filhos de Ares e Afrodite); o fauno Pã (filho de Hermes) e, mesmo a figura do barqueiro Caronte, encontra-se presente.

Na edição realizada pela Panini Books, há um texto analisando a presença da mitologia grega nas histórias da heroína, comparando o que era feito antes de George Pérez ter assumido as aventuras da amazona e o que este realizou. E, especialmente, entre a proposta inicial de William Marston e a visão de Pérez.

O texto coloca que de acordo com a literatura, leia-se aí, mais especificamente, as lendas narradas por Heródoto, as amazonas seriam descendentes de Ares e Harmonia e que Marston já havia lhes dado uma “... *cara nova*”. E que, com Pérez, ganharam mais força e personalidade. Para Marston, as amazonas era uma raça de mulheres imortais, filhas de Afrodite, e guiadas tanto pela deusa do amor, quanto pela deusa da sabedoria, Atena.

Pérez apresenta as amazonas como uma criação coletiva de várias deusas. Assim, a inédita e revolucionária origem ocorrida na parte mais afastada e sagrada do reino de Hades, chamada em dois quadrinhos da mesma página, de “*Caverna das Almas*” e “*O útero de Gaia*”, com as presenças de Afrodite, Atena, Deméter, Ártemis e Héstia, torna-se um evento unicamente produzido e testemunhado por mulheres.

Figura 18. “Deuses e mortais”, p. 16.

Hermes e Caronte, após uma participação mínima, retiram-se, ficando apenas as deusas. Isso coloca, entre outros aspectos, que o ato de criação, englobando gestação, desenvolvimento e educação, são etapas de uma ação essencial e fundamentalmente feminina. Mas, uma leitura superficial disso poderia nos levar a crer que a mensagem pretendida pelo autor seria uma mensagem sexista. O que, analisando com maior cuidado, tanto esta história, quanto o direcionamento das histórias realizadas posteriormente por George Pérez, não se sustenta.

Mas, uma leitura que demonstra a capacidade, força, determinação, entre outras qualidades necessárias ao ato de criação, como atributos distintivos e específicos da mulher, me parece uma leitura mais adequada e correta. Uma leitura que mostra a solidariedade compartilhada por mães que dividem entre si os segredos, prazeres e dificuldades da criação. Por outro lado, uma leitura que se aproxima mais da intencionalidade objetivada por Marston em sua criação, e em seus pontos de vista sobre o valor e a coragem femininas, da heroína amazona.

Uma leitura que, consciente ou inconscientemente, mas, simbolicamente, reconhece, por meio dessa *gestação coletiva*, os papéis significativos que exerceram para a criação da personagem, as duas esposas de Marston. Elizabeth e Olívia. Também, por outro enfoque, representam uma realidade, ainda não significativamente freqüente para os padrões brasileiros, mas, crescente em países do chamado Primeiro Mundo, da criação por mulheres solteiras ou envolvidas em relacionamentos homo-afetivos. E, nesse sentido, trata-se também de um tema tipicamente contemporâneo, presente nessa atualização da Princesa Amazona.

3.2 Saída e incertezas

A saída, neste caso, refere-se à saída de George Pérez das histórias da MM e, conseqüentemente, da linha de histórias por ele proposta. As incertezas, também uma conseqüência dessa saída, estavam relacionadas ao destino que se daria à MM e se o nível e

cuidado com os roteiros, especialmente, seriam mantidos por quem assumisse a personagem.

Em linhas gerais, esses temores encontram-se entre os fãs quando um criador-condutor dos destinos de uma personagem realizava um trabalho admirado por eles e este deixa de produzir as histórias. Com a MM, observou-se o mesmo quadro. Quadro esse consubstanciado em sites na internet, ou outras fontes que acompanhem e analisem o mundo dos quadrinhos, como artigos de jornais, revistas especializadas no tema, entre outros meios.

A saída de Pérez à frente das histórias da MM recolocava a incerteza em seu caminho, agora, próxima da personagem que estava por completar 70 anos de história. O não saber se a mitologia grega seria um integrante de destaque ou se, como no passado, um integrante intermitente e impreciso. Perdido em roteiros fracos e quase caricatos. Seria ela colocada diante de um *terceiro* e rejuvenescido Steve Trevor que, por simplesmente estar presente, validaria a existência da heroína? Ou ainda, seria criado um personagem masculino para ocupar tal *função*?

Mais grave ainda: a guerreira amazona seria novamente colocada em uma linha de histórias desconexas que poderiam, mais cedo ou mais tarde, minimizar ou enfraquecer a personagem em comparação com suas contrapartes masculinas, provocando assim, por consequência, a ruína de tudo que a engrandecera e a renovara sob o comando de George Pérez? Em suma: ela retrocederia?

Pérez seria substituído por um roteirista/desenhista fixo ou a personagem seria levada *por mil mãos*, perdendo assim sua *persona*?

Este é, pois, outro aspecto motivador das incertezas quanto ao futuro da amazona. No Brasil este temor, embora incapaz de ser mensurado de forma mais concreta tanto por falta de instrumentos adequados e confiáveis para tal levantamento, notadamente: dados sobre vendagem; faixa etária, social, econômica, nível de instrução e atividade profissional de leitores, bem como, e, sobretudo, devido à falta de um título próprio que tivesse tratamento editorial, distribuição e divulgação equivalente aos títulos de BT e SH, que permitisse uma análise comparativa *justa* e, não *perversa*, como é na etapa posterior, por não usufruir dessas condições.

Mas, ao mesmo tempo, com base em seu histórico editorial no Brasil, não seria impossível temer pelo pior. E esse mesmo histórico, tornar-se-ia então, no instrumento que daria, creio, razoável consistência à tal inferência.

Porque, considerando-se o que já foi exposto nos capítulos anteriores desse trabalho, e o que veremos a seguir, apesar de tudo o que ocorreu nesses quase 70 anos, para a personagem, para as mulheres, para o Brasil e, para o mundo, a personagem da heroína, e agora, não me limito à MM, ainda, *grosso modo*, não está sujeita ao mesmo tipo e grau de beneplácitos desfrutados pelos *heróis*.

Assim sendo, podemos constatar um *discurso*, seja ele o do politicamente correto, ou do socialmente justo ou termos similares, mas ainda bastante dissociado de uma prática social concreta.

Lembrando aqui que, embora possamos constatar avanços relevantes, e que, para efeito e meta desta investigação, a personagem da MM representa uma visão do feminino e das mulheres, o *discurso*, quer este se manifeste sob a forma da publicação contínua e similar à praticada com personagens masculinos, das histórias da guerreira amazona em revista própria ou; sob aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos ou intelectuais, especialmente, experimentados pelas mulheres no mundo *real*, e a *prática*, ainda precisam de uma (r)evolução muito mais profunda e consistente, ou, o *discurso* será *apenas um discurso* e a *prática*, uma intenção. Uma *aspiração*.

Figura 19. Capa do livro “Who is Wonder Woman?” (Internet)

4. MULHER-MARAVILHA ENFRENTA O “MAL DU SIÈCLE” (1992-2002)

Embora o título desse tópico refira-se a algo que foi repetidamente utilizado por, ou sobre, Baudelaire, entre outros poetas da virada do século XIX para o século XX, num sentido de desencanto com a vida e numa visão de que o mundo em que vivia estava doente, perdido e decadente, a escolha remeteu mais a dois aspectos fundamentais dessa *visão de mundo*, que me parecem valiosas e significativas para o panorama desse período da personagem e da época em que vivemos.

Refiro-me, portanto, ao próprio fato desse período marcar a virada para um novo século e, também, um novo milênio e; ao fato de que em ambos os momentos históricos, profundas transformações estavam modificando indivíduos e sociedades. Acrescentando ainda aí, o fato de que, para uma parcela significativa da população, expressa sob diversas formas, como por exemplo: banalização da vida, mudança de valores morais predominantes, objetos e objetivos individuais e sociais coletivamente valorizados e estimulados etc, e, especialmente, entre elas, o *senso comum* no sentido apontado por Renato Ortiz²⁵ (2006), quando este opõe-se à visão de Gramsci, entendendo que “... o *senso comum* possui também coerência e abrangência consideráveis, ele é uma forma de “filosofia”, e enquanto *visão de mundo* consegue muitas vezes organizar o entendimento das coisas no seio de sua intenção totalizadora”.

Concordo ainda quando Ortiz, ainda na sequência coloca: “O que é novo, no entanto, é a sua amplitude, antes, ele se conformava às fronteiras das instituições nacionais, particularmente a escola e a família, mas seus limites se expandiram, dando-lhe uma feição mundializada. São suas explicações de mundo, mais do que interpretações, que gostaria de considerar de maneira crítica. Quero entender como se está consolidando uma *visão plausível do processo de globalização* garantindo a autoridade de uma crença partilhada por ‘todos’ (ou seja, por alguns), cada vez mais difundindo-se e solidificando-se mundialmente”.

²⁵ Ortiz, Renato – *Mundialização: saberes e crenças*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 2006. p. 45-46.

O que me toca e me chama especial atenção nessa exposição de Renato Ortiz e que vem ao encontro do que tento apresentar aqui, diz respeito ao aspecto de *autoridade* que o *senso comum* granjeou e ampliou nas últimas décadas. E este, me parece, um fato novo e significativo. E que, por isso mesmo, traz embutida uma variedade larga de dimensões de análise quando tentamos considerar algo sob o ponto de vista do *senso comum*, mas que, ao mesmo tempo, não podemos e nem devemos deixar de considerar, visto o peso e alcance que desfruta em nosso cotidiano. E ainda, como vimos na fala de Renato Ortiz, não traduz um aglomerado caótico ou fragmentado e incoerente, como era tido por Gramsci, mas sim, uma totalização coerente e ordenada. Ouso até colocar, *intencionada*. Isto é; ainda que este *algo*, mundialização ou globalização, ou qualquer outro conceito que se vincule a um *senso comum*, tenha uma crença partilhada por *todos*, ou por alguns, esse grupo insere ao *senso comum*, certas intencionalidades que o caracterizam e o definem.

Em outras palavras, ouve-se, como *senso comum*, quando conversamos, informalmente ou não, que *este mundo está perdido, não há moral, família, salvação* ou termos afins, idéias afins, que, em suma, nos remetem para o que também se tornou um *senso comum*, uma idéia relativamente bastante espraçada, de que vivemos, novamente, um segundo *mal du siècle*, ainda que, nem todos saibamos bem o que isso queira dizer. Mesmo assim, reproduzimos a fala e, conscientemente ou não, experimentamos e vivenciamos esse estado *indefinido e impreciso*. E, conseqüentemente, agimos e reagimos de acordo.

Então, embora sem aprofundar aqui, porque não é essa a intenção, o título do tópico, parece-me, em função do exposto, adequado. Também me parece compatível com a situação da Princesa Amazona nesse período e o contexto histórico, social e político que atravessamos.

Para melhor detalhar isso, precisaremos considerar o tema sob vários ângulos. Nenhum deles, contudo, como analiso, mais ou menos significativo que outro, embora alguns deles possam ser mais fáceis de serem comprovados ou desfrutarem de uma visibilidade mais imediata que outros, o que, sob o conceito de *senso comum*, poderia sugerir uma relevância maior ou menor para uns e para outros.

Outro ângulo sob o qual podemos verificar esse '*mal du siècle*', ainda em combinação e em acordo com o *senso comum*, apresenta-se, concretamente, pelo fato de, apesar de ser ela uma personagem contemporânea de BT e SH, e ainda mais, ser a

personagem feminina, sem dúvida alguma, mais destacada da editora dos personagens citados, e, ainda do fato de se destacar também entre as personagens da principal editora concorrente e, do fato de vivenciarmos um discurso do *politicamente correto*; ela ainda, entre nós, brasileiros, não ter conquistado um título próprio editado em condições de igualdade aos dos principais personagens masculinos de sua editora.

Ou seja, mesmo tamanho de revista, qualidade de impressão, número de páginas, periodicidade, cuidados gráficos, visuais e cronológicos, divulgação etc.

E, em termos de transposição para outras mídias, portanto, considerando aí um aspecto planetário, *global*, se preferir, em especial, destaco aqui o cinema. Então, apesar das mulheres terem realizados diversas conquistas políticas, direitos sociais etc, não tem esse reconhecimento apropriadamente retratado por esta mídia. Ou, como também já mencionamos, pela televisão, com desenho animado próprio, por exemplo. A exceção, que não pode ser esquecida, foi o seriado realizado na metade dos anos setenta, com Linda Carter no papel da Princesa Amazona e como seu alter ego, Diana Prince.

Em relação ao *senso comum*, isso nos sugere que a personagem, que, para os efeitos e propósitos desse trabalho representa a visão que se tem e que se passa sobre a mulher e o feminino, não tem a relevância que tem SH ou BT. Mesmo sendo ela de grande destaque, este não é visto como significativo a ponto de gerar as transposições mencionadas. Assim como podemos verificar com outras personagens femininas, que, embora tendo sido retratadas pelo cinema, o foram de modo precário ou deturpado, em relação aos quadrinhos.

É justo dizer que BT e SH também tiveram algumas produções com resultados de crítica e público abaixo da média, mas com grande investimento de capital. Já, produções como “*Supermoça*”, por exemplo, não tiveram nem o mesmo volume de investimento na produção e divulgação, mesmo quando comparada às produções de SH III e IV, consideradas inferiores aos dois primeiros filmes do herói, ainda que em todos eles, o personagem tenha sido vivido pelo mesmo ator, Christopher Reeve.

É certo dizer, contudo que, em se tratando de um produto artístico, como um filme, independentemente de sua temática, ele pode ou não agradar tanto a crítica quanto o público, mas, o que se destaca aqui é a desproporção entre filmes que tenham como personagem central, uma personagem feminina. Isso é ainda mais visível quando pensamos em heroínas dos quadrinhos, mas inclui outras figuras femininas, como personagens da

história ou mesmo personagens do cotidiano contemporâneo. E, quando isso acontece, na maioria das vezes, o que se vê retratado nas telas é uma imagem ora deturpada ora caricata.

Exemplos mais freqüentes recaem ora sobre a mulher frágil, tanto física como psicologicamente, ora sobre a histérica, a amargurada, a vazia, a fútil, a vingativa, ou outros valores depreciativos. Existem, é claro, honrosas exceções, mas ainda quantitativamente limitadas. Um bom exemplo disso, foi a personagem Tenente Ellen Ripley, vivida pela atriz Sigourney Weaver na série iniciada com “*Alien, o oitavo passageiro*”, de 1979, e direção de Ridley Scott. Outro bom exemplo, com a mesma atriz, foi “*Nas montanhas dos gorilas*”, como a zoóloga Dian Fossey, de 1988, e direção de Michael Apted.

Em ambos os filmes, vemos qualidades positivas de mulheres que, sem se despojar da própria feminilidade, transformam essa mesma feminilidade demonstrando-a em termos de inteligência, força, astúcia, determinação, coragem e superação de obstáculos. Sem uniformes ou poderes especiais, uma personagem imaginada e outra, verídica, retrataram aspectos e valores dignos de uma heroína.

E, em ambos os casos, foram filmes bem roteirizados, bem produzidos e bem divulgados. E, esse conjunto de fatores, possibilitou não só grande sucesso comercial como, em relação ao que se discute nesse trabalho, uma visão justa de e sobre a mulher, como parte importante da sociedade, proporcionando assim um bom referencial para toda uma geração de mulheres que viu estes filmes e, mais ainda, para as que venham assistir no futuro.

Vale acrescentar que, por exemplo, no caso deste filme, ele apresenta um crescente processo de obsessão da personagem pela causa que defendia, isto é, os gorilas. Mas, para vários personagens heróicos, especialmente os do sexo masculino, isso é exposto como uma característica positiva de sua atuação heróica. O próprio BT é um bom referencial disso.

4.1 Uma leitura d’O Espírito da Verdade

O álbum da graphic novel “*O Espírito da Verdade*”, editado pela Abril, em abril de 2002, tendo como foco a Mulher-Maravilha/Princesa Amazona Diana, foi o quarto álbum,

em formato tablóide (24,5 x 34,5 cm), realizado pela dupla de criadores Alex Ross e Paul Dini. Deveria ter sido o último, mas não foi. Os autores, inicialmente, só haviam planejado quatro álbuns, enfocando SH, BT, Shazam! (também conhecido como Capitão Marvel) e MM. Em maio de 2003, no Brasil, a editora Abril lançou o álbum “*Liga da Justiça: Origens Secretas*” e, em junho de 2004, “*Liga da Justiça: Liberdade e Justiça*”. Anteriormente, lançara: “*Super-Homem: Paz na Terra*” (maio de 1999), “*Batman: Guerra ao Crime*” (maio de 2000) e “*Shazam!: O Poder da Esperança*” (maio de 2001).

Em cada um deles, o herói, ou a heroína, defronta-se com um tema específico e mostra como lida com eles. Nenhum dos temas envolve monstros, invasores espaciais, criminosos conhecidos, cientistas malucos ou rivais uniformizados super-poderosos, como costumam figurar nas histórias habituais, nas revistas em que estes heróis aparecem. Cada um deles deve enfrentar algo que diga respeito diretamente à vida humana em nosso planeta, quer em escala, a princípio, individual, como na história de Shazam!, que atende, e se vincula emocionalmente, à vida de uma criança doente, ou, em escala planetária, como SH, ao lidar com a temática da fome.

As histórias, portanto, dessas publicações, se direcionam mais a questões de profundidade moral, psicológica e ética, presentes nos quadrinhos habituais, mas, intensificados pelas dimensões gráficas dessas *graphic novels*, que permitirão, ou, até certo ponto, imporão ao herói ou heroína, uma profunda análise de sua atuação heróica e de sua vinculação com outras pessoas, sobretudo, as pessoas normais e sem poderes especiais, das cidades em que moram, ou mesmo, do planeta, casos mais específicos dos álbuns de SH e MM.

BT, por exemplo, *descobre*, como ainda não havia sido tão claramente mostrado em suas aventuras mais *comuns*, que o crime não tem *apenas* a marca da loucura de um Coringa ou de um Senhor Frio, ou ainda, que o crime não está limitado a um (in)fortuito lance de moeda, como nas histórias do vilão e ex-procurador da Justiça, Duas-Caras. (Se a moeda, riscada numa das faces, caísse voltada para cima, ele roubaria, mataria, o que quer que fosse e qual fosse o momento no qual decidira por lançar a moeda. Se caísse o lado não riscado, a pessoa poderia ser salva. Mesmo que esta pessoa fosse o próprio BT).

Ele descobre que há crime e criminosos, de outra *estirpe*, mesmo entre seus conhecidos e amigos milionários. E que a fortuna de alguns deles pode ter surgido, ou se

ampliado, por ações nem sempre consideradas como criminosas, exceto, quando, alguém como ele, na pele do herói noturno, investiga e age, em lugar de ignorar ou calar-se. O crime, descobre, está mais próximo dele do que imaginava. E não habita apenas os cantos escuros de sua cidade.

SH, por sua vez, tenta combater a fome de milhões de miseráveis no planeta em um dia e depara-se com governantes que impedem sua *visita*, com razoável questionamento e temor desta ser entendida como uma intromissão em problemas internos de seu país, outros governantes que se mostram corruptos e que, alegando *com sorrisos* estarem agradecidos e se responsabilizarem pela distribuição dos alimentos levados pelo herói, mas, que quando este se afasta, visivelmente sinalizam que desviarão, por serem corruptos, os donativos, para enriquecer ainda mais seus bolsos à custa da miséria do povo local.

O propósito aqui não é analisar detidamente cada um desses álbuns, mas, cada um traz um pensamento, conforme a situação enfrentada, que a realidade não se restringe àquele momento e que, mesmo um herói uniformizado, por melhores intenções que tenha, não é capaz de, agindo isoladamente, solucionar problemas tão profundos e extensos como a fome, como SH descobriu nessa história, sem que as pessoas *comuns*, participem disso. *Atuando, heroicamente, como ele.*

Ainda, contudo, antes de analisarmos a história vivenciada pela MM, cabe acrescentar, que todas essas aventuras, pelos próprios temas abordados e a forma como foram abordados, tem algo que nos remete à sensação de *mal-du-siècle*, que, também está presente no álbum da Princesa Amazona e, que não casualmente, esta série realizou-se, temporalmente, numa virada de século e virada de milênio.

Também quero acrescentar, que a opção por analisar este álbum em lugar de gibis mais recentes, por exemplo, partiu de diversos critérios ponderados e não, de uma decisão aleatória. Não se tratam de razões de maior ou menor prioridade, mas para melhor expô-las, as numerei.

Em primeiro lugar, porque desde quando saiu o primeiro dos álbuns, já se falava deste da MM e, sendo ela o *alvo* desta pesquisa, julguei que ele não poderia ser descartado, ainda mais, acompanhando as histórias que precederam o dela. Em segundo lugar, porque até bem pouco tempo, ela continuava sem uma revista própria, na qual pudesse me basear,

o que também reforçou a opção por uma publicação não regular, como é o caso desta graphic novel.

Uma terceira razão, clara e evidente, foi a própria graphic novel. Tanto por suas dimensões, há muito tempo não vista no nosso mercado de quadrinhos, como pela qualidade e realismo de suas imagens, frutos da técnica de desenho e uso de cores, combinando algo de fotografia com algo da pintura artística tradicional, formal. Igualmente, pela temática e pela narrativa proposta. E mais, pelo fato deste trabalho, de excelência de realização e acabamento, ser algo muito raro, no mercado nacional, em se tratando de personagens femininas, mesmo sendo, como neste caso, aquela que é provavelmente, a mais emblemática de todas.

Um quarto critério, também ligado à série de histórias da dupla, Alex Ross e Paul Dini, diz respeito ao fato de poder dispor, dentro de iguais parâmetros gráficos e editoriais, fato que creio seja único, ou quase único, nesses 70 anos do trio de personagens da DC, de um trabalho em que cada um dos personagens pode ser exposto de modo mais íntegro e direto, consigo mesmo e com seus leitores, em total igualdade de condições para isso, o que era, e é, inegavelmente enriquecedor para a análise aqui pretendida. Até porque, se apresentamos e destacamos uma virada das mulheres nos últimos sessenta, setenta anos, esse material também pode nos oferecer uma visualização da *virada masculina* nesse período. Isto é, como os heróis e os homens, estão neste terceiro milênio.

Como quinto critério, não há como não mencionar, existe o fato de que, a expansão realizada no projeto inicial, os quatro álbuns, que levaram à realização de dois álbuns dedicados à Liga da Justiça, sendo um deles, voltado para as origens das personagens, permite ainda que consideremos sob um mesmo *palco*, e dentro do momento atual de cada um deles, como estes heróis e esta heroína interagem entre si.

Então, seus álbuns individuais, de certo modo, desembocam nos dois álbuns coletivos, permitindo um quadro bastante significativo para o problema, ou, *problemas*, sobre os quais este trabalho busca refletir. Porque, embora o feminino seja seu foco central, este está em constante interação, nem sempre conflituosa, nem sempre harmônica, com o masculino.

Um complemento ainda deve ser feito, antes de procedermos à análise do álbum “*Mulher-Maravilha: O Espírito da Verdade*”.

Em 2003, a editora Mythos, lançou uma edição encadernada de várias histórias apresentadas originalmente, nos Estados Unidos, entre os anos de 1996 e 2003, nas quais, os heróis da DC atuam em acontecimentos históricos reais. Esta revista chamada “*Heróis através da História*” é outro, dos raros exemplos em que encontramos simultaneamente, a ação dos heróis BT e SH e da MM, em igualdade de tratamento gráfico e editorial. Porém, na história, “*Cavaleiros da Justiça*”, na qual aparece, ainda que em destaque, ela age acompanhada por outros personagens da DC, enquanto que SH e BT atuam sem a presença de reforços, isto é, sem outros heróis.

Assim: por volta do ano 1000, SH, de nome Kal, enfrenta o poder de um nobre feudal, em local não especificado; em 1794, BT, rebela-se contra o terror jacobino na França revolucionária; MM, cerca de 1860, como a xerife Diana, desafia o poder de um rico e perigoso bandido no velho oeste americano, reunindo um grupo de homens com poderes e habilidades especiais, representando assim uma versão da LJ; SH reaparece, entre os anos de 1863 e 1865, para participar da decisiva batalha de Gettysburg, durante e após a Guerra de Secessão americana; depois, com referências ao filme “*Os Intocáveis*”, vemos BT combater Al Capone entre 1920 e 1932 e, por fim, numa história datada de 1949, temos novamente a presença de BT, combatendo ao mesmo tempo, a máfia e um prefeito corrupto.

Agora, tendo estes elementos expostos, poderemos melhor compreender os múltiplos aspectos do álbum de Alex Ross e Paul Dini, enfocando a Princesa Amazona.

Como nos demais álbuns, temos 64 páginas, formato tablóide²⁶, utilização de modelos vivos fantasiados como as personagens da história, como atesta o responsável pela parte artística, Alex Ross, para obtenção de uma imagem mais realística. Com seu estilo de pintura em quadrinhos, Ross consegue um efeito quase fotográfico que impressiona e, com as dimensões ampliadas graças ao formato, impacta o observador. Seu trabalho é facilmente reconhecível, como uma marca registrada.

Seguindo o padrão dos álbuns anteriores, duas páginas são dedicadas às referências quanto à origem da heroína, que como disse Alex Ross em sua entrevista de 02 de outubro de 2002, constante da edição “*Liga da Justiça: Origens*”. “*Ele (Shazam!) e Mulher-Maravilha nunca tiveram suas origens narradas de forma tão compacta. Quando foram*

²⁶ Infelizmente o tamanho do álbum impediu o scaneamento de imagens que pretendia constassem deste trabalho.

criados, no começo dos anos 40, suas origens ocupavam várias páginas. Havia muita informação sobre a Mulher-Maravilha, particularmente. (...)”

Graficamente, usando página dupla, o que será uma das marcas típicas dos seis álbuns, mas, ao mesmo tempo, multiplicando os espaços, esta introdução mostra as amazonas gregas lutando contra soldados e depois, rumando para a Ilha Paraíso, onde constroem a cidade de Temyscira, desenvolvendo nela, tanto seus corpos quanto suas mentes. Mostra Hipólita modelando o barro na forma de uma criança, o torneio que será vencido por Diana e que a tornará a embaixadora das amazonas no “mundo dos homens”.

Este trecho tem como narradora a rainha Hipólita, que revela seu receio, como mãe, quanto ao futuro de Diana, mas também, uma pesarosa aceitação de que nada poderia fazer, porque afinal, sua filha era, e para sempre seria, a Mulher-Maravilha.

A partir desse momento, é a própria MM que irá narrar suas aventuras e desventuras, que causarão profundo pesar; em outros, grande surpresa e desorientação; e, em outros ainda, apenas para citarmos algumas das emoções que viverá nessa história, a fúria de uma guerreira contra um mundo de tantas injustiças e desigualdades. A cada cena, praticamente, uma emoção aflorará e causará reações, físicas e ou emocionais, que indicarão que ela terá de percorrer um longo caminho para entender quem é, qual sua missão, e os meios para cumpri-la, naquele mundo estranho e, por fim, mas não menos relevante, que sua adaptação àquele mundo exigiria mais dela, do que as façanhas que podia realizar graças à sua grande força física.

Numa sucessão de magníficas páginas duplas, usando seu uniforme de MM, observamos a heroína enfrentando todo tipo de situação delituosa, criminosa ou terrorista, deixando, por assim dizer, uma declaração de que nenhuma *falta* seria esquecida e que passaria isenta de sua vigilância. Ela enfrenta terroristas que ameaçam diversos políticos, inclusive o presidente, de um país não-discriminado, impede a fuga de ladrões, resgata pessoas de um incêndio, solta um orangotango da jaula de caçadores, combate ladrões hi-tech, socorre acidentados de uma colisão entre dois trens e, acalma uma criança, nesse acidente, em seu colo. Tanto as imagens quanto o texto, comprovam que estas ocorrências têm alcance global, o que a coloca, não como uma heroína norte-americana, mas sim, uma heroína do e para o planeta.

O estilo utilizado por Ross, tanto para os traços quanto no uso de cores, imprimem aos personagens, além do realismo fotográfico já mencionado, uma maturidade cronológica que também, por sua vez, reforçam um aspecto de autoridade que os heróis passarão. Essa combinação entre maturidade e autoridade distancia ainda mais, o cidadão comum, sem poderes, dos heróis.

Em certas cenas, essa distância pode até parecer, sugerir ou confundir-se com uma arrogância do indivíduo poderoso sobre os que não possuem aquele tipo de força, de poder ou habilidade. Porque, no caso da história da MM, as cenas que sugerem esse tipo de impressão, ocorrem mais quando vemos a Princesa Amazona diante de indivíduos poderosos politicamente e que abusam desse poder sobre uma população empobrecida e fragilizada.

Nesses casos, o que se observa é a insatisfação da Princesa em ter que se conter, ora por estar representando sua faceta de Embaixadora amazona, portanto, na qualidade de quem exerce um cargo oficial ter que seguir um protocolo, e, em outros momentos, a surpresa que percebe nos olhares e na postura de quem a vê.

Após a sequência de atos heróicos que relatamos, Diana retorna a Temyscira onde reencontra suas irmãs amazonas, desfruta da paz idílica da ilha, junto aos animais e junto das amazonas e, posteriormente, reencontra-se com a rainha Hipólita, com quem conversa sobre o mundo dos homens. Depois, vemos a Princesa deixar a Ilha Paraíso. Entre as amazonas, Diana deixa o traje e o laço de MM bem como a tiara que representa sua condição de princesa. Apenas em sua chegada e em sua partida, aparece como a MM.

Nesse momento, como também ao final da história, quando, por uma segunda vez está em Temyscira, e aí, usando os trajes de MM, a sensação de paz e harmonia servem de contraste tanto ao que ela encontra de tumulto no mundo dos homens, quanto serve de contraste para os aspectos, já relacionados, de *mal du siècle*, presentes nesta história como nos demais álbuns. Uma espécie de refúgio.

Em seguida, ela aparece numa nação que relata ser *autocrática*, mas sem especificar onde está localizada, durante uma manifestação civil pacífica. Como Embaixadora consegue participar de uma reunião de Conselho do Estado, mas sente o desdém entre seus membros e o receio destes por ela se envolver numa questão interna, para a qual sua presença não era necessária ou bem-vinda. Ela vê, em seguida, tanques rumarem contra os

manifestantes e uma jovem que cai bem diante de um dos tanques. Nesta página dupla, vemos que se trata de um povo com traços asiáticos.

Essa imagem guarda grande semelhança, e creio, não por mera coincidência, com a imagem do jovem que se colocou à frente dos tanques chineses, na Praça Celestial, em 1989, durante um ato de protesto.

É aí que interfere, como MM, ao levantar e atirar o tanque à distância, após verificar que os soldados haviam saído de seu interior. Ao prestar auxílio à jovem, espanta-se com o olhar de medo e surpresa que esta tem para si. A jovem foge assustada.

Num outro país, agora apontado como uma *ditadura hostil*, a convite de um amigo militar, procura verificar, numa *missão humanitária*, o uso de camponeses como escudo humano, a cada ameaça de invasão vinda de uma nação vizinha.

Novamente diante de políticos, MM sente que lhe mentem, mas, nada pode fazer como Embaixadora. Mas ao surgir, em pleno mercado, como MM, causa enorme choque, já que percebemos tratar-se de um povo provavelmente muçulmano e no qual as mulheres devem cobrir seus corpos totalmente. Ao pousar, homens e mulheres lhe atiram pedras e a rejeitam. Sente-se, como diz: “... *humilhada e melancólica*”.

Em Metrópolis, encontra-se com SH, vestido como Clark Kent. Ela busca saber, inicialmente, porque ele passa a maior parte do tempo *disfarçado*, isto é, como Clark. Ele alega que foi educado para se sentir igual a qualquer pessoa na Terra e que ele é, de fato, Clark Kent. Mais do que isso, que ele precisa dessa identidade para ser aceito pela maioria das pessoas e assim poder agir melhor em benefício delas. Também ressalta o valor da vida humana como “... *uma experiência tão valiosa*”.

Clark diz ainda que apesar dos dois, ele e MM, saberem como a vista do céu é linda, “... *a maior parte das pessoas vive com os pés no chão e os olhos voltados para sua existência cotidiana. (...) Os homens e as mulheres querem controlar seus próprios destinos, no que fazem muito bem. Você não gostaria de ser dirigida, incitada ou forçada a mudar. O mesmo vale para os demais. Apesar de você ter boas intenções, qualquer orientação pode ser calamitosa, principalmente quando vem de alguém que eles julgam perfeito.*”

Nesse ponto, MM pergunta:

“Você me acha perfeita?” Clark responde: “Eu sei que não sou o primeiro a dizer isso, mas sua enorme beleza e força podem intimidar a maioria das pessoas. (...) Acredito que a melhor maneira de produzir mudanças significativas é trabalhar ao lado das pessoas em vez de ficar acima delas. Pelo menos, isso sempre funcionou comigo.”

Depois, seguindo o conselho de Clark, Diana, vestida como uma pessoa comum, observa um protesto e sente a novidade que é estar entre outras pessoas, sem estar vestida como a MM. Segundo MM, o tumulto apresentado pelo protesto é, de certo modo, indiferente para ela, já que ambos os lados *“... revelam pontos de vista igualmente válidos e igualmente passionais”*.

Não há, visual ou textualmente, nada que permita inferir sobre o conteúdo de tal manifestação, mas, sabemos, pela narrativa feita pela Princesa que a paixão demonstrada pelos lados que se enfrentam, não seja afetada por um derramamento de sangue. A única referência visual que dispomos, mostra que essa população é predominantemente de cor branca.

Em meio ao povo, MM percebe um homem com um rifle, pronto para atirar. Ela aproxima-se, toma-lhe a arma e parte-a ao meio. Para em seguida, afastar-se, contribuindo assim para que a situação ganhasse contornos mais amenos. Numa outra situação, ainda vestindo-se de modo discreto, num país que permite a exploração da floresta, mesmo após receber milhões para sua preservação, ela, com discrição, evita a derrubada de mais árvores, que seria feita por trabalhadores obrigados por homens armados.

No momento seguinte, num ponto não identificado, ela trabalha como médica em um hospital num país, outrora em guerra, mas que ainda contem muitas minas terrestres que causam enormes prejuízos à população. Depois, como voluntária, oferece-se para realizar a remoção de minas. Mas faz isso, à maneira mortal. O que lhe faz ter uma visão diferente sobre esse tipo de arma e sobre as pessoas.

Em seguida, vestida como um soldado, num acampamento militar situado em região que sugere ser próxima a um deserto. O texto confirma que ela voltara à região muçulmana, pelos trajes das mulheres mantidas em cativeiro. Uma mulher é posta *a chutes* dentro de uma área com cerca e é amparada por outras que lá já estavam. Nessa área, também estão homens e jovens de ambos os sexos. A mulher então revela ser a MM e desafia o oficial

que dera uma ordem, pouco antes. As mulheres, com suas *burkas*, mostram-se espantadas diante daquela visão.

A figura da MM impressiona pelo que *expõe* do corpo daquela mulher, depois; impressiona por rebater os disparos das armas dos soldados com velocidade e precisão; impressiona, ainda, pela força, agilidade e fúria contra os soldados, provocando por fim, uma enorme explosão, da qual sai de modo altivo e desafiador. Ao mesmo tempo, segura de quem é e do que deve fazer neste preciso momento.

Os soldados fogem e ela liberta os prisioneiros que, ainda assustados, temem em sair do cativeiro. Ela sente “... *alguns gestos furtivos e orações sussurradas, mas, em sua maioria, os reféns partem em silêncio.(...)*”. Toma seu avião invisível e reaparece em Temyscira, onde, sentada na grama, ao por-do-sol, diz a si mesma: “*Agora eu me dou conta de que sou tanto uma guerreira quanto uma mulher de paz. Jamais poderei priorizar uma parte de minha alma em detrimento da outra, embora hoje sinta que ambas coexistam mais harmoniosamente do que antes. Heroína, semideusa²⁷, soldado, pacifista – eu sou todas estas coisas em parte, mas nenhuma delas por inteiro. Na verdade, sou muito parecida com as pessoas do Mundo dos Homens – um ser de contrastes e contradições. E agora que vivi entre eles, percebo que é aí que posso continuar a fazer o bem.*”

A história finaliza com Diana ao telefone, e ela diz a Clark que ele tinha razão. Ela diz: “... *Clark não faz idéia da inspiração que é para mim e para os outros.*” Nos três quadros finais, vestida com uma roupa comum, Diana faz uma espécie de *balanço* sobre sua, agora estabelecida, dupla identidade.

Ela diz que sempre que surgir a necessidade, será a MM. Mas também diz: “*Até lá, um novo papel me aguarda. O de mulher comum sem título ou trajes de gala, que se esforça para fazer o possível, armada apenas com um coração compassivo e a crença profunda na bondade das pessoas ao seu redor. Bondade por vezes oculta, mas sempre inerente. É o melhor para conquistar um lugar para mim no Mundo dos Ho... no mundo humano.*” Enquanto o texto, posto nos três quadros finais aparece, a imagem, como se fosse filmada, de um ponto mais elevado, vai mostrando Diana, que quase desaparece, envolvida por um número maior de pessoas que se deslocam pela calçada, em vai-e vem.

²⁷ Único momento e referência no qual esta palavra é empregada para ou sobre a MM. Mas, vale lembrar, que é ela quem está relatando a história (e seus pensamentos) neste momento. Isto é, ela reconhece a si mesma como *semideusa*.

Essa fala revela alguns pontos bastante interessantes a serem considerados. Em primeiro lugar, algo que é, com alguma frequência citado, de modo explícito ou não, que é a ascendência que SH inspira aos demais heróis, seja por sua ética seja por seu caráter. Às vezes, até por sua força. Nessas referências, nota-se que o caráter de pioneirismo que o personagem tem, por ter sido o primeiro do gênero *action comics*, é o que especialmente, lhe destaca dos demais. Então, trata-se do respeito de outros artistas sobre a obra criada por um predecessor.

Sobre esse aspecto temos que considerar que o SH, em seu início, e isto não é algo conhecido e divulgado, exceto para os fãs mais entusiastas, tinha comportamento mais violento e isso foi modificado, editorialmente, a partir de 1940, quando o editor *Whitney Ellsworth*²⁸, reformulou a personalidade do herói, antes rude, para alguém que possui um elevado código moral, incapaz de, entre outras ações, matar a quem quer que fosse. Antes desse período, algumas histórias sugeriam que isso poderia ter ocorrido com alguns criminosos que ele teria enfrentado.

Como segundo aspecto, conectado ao anterior, temos que isso faz do SH *alguém* a quem os heróis consultem, antes de agir. O que acontece nesta história da Princesa Amazona, mas não em nenhuma das demais histórias da dupla, Alex Ross e Paul Dini. E, via de regra, o mesmo é válido para a maior parte das revistas e personagens, especialmente, os heróis. Então, terá ela *consultado* SH por ser uma heroína *novata*, ou, pelo fato de ser mulher? Ou, por suas dúvidas estarem ligadas a uma, ou ambas, das condições anteriores?

Por este final, sugere-se que desde seu aparecimento, MM não possuía uma identidade secreta, o que não lhe permitia conhecer melhor às pessoas e ao mundo, apesar de já atuar como heroína há algum tempo, indeterminado, na narrativa. Conseqüentemente, o fato dela a partir desse momento, ter adotado uma identidade secreta, traria ganhos variados e efetivos, em sua atuação heróica.

Ou seja, por outro lado, uma heroína que agia abertamente, sem máscaras ou vida dupla, como ela fazia até então, teria que criar uma nova *persona* para agir melhor ou, para

²⁸ Internet. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Superman> (Tópico: Personalidade). Podemos comprovar isso, in: Superman – From the 30's to the 70's. By National Periodical Publications, Inc. Bonanza Books, New York, 1971. p. 39 e p. 47.

não ser diferenciada, em seu modo de ver e ser, dos personagens masculinos, que se ocultavam numa outra personalidade? Por que ela quereria ou deveria, ser diferente deles?

Esta visão nos traz outra questão igualmente interessante. Isto é: uma das razões mais expostas e *racionais* usadas nas revistas para a dupla identidade de personagens de ação é que desta maneira, seus entes próximos e queridos, ficariam mais protegidos contra ataques de inimigos. O fato dela se *transformar* noutra pessoa, não atrairia, pelo raciocínio inverso, mais riscos para estas pessoas?

É razoavelmente fácil verificar isso, por exemplo, no caso de Lois Lane, que por ser salva tantas vezes de perigos por SH, expõe, aos criminosos, que este se preocupa por ela e com isso, coloca-se como um *alvo* ou *um meio* de manipular o herói? Outros bons exemplos, na editora Marvel, por exemplo, são: a tia Mary e Gwen Stacy, a namorada, durante um período de tempo, de Peter Parker, o Homem-Aranha.

É fato também, nos quadrinhos como em outras mídias, que as próprias identidades secretas sejam *alvos* de bandidos, como por exemplo, Clark Kent e Bruce Wayne, ou por estes serem indivíduos de destaque social ou por terem sido relacionados pelos bandidos, como *próximos* dos heróis SH e BT. Há casos, inclusive, de histórias nas quais os bandidos levantam a suspeita de que Clark e Bruce sejam as identidades secretas dos heróis. Um exemplo disto encontra-se no filme de 1966, época da *batmania*, em que Wayne é capturado para atrair BT e, depois, levanta-se a suspeita da dupla identidade.

Seguindo a fala da amazona, temos que ela passa uma visão da “... *mulher comum*, como *sem títulos ou trajes de gala...*”, mas que tem como característica marcante, talvez, fundamental, segundo esta fala, de ter “... *um coração compassivo e a crença profunda na bondade das pessoas ao seu redor...*” e que esta bondade, é *inerente* às pessoas. Ou seja, num certo sentido, e talvez o predominante socialmente, porque desejado e reproduzido ao longo dos séculos, que a *mulher comum* (o que seria isso?), possui características passivas, conformistas e dóceis.

A tal *mulher comum*, seria então, alguém, como sugerem os desenhos da página final, que desaparece na multidão? Alguém que se oculta, na cidade e em sua identidade, para ter ou manter seu coração compassivo e uma crença infinita na bondade inerente, mesmo vendo todas as injustiças e desigualdades que ela vê e nas quais, muitas vezes, tem de interferir?

Por outro lado, o álbum mostra-nos a força física dessa heroína, de modo inquestionável. Mas, essa força, para ser aceita socialmente, *terá* de ter um rosto, uma *persona* e uma força, inserida num padrão dito de *normalidade* para seu gênero? Ou será vista, se assim não fizer, como uma transgressora dessa sociedade?

Figura 20. Capa da revista “O Espírito da Verdade” (Internet)

5. HERÓIS DC, HERÓIS GREGOS E SUAS MITOLOGIAS

5.1 Super-Homem e Perseu, Batman e Teseu. Quando os heróis se encontram.

A mitologia grega é rica em relatos heróicos e em heróis capazes de realizar tais atos. Porém, isso é, basicamente falando, algo comum às mitologias, que, por sua própria definição, contém relatos fantásticos, fantasiosos. E tais relatos, de modo mais ou menos explícito, trazem em si mesmos, a síntese e a essência da definição do que é ser *herói* e do que se compreende como *ato heróico*.

O que este tópico pretende considerar são os pontos de convergência entre dois heróis²⁹ míticos gregos e dois heróis do universo dos quadrinhos. Essa proposta tem por ponto de partida o fato da enorme influência que a Grécia Arcaica e Clássica, bases temporais desses relatos, exercem sobre a cultura ocidental, como parte de toda a cultura grega, incluindo aí, obviamente, toda a filosofia, história etc.

As escolhas de Perseu e Teseu, não foram aleatórias e serão, creio, mais adiante, suficientemente justificadas.

Embora não seja uma novidade, convém reforçar que esses relatos sofrem, de autor para autor e tradutor para tradutor, variações de diferentes graus. Alguns, mínimos, que alteram pouco a essência de uma passagem ou mesmo, do conteúdo integral da história reproduzida. Outros, no entanto, por certos elementos presentes, ou ausentes, produzem significativas transformações dos eventos e das características das personagens presentes nos mesmos.

Não sendo este um trabalho exclusivamente voltado para comparar versões dos mitos, o que se oferecerá aqui será, tanto quanto possível, uma compilação de informações e versões desses mitos. Ocasionalmente, contudo, sobretudo em casos de elementos que alterem tais eventos ou seus personagens, comentários poderão ser feitos nesse sentido, para esclarecimentos e análises mais amplas.

²⁹ As teorias de Marshall MacLuhan são consideradas um marco na definição desse conceito. MacLuhan, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

A síntese terá como ponto de partida, a obra de Gustav Schwab³⁰ (1994) e, versões diferentes serão mencionadas em seguida, quando necessário. Algumas histórias, e versões, apresentam-se de maneira a sugerir questionamentos diversos e até mesmo, algumas inconsistências que não poderemos explorar detalhadamente neste trabalho, limitando-nos, portanto, a citá-las, sobretudo, as mais destacadas.

Inicialmente, portanto, consideraremos aqui, como que uma breve *biografia* dos heróis gregos. Depois, procederemos a uma apresentação similar dos heróis dos quadrinhos.

Começemos por Perseu. Filho de Zeus, principal divindade grega e de Dânae, filha do rei Acrísio de Argos. Como este teve do Oráculo a previsão que seu neto viria a destroná-lo, tentou prender sua filha. Zeus, contudo, disfarçado, conseguiu aproximar-se de Dânae e esta veio a gerar o herói de origem divina.

Ao tomar conhecimento da criança, seu avô prendera mãe e filho numa caixa e lançara ao mar. Zeus interferiu e os fez chegar à ilha de Serifo e ambos foram salvos e acolhidos. Um dos governantes, Polidectes, casa-se com Dânae e ambos criam o jovem. Quando rapaz, ele decide enfrentar a Medusa, monstro que todos temiam. Com ajuda dos deuses, chega a Fórcis, pai de vários monstros dos mitos gregos, entre eles as Górgonas, das quais Medusa era uma delas.

Para chegar até as Górgonas, Perseu teve que, primeiramente, contactar as Gréias, também chamadas de Grisalhas. Monstros que possuíam um olho e um dente, que usavam alternadamente. Perseu rouba a ambos e obriga que as Gréias o levem até as ninfas. Ao encontrá-las, Perseu solicita delas seus sapatos alados, uma bolsa e um capacete de pele de cão. Com as asas poderia voar para onde quisesse e o capacete o deixava ver sem ser visto.

Depois, pede ao deus Hermes que lhe empreste sua foice de bronze. Por fim, segue seu vôo para o Oceano. Apenas Medusa era imortal e todas podiam petrificar quem as visse diretamente. Para vencer tais criaturas, o herói contou com o auxílio de Atena que conduziu sua mão para que degolasse o monstro. Perseu usa seu escudo como um espelho, evitando assim as serpentes das Górgonas, enquanto estas estavam adormecidas. Assim, por

³⁰ Schwab, Gustav – *As mais belas histórias da Antiguidade Clássica. Os mitos da Grécia e de Roma. v.1: metamorfoses e mitos menores*. Paz e Terra, São Paulo, 1994.

esse relato, vemos que foi Atena, efetivamente, que conduziu o herói a matar a Medusa, fazendo com que este concretizasse seu principal feito heróico.

Perseu colocara a cabeça da Medusa na bolsa que pedira às ninfas e seguiu sua viagem, voando. Ao atingir o reino de Atlas, um titã, pedira para descansar por lá. O titã, orgulhoso de seus frutos dourados, temia que estes fossem roubados, ainda que estivessem sob a guarda de um gigantesco dragão, nega o repouso ao herói e este, fazendo uso de sua poderosa arma, a cabeça da Medusa, petrifica o titã. Imediatamente este se transforma por completo. Seu corpo forma uma montanha, seus cabelos e barba, florestas, seus ombros, mãos e ossos, penhascos. Sua cabeça, o pico da montanha, próximo às nuvens.

Retomando, mais tarde, sua viagem, Perseu nota uma jovem presa a um penhasco. Trata-se de Andrômeda, filha do rei Cefeus, da Etiópia e de Cassiopéia, que ousara declarar-se mais bela que as nereidas (filhas de Nereus, divindade marítima), o que provocou a ira de Nereus e de Poseidon, o deus dos mares. Para acalmar as divindades ofendidas, Andrômeda deveria ser amarrada e devorada por um monstro marinho. O herói então se oferece para salvá-la, o que faz, matando o monstro e libertando-a. O rei então, conforme havia dito, entrega a jovem e seu reino para Perseu.

Na versão apresentada por Thomas Bulfinch³¹ (1998), este acrescenta que Cassiopéia, após sua morte, foi colocada numa constelação que ganhou seu nome. E que as ninfas conseguiram que esta ocupasse uma posição tal, que sua cabeça estaria sempre voltada para baixo, recebendo assim uma lição de humildade.

No banquete de núpcias, Fineu, irmão do rei, que desejava Andrômeda, acompanhado de um exército, tentou tomá-la para si. Quase isolado na luta, Perseu apelou novamente, para sua principal arma, saindo, uma vez mais, vencedor. Deixando a Etiópia, reencontra sua mãe, Dânae. Conhecendo o que havia predito o Oráculo, parte para outras terras.

Na terra dos pelasgos, durante a realização de disputas esportivas, ao atirar o disco, Perseu atingira, sem saber, exatamente a seu avô, que lá estava, acompanhando as competições. Ao tomar conhecimento do que fizera, enterrou Acrísio e “... *trocou o reino*

³¹ Bulfinch, Thomas – *O livro de ouro da mitologia*. Tradução de David Jardim Júnior. Ediouro, Rio de Janeiro, 1998. pp. 53-59 e pp. 248-269.

que herdara com a morte de seu avô”. Andrômeda lhe deu filhos que mantiveram a fama do pai viva.

Não fica claro, e esta é uma das inconsistências encontradas, *como, por que e com quem*, sobretudo, Perseu trocara o reino que herdara com a morte de seu avô.

Para René Ménéard³² (1991), ainda há um encontro, mais exatamente, uma luta, entre Perseu e Baco, entre as aventuras vividas pelo herói grego.

Ainda, segundo Ménéard, Perseu teria pedido emprestado à sua irmã, a deusa Atena, o escudo, a Plutão, o capacete feito por Hefestos e a Hermes, as asas em seus calcanhares. Neste caso, não teria contatado nem as Gréias nem as ninfas. Mas, continuava a contar com o auxílio dos deuses. Para esta versão, a Medusa era mortal e o relato apresentado explica a origem das serpentes em lugar dos cabelos em sua cabeça.

Thomas Bulfinch também relata a origem das serpentes da Medusa semelhantemente ao relato de Ménéard, porém, para Bulfinch, apenas Atena e Hermes teriam oferecido, respectivamente, o escudo e as sandálias aladas. E mais tarde, Perseu ofereceu a cabeça da Medusa à deusa Atena, que a fixou no centro de seu escudo.

Também encontramos na versão de Ménéard, os nomes das duas outras Górgonas, Euríala e Esteno, e sua descrição como virgens aladas e monstros temidos, que possuíam apenas um olho que revezavam entre si. Perseu teria tomado este olho e penetrado a fortaleza que as Górgonas guardavam e onde a Medusa se localizava.

Ménéard e Schwab concordam, em suas versões, que após ser degolada, da cabeça de Medusa surgiram o cavalo alado Pégaso e o monstro Crisaor. Também convergem ao mencionar que o sangue da Górgona, caído sobre a África, produzira um grande número de serpentes venenosas nessa região. E à forma, acidental, que vitimou Acrísio e, conseqüentemente, o cumprimento do Oráculo. Ménéard atribui também ao sangue caído a origem do coral e de insetos.

Vejamos agora, os *caminhos* trilhados por Teseu.

Teseu era filho do rei Egeu, de Atenas, e Etra, filha do rei Piteu de Trezena além de ser neto do também rei, Pélops, do Peloponeso. Piteu, certa vez recebera do Oráculo a previsão de que sua filha não se casaria, mas teria um filho famoso.

³² Ménéard, René. *Mitologia greco-romana*. v. 2, Opus Editora, São Paulo, 1991. pp. 200-215 e v. 3. pp. 254-271.

Egeu era casado e não tinha filhos, e seu irmão, Palas, tinha cinquenta filhos, descendentes diretos. Então este inveja Egeu e Egeu, por sua vez, receava os filhos de Palas, que o desprezavam. Em Trezena, com o apoio de Piteu, casou-se, secretamente, com a filha deste e teve seu filho. Disse a Etra que quando a criança crescesse, deveria tomar a espada e os sapatos que deixara sob uma pedra e se apresentasse a ele, em Atenas. O filho não deveria saber quem era seu pai. Egeu espalhou que a criança era filho do deus dos mares, Poseidon.

Quando o tempo chegou, Teseu pegou os objetos deixados por Egeu e escolheu ir por terra, enquanto que seus pais queriam que ele fosse por mar, já que a rota por terra estava infestada de bandidos. Mas o rapaz, que conhecera Hércules e o tomara como modelo, queria, como seu herói, acabar com esses bandidos. Assim sendo, seguiu por terra, a rota do Peloponeso.

De fato, Teseu encontrou vários criminosos os quais, um a um, venceu e matou. Cada um deles, com métodos próprios de atacar e matar os que apareciam à sua frente. O jovem foi adiante e em seu caminho enfrentou: Perifetes, em Epidauro; Sínis, em Corinto; Féia, que era um animal feroz, em Crômion; Ciro, em Mégara; Cércion, na região limítrofe da Ática, perto de Elêusis e, Damastes, também chamado de Procrustes.

Mais tarde, Teseu encontra-se entre os fitálidas que o acolhem e o purificam. (Os fitálidas pertenciam ao clã de Fítalo, que hospedara Deméter, em Elêusis. Em troca, a deusa lhes ofertara uma figueira).

Em Atenas, o ambiente apresentava-se conturbado. Medéia e Jasão estavam presentes e Medéia prometera devolver a juventude ao rei Egeu. Ela sabia da chegada de Teseu e temia que este a expulsasse da cidade. Medéia leva Egeu a entregar uma bebida envenenada a Teseu, que foi derrubada, assim que o rei viu a espada que este lhe apresentou, reconhecendo-o então, perante todos, como seu legítimo filho e herdeiro. Quanto a Medéia, foi expulsa de Atenas. Depois, regressa à Cólquida e faz as pazes com seu irmão. Após sua morte, foi honrada como uma deusa.

O curioso, nessa passagem, nas duas versões consultadas é que embora se mencione a presença de Jasão, ele nada fez ou disse, sobre o que estava acontecendo. E, igualmente curioso, é o fato de não se mostrar, claramente, que tipo de *confusão* rondava em Atenas no período em que estes fatos aconteciam.

Já para Bulfinch, Jasão não estava presente em Atenas, e ele e Medeia tinham se separado e ela teria se tornado esposa de Egeu. Depois de expulsa, ele cita que Medeia fugira para um país na Ásia, que derivou de seu nome, isto é, Média.

Teseu então, após ser reconhecido como filho de Egeu, mata os cinquenta filhos de Palas e para escapar à ira popular, parte para outras terras. Domina o touro que atormentava quatro cidades, levando-o para Atenas e depois, sacrificando-o para Apolo. Depois realizou um de seus mais conhecidos feitos heróicos. Venceu o Minotauro, salvando, não apenas os catorze jovens, sete moças e sete rapazes, que seriam sacrificados, mas, eliminando, de vez, tal prática imposta pelo rei Minos, após a morte de seu filho Andrógeo.

O rei Minos havia guerreado contra os atenienses, já que seu filho havia sido atacado numa emboscada na Ática. Os atenienses então suplicaram, conforme recomendara o Oráculo, que este os perdoasse. O perdão foi dado, desde que, fossem enviados jovens para serem sacrificados.

Seguindo o Oráculo de Delfos, o herói tomara como guia a deusa do amor. Ao se apresentar ao rei Minos, sua bela figura impressionara a princesa Ariadne, que lhe deu um longo novelo e ensinou-o como sair do labirinto onde estava o Minotauro. Também lhe entregou uma espada, com a qual Teseu matou o monstro. Ariadne seguiu Teseu e seus companheiros na viagem de volta. E foi dela também a sugestão de que se furassem os barcos cretenses, para que estes não os seguissem.

Ao regressar de Creta, o navio aportou na ilha de Naxos onde Dionísio, deus das vinhas, lhe aparecera em sonho, ordenando que este lhe entregasse Ariadne ou o mal o acompanharia. Temeroso de enfrentar o deus, Teseu abandona a jovem na ilha.

Bulfinch refere-se a este abandono como sendo cumprida a ordem da deusa Atena, que lhe aparecera em sonho, manifestando que assim ele agisse.

Após o ocorrido, o herói e o capitão do navio se esqueceram de trocar as velas escuras por velas brancas, conforme combinaram o herói e Egeu, que este seria o sinal de que Teseu voltava a salvo. Ao atracar em Atenas, vendo as velas negras, Egeu lança-se ao mar. Sabendo disso mais tarde, Teseu mostrara-se muito abalado. O navio foi preservado por um longo tempo.

Assumindo a posição de rei de Atenas, Teseu mostrou grande capacidade na função. Uniu aldeias e povoados num único Estado, sabendo atrair tanto pobres quanto ricos. Criou as Panatenéias, que eram festas destinadas a todos os atenienses. Atraiu novos moradores para a cidade com promessas de igualdade de direitos. Mas, para evitar descontentamentos, dividiu a população em nobres, camponeses e artesãos, estabelecendo direitos e deveres a cada grupo. Como prometera aos ricos, limitou os próprios poderes, sujeitando-se ao Conselho dos Anciãos e à Assembléia do Povo. Suas realizações como rei, permitiram que superasse seu modelo, Héracles.

Atenas era protegida pela deusa Atena e Teseu era protegido por Poseidon. Para honrar o deus, ele criou os Jogos Ístmicos, disputados no istmo de Corinto. Certa vez foi ao território das amazonas e, contrariamente ao que normalmente acontecia, estas o receberam em paz, oferecendo-lhes presentes de boas-vindas. Teseu conhece a rainha Hipólita e a convida para seu navio. Depois, voltam juntos para Atenas e lá se casam.

As guerreiras amazonas interpretaram o acontecimento como um rapto e, com uma frota, cercaram a cidade. Depois a invadiram. Por um tempo não houve choque entre atenienses e amazonas, mas, finalmente, o combate teve início e elas sofreram pesadas derrotas. Até Hipólita teria lutado contra elas. Porém uma lança a atingiu mortalmente e, mais tarde, uma coluna foi erguida em sua memória. Por fim, houve uma trégua, e as guerreiras amazonas retornaram às suas terras.

Segundo René Ménard, Teseu acompanhara Héracles e seus soldados contra as amazonas, tendo se casado com a rainha Antíope. E esta, e não Hipólita, teria tido um filho chamado de Hipólito. A ação guerreira das amazonas teria ocorrido porque Teseu abandonara Antíope para se casar com Fedra. Um vaso mostra Teseu empurrando uma lança contra a nova rainha amazona, Hipólita. (Hipólita, nas duas versões, corresponde à mesma Hipólita de quem Héracles deveria tomar o cinturão, em seu nono trabalho para o rei Euristeu).

Apesar das divergências nos relatos, Schwab e Ménard apontam que a guerra contra as amazonas foi considerada como um dos grandes feitos histórico-militares dos atenienses, sendo por isso, reproduzida em vários pontos da cidade.

Tempos depois, temos o encontro entre Pirítoo e Teseu. Pirítoo era um herói que resolve medir forças com Teseu, mas, quando se encontram, sentem uma mútua admiração e juram amizade e lealdade.

Quando Pirítoo se casa com Hipodâmia, do clã dos lápidas, da Tessália, tendo convidado a estes e aos centauros, dos quais era parente, além do próprio Teseu, tudo parecia correr bem, até que, por ação do vinho, um confronto se estabeleceu entre os lápidas e os centauros, que haviam raptado, além da noiva, outras mulheres presentes ao evento. Juntos, os heróis libertam as mulheres, derrotando os centauros, e reforçam seus laços de amizade.

Na versão apresentada por Ménard, após o combate entre lápidas e centauros, os dois amigos estavam novamente solteiros, já que Hipodâmia morrera pouco tempo depois do casamento ter acontecido. Combinaram então arranjar novas esposas. Desse modo, eles conseguiram realizar o rapto de Helena de Esparta, ainda muito jovem. Castor e Pólux, irmãos de Helena, contudo, resgatam-na. Anos depois, a mesma Helena foi raptada por Páris, príncipe de Tróia.

Na época em que estivera em Creta, além de conhecer Ariadne e tê-la consigo, Teseu também trouxera a irmã desta, Fedra, com a intenção de levá-las para Atenas. Depois de abandonar Ariadne, que acabou se tornando esposa de Dionísio, Fedra permaneceu com ele. Quando o pai dela morreu, Fedra retornou à sua terra, sendo criada por seu irmão, o rei Deucalião. Durante um bom tempo após a morte de sua primeira esposa, Hipólita, ele permanecera só. Interessado agora por Fedra quis desposá-la, o que também interessava a Deucalião, que concordou com a união deles.

Para Thomas Bulfinch, Fedra seria filha de Minos, de Tebas. Isto nos apresenta dupla inconsistência. Que o rei Minos não governasse Creta, ou que tenha havido um segundo rei com esse nome; ou ainda, que Fedra não fosse irmã de Ariadne e, portanto, irmã do rei Deucalião, de Creta.

Tiveram dois filhos: Acamântis e Demofonte. Porém, Fedra gostava mais de Hipólito que de seu marido. Já Hipólito estava mais interessado em dedicar-se a Ártemis, deusa da caça, e aos mistérios de Elêusis. Fedra então tinha de ocultar seus desejos, mas, um dia os revela a uma criada. Esta revela os sentimentos de Fedra a Hipólito, que a rejeita. Temendo que ele revelasse ao rei, Fedra age de modo decisivo.

Mata a si mesma e deixa uma nota ao rei, acusando Hipólito de lhe ter desonrado deixando-lhe como única possibilidade honrosa, o suicídio. O filho jura inocência e parte em um segundo exílio voluntário. Mais tarde, Teseu é informado da quase morte do filho e ao buscar informações, descobre que Hipólito era inocente na história criada por Fedra. Nos braços do pai, perdoa-o e morre.

Para Bulfinch, no entanto, Hipólito morre nesse episódio, sendo ressuscitado por Ártemis, que o deixa na Itália aos cuidados da ninfa Egéria. O autor esclarece ainda que para alguns autores, a rainha amazona com a qual Teseu se casa, é chamada por estes, de Hipólita e não Antíope. Cita que na obra *“Sonhos de uma noite de verão”*, de William Shakespeare, é este o nome usado pelo dramaturgo, ao situar seu enredo nas festas pré-nupciais de Teseu.

Em concordância com René Ménard, Schwab relata que Pirítoos e Teseu estavam solteiros quando resolveram encontrar novas esposas e que Hipodâmia havia falecido, pouco após o casamento. Mas, daí em diante, as versões diferem. Para Schwab, Teseu raptara Helena e a deixara com sua mãe, Etra.

Em seguida, foram raptar Perséfone, no Hades, para que esta ficasse com Pirítoos. Mas a tentativa falha e ambos são condenados a permanecer lá. Hércules, sabendo disso, liberta Teseu, mas não consegue salvar Pirítoos. Nesse ínterim, Castor e Pólux, resgataram Helena.

Em Atenas, Menesteu, aproveitando-se da ausência de Teseu e da presença de Castor e Pólux, e o motivo desta presença, promoveu uma desconfiança contra o rei que se transformou em revolta. Os atenienses já não o apoiavam como antes.

Assim, algum tempo depois, Teseu, já envelhecido, rumara para a ilha de Círios, pretendendo se instalar lá. Vale acrescentar que, nesse momento, Teseu arrependera-se do rapto de Helena e ao saber de seu resgate, sentira-se aliviado. Contava que o rei Licomedes lhe arrumasse terras para isso, contudo, Licomedes por um motivo ou outro, empurrou-o de um pico e seu corpo despedaçou-se na queda.

Atenas logo esquecera Teseu e Menesteu governou livremente. Os filhos de Teseu, mais tarde, lutaram na Guerra de Tróia. Quando os persas tentavam dominar os atenienses, seu espírito reapareceu, fortalecendo-os. Címon, filho de Milcíades, tomara a

ilha de Círos e encontrara os ossos de Teseu. Com diversas honrarias, seus ossos foram levados de volta a Atenas, resgatando o abandono de tempos atrás.

Para René Ménard, no entanto, Hércules tivera permissão de Hades para livrar Teseu, mas não tentara fazer o mesmo por Pirítoos. Outras aventuras vividas por ele foram: a expedição dos argonautas e a caça ao javali de Calidón.

Agora, de modo o mais sintético possível, consideremos as *biografias* de SH e BT.

Para a versão pré-*Crise*, SH foi enviado, ainda bebê, de um longínquo planeta, como seu único sobrevivente, para o nosso planeta, tendo sido encontrado por um casal, de uma pequena cidade interiorana dos Estados Unidos, que resgatou a criança e a criou como se fora uma criança terrestre normal. Desde muito cedo, descobertas suas habilidades especiais, estas foram ocultas das demais pessoas e o visitante, treinado para desenvolvê-las.

Assim, de criança tornou-se Superboy e, mais tarde, SH. Frequentou uma escola secundária, e, sem menção a ter frequentado uma faculdade, muda-se para uma grande cidade, Metrópolis, onde irá trabalhar como jornalista num importante jornal de circulação nacional, conforme as histórias.

Desde sua juventude, como Superboy, apresentou dupla identidade e realizou fantásticos feitos heróicos; ora sozinho ora acompanhado de outras figuras heróicas. Viajou no tempo e no espaço, sem qualquer tipo de limitação de poderes, habilidades ou força física.

Aliás, especialmente a partir dos anos 60 e até os anos 80, seus poderes só fizeram ampliar-se. Sobretudo durante os anos 70, para o público brasileiro. Na mesma época, além da já existente kriptonita verde, outras kriptonitas surgiram. Cada uma com efeito diferenciado da primeira.

O aumento de poderes e habilidades de SH muito provavelmente, para efeito de criação de novos enredos, foi a razão do surgimento dessas novas kriptonitas. Do mesmo modo, também foi nesse período que o herói descobriu ser vulnerável à magia. O herói teve apenas um envolvimento amoroso significativo em sua adolescência, Lana Lang, outro, de menor expressão, uma sereia de nome Lori Lemaris, e um único, na maturidade, Lois Lane.

Chama a atenção o fato que as três jovens tenham a letra L em dobro, em seus nomes. O mesmo ocorrendo com seu principal arquiinimigo, Lex Luthor. Isso é inclusive mencionado em algumas histórias.

Já em sua *biografia* pós-*Crise*, Superbebê e Superboy, nunca existiram. O herói só aparece publicamente como tal, uniformizado e realizando feitos heróicos, em sua maturidade. E, em função de elementos já anteriormente expostos neste trabalho, só veio a encontrar, mais tarde, outros heróis uniformizados, em tempos e condições diferentes das apresentadas em sua fase pré-*Crise*.

Quanto aos demais aspectos, trabalho e envolvimento com Lois Lane, estes se mantiveram, praticamente nas mesmas bases já estabelecidas pré-*Crise*.

Os fatos essenciais que transformaram uma criança de cerca de 8 anos de idade no noturno herói BT, também não tiveram grandes modificações entre sua história pré-*Crise* e pós-*Crise*. Isto é, ao sair certa noite com seus pais, para assistir um filme, “Zorro”, com Tyrone Power, o que nos coloca o período exato desses eventos, um assaltante rouba e mata o casal, deixando a criança viva ao lado dos corpos de seus pais.

Também não se alteram o fato de que esta criança será cuidada e educada por um mordomo, já que a família é possuidora de grande fortuna, sendo que o pai do jovem Bruce Wayne, Thomas Wayne, é, ao mesmo tempo, apresentado ora como um grande médico, dono de um hospital, como também, dono (ou herdeiro e isso não é algo claro em sua história) de uma grande indústria, ou conjunto de indústrias de variados tipos, também não suficientemente definidos. Só se deixa claro, que a fortuna Wayne é imensa.

E, como ocorre para o SH, BT pré ou pós-*Crise*, só assume o uniforme e a missão heróica, de forma regular e em tempo integral, com a maturidade. Existem, é claro, na versão pré-*Crise*, para ambos os personagens, histórias em que estes teriam se conhecido ainda adolescentes, mas, a maioria delas, apresentadas àquela época, como histórias ocorridas dentro de uma *realidade alternativa*, portanto, como se não pertencessem à cronologia oficial dos heróis.

Em outras histórias, de semelhante aspecto, como já citamos aqui, os heróis se encontravam *envelhecidos e semi-aposentados*, pais de adolescentes que seguiam seus passos e, esporadicamente, realizavam feitos como eles.

Bem, agora vamos procurar analisar os pontos convergentes entre Perseu e SH, e, mais adiante, Teseu e BT, o que também nos permitirá compreender parte dos critérios da escolha dos heróis gregos.

Perseu é filho do maior dos deuses olímpicos, Zeus, e de Dânae, filha do rei Acrísio, de Argos. Era, portanto, um semideus. E, embora não haja menção específica quanto à sua força física, como no caso de Hércules, outro filho de Zeus com uma mortal, pode-se entender, por seus feitos, que sua força física estivesse acima da de homens comuns.

SH, por ter sua origem ligada ao espaço e pela força que demonstra, muito acima dos padrões humanos, também nos permite enxergá-lo dentro de um patamar divino, dado a enorme distância física entre ele e os demais homens.

O início de vida de ambos está marcado por um forte trauma pessoal e psicológico e eventos simbólicos que reforçam, ainda mais, o caráter divino presente neles.

SH é o último sobrevivente de seu povo tendo sido privado de seus pais biológicos, por conta de um desastre planetário, a implosão de Krypton. Perseu, por sua vez, também, ainda bebê, foi jogado a uma caixa com sua mãe e esta atirada ao mar, por conta de uma previsão do Oráculo feita ao rei Acrísio. Como SH, portanto, ele realizou uma longa viagem, não solitária, como a do herói dos quadrinhos, por um tempo indeterminado, até ser salvo. Em ambos os casos, os agentes salvadores tinham uma origem modesta.

Um casal de uma pequena cidade resgata o viajante do espaço e, um pescador, resgata mãe e filho, levando-os, posteriormente, ao rei da cidade de Serifo, Polidectes.

O casal Kent educa a criança, dentro dos mais altos padrões morais. O rei casa-se com Dânae e cria o filho como se este fora seu próprio filho. Considerando-se os relatos de suas aventuras, podemos perceber que o jovem também dera *sorte* de ser encontrado por tão bom rei e padrasto, além de poder desfrutar da presença de sua mãe. E, ainda segundo as histórias de ambos os heróis, nada lhes faltara. Nem material nem afetivamente.

Na versão pré-*Crise*, como já falamos, o kryptoniano começa sua atuação heróica, de forma contínua, ainda na adolescência, o mesmo acontecendo ao jovem Perseu. Vale dizer que a versão pré-*Crise* corresponde a 46 dos 70 anos da existência de SH,

portanto, é possível supor que esta seja a versão conhecida por um número maior de pessoas. E, neste caso, esta versão equivaleria ao *senso comum*, isto é, ao conhecimento mais difundido e aceito sobre o herói.

Segundo diferentes relatos consultados, Perseu teria desde jovem manifestado sua vontade de ser *herói*. Seu *alvo* era a Medusa, monstro com corpo de mulher e cabelos de serpentes, que a tudo e todos petrificava. O monstro que atacava aquela cidade. *Sua* cidade. (Para Thomas Bulfinch, o rei enviara Perseu para destruir o monstro).

Outro traço comum entre os heróis, SH e Perseu, BT e Teseu, é o fato de que todos eles *tomam as cidades como suas*, isto é, acham-se seus únicos, ou principais, defensores. Demonstram um vínculo muito forte com as mesmas. Para Perseu e SH, ambos adotados, esse sentimento é igualmente evidente.

Para poder enfrentar a Medusa, Perseu fora levado pelos deuses até Fórcis, pai de vários monstros. Isto nos leva a constatar alguns pontos interessantes e recorrentes na história do herói.

Em primeiro lugar, que para iniciar sua *missão*, teve antes que trilhar uma série de outras aventuras, antes de atingir seu objetivo central, de modo que cada uma delas cumpriria uma *função*, no sentido de *formar e preparar* o herói. O adolescente SH, Superboy, da versão pré-*Crise*, também pode ser visto sob esse mesmo prisma.

Em segundo lugar, a presença e constante auxílio recebido de outros deuses, durante sua caminhada. É certo que como filho de Zeus isso se torna compreensível, mas, o que quero destacar é que, sua condição heróica esteja tão vinculada a esse apoio, apoio do qual, poucos, podiam dispor.

Há, portanto, uma sensação, ou sugestão, de que para ser *herói*, é preciso ter uma fonte de auxílio *superior*. No caso de Perseu, os deuses. No caso de SH, sua extraordinária força, advinda das diferenças entre o planeta Krypton, com seu sol vermelho, e a Terra, com seu sol amarelo, e a diferente pressão atmosférica entre os dois planetas. Tais condições combinadas com uma genética diferente da nossa, fizeram com que sua pele fosse mais dura e impenetrável, nosso sol atuasse como uma bateria que o fortalecesse e a pressão atmosférica menor, o permitisse voar.

Estas explicações com viés *científico*, desde a origem do personagem, eram com frequência mencionadas, para justificar ao leitor, a fonte dos poderes que SH

demonstrava. Com o avanço tecnológico, as explicações foram se ajustando em linguagem e em conceito, mas, sempre estavam lá, para um mundo, o *nosso*, cada vez mais atento e mais crítico para esse tipo de aspecto. Outros heróis também passaram por situações similares. E, quanto maior se tornava sua força e mais amplos e variados poderes e habilidades demonstrava ter, maior era a necessidade de justificá-los.

Para confirmar isso, basta uma simples leitura das histórias dos anos iniciais, quando ele apenas saltava edifícios e não voava, e usaram como justificção, a grande habilidade de saltos de um gafanhoto.

E para justificar sua enorme força, o fato de que uma formiga, como era descrito, podia levantar dez vezes o próprio peso. E ele, por ser *tantas* vezes superior em tamanho a esses animais, teria essas habilidades multiplicadas *tantas* vezes mais.

Figura 21. “Superman – O mundo maravilhoso de Krypton” (detalhe)

Consideremos agora a outra dupla de heróis: BT e Teseu. Como antes, veremos primeiramente o herói grego.

Teseu era filho do rei Egeu de Atenas e de Etra, sua segunda esposa, filha do rei Piteu da cidade de Trezena e neta do rei Pélops, da região do Peloponeso.

Assim, sob esse aspecto, mantém-se a idéia, ou *premissa fundamental*, de que para o herói ser *herói*, deve dispor de recursos, (de riqueza, nesse caso), acima dos demais indivíduos de uma sociedade. Em comum, portanto, com BT, que dispõe de uma fortuna, aparentemente sem fim, que serve, de um lado, para subsidiar sua ação heróica, por meio de diversos aparelhos, instrumentos, treinamentos (de luta, de investigação), como a origem social diferenciada de Teseu, e, de outro lado, lhe oferecendo os recursos para

encobrir essa mesma atividade heróica, em seu *alter ego* de Bruce Wayne, um bilionário e *bon vivant*.

Teseu e BT tiveram também que percorrer um caminho para serem conhecidos e *reconhecidos* como heróis. Ambos enfrentaram criminosos de características muito particulares, ao mesmo tempo, revelando um comportamento psicológico, no mínimo, instável. Assim, por exemplo, temos o caso de Procrustes (também citado como Procusto, em outras traduções), que oferecia aos viajantes camas desproporcionais a suas dimensões, já com vistas a alongá-los, se não coubessem ou, de cortá-los, se excedessem ao tamanho do leito. Uma crueldade e uma insanidade que também transparecem, por exemplo, num dos principais adversários de BT, o Coringa.

Teseu, assim como Perseu, contará com o apoio, a proteção e a inspiração de uma deusa, Afrodite, que terá sua presença e auxílio, canalizada e substancializada pela figura de Ariadne. Esta, ao lhe ver pela primeira vez, apaixona-se pelo herói e o orienta na hora em que este enfrenta sua principal prova, vencer o Minotauro, com o uso do estratagema do fio para encontrar a saída do labirinto, bem como ao lhe fornecer a arma (fato também presente na história de Perseu) e ao lhe sugerir o meio de evitar a perseguição da frota de Creta.

Neste momento do trabalho, convém mencionar que além de Ariadne, outras figuras femininas da mitologia grega estão vinculadas de alguma maneira, à fiação.

As Moiras, três filhas de Têmis (a Lei), que possuíam a habilidade de fabricar, tecer e cortar o fio da vida de mortais e de deuses, segundo alguns relatos. Elas eram: Cloto, que fabricava o fio, Láquesis, que media o fio, e Átropos, que o cortava. Isto é; a primeira determinava as condições de nascimento das pessoas, a segunda seu crescimento e desenvolvimento e, por fim, a terceira, que determinava o momento da morte de cada indivíduo.

Outra figura mítica feminina importante nesse contexto foi Aracne. Ela era uma jovem com grande habilidade como tecelã que ousou questionar a deusa Atena, que ensinou às mulheres, entre outras artes, a tecelagem, chegando mesmo a desafiá-la para que esta provasse ser melhor tecelã do que ela. Atena aceita o desafio e vence, embora Aracne, que declarara reconhecer a derrota, se esta viesse a ocorrer, não cumpra sua palavra. Irada,

Aracne teria se enforcado, mas a deusa decidira dar-lhe outra punição. E assim, transformou-a numa criatura eternamente destinada a fiar, a aranha.

Finalmente, outro mito, provavelmente dentre esses, o mais conhecido, nos mostrará a fiação ligada a outra mulher. Penélope, mulher de Odisseu, para evitar escolher um de seus pretendentes, enquanto o rei de Ítaca participava da Guerra de Tróia, criara um estratagema para adiar sua decisão. Ela anunciaria o pretendente escolhido assim que concluísse uma tapeçaria. Porém, o que era tecido durante o dia, era destecido à noite. Assim, Penélope conseguiu ganhar um precioso tempo para si e para Ítaca serem preservadas até a volta de seu legítimo rei.

Não há como negar um forte vínculo entre o ato de fiar e a presença e a ação feminina. Uma possível argumentação para isso é que fiar é um ato criativo, assim como uma gravidez, que é um atributo exclusivamente feminino.

Outro aspecto, ligado ao anterior, que aproxima o mito de Perseu ao de BT, diz respeito à vida afetivo-amorosa do *herói*. Ao longo das histórias em quadrinhos do *Cavaleiro das Trevas*, dois vínculos amorosos se distinguiram acima da média e com maior intensidade e de mais longa duração. O primeiro, muito explorado na série de televisão dos anos 60 e nos filmes, especialmente da década de 80 para cá, envolvia a Mulher-Gato. O segundo, que gerou inclusive uma edição especial chamada “*O filho do demônio*”, quando BT encontra Thalia, filha de um de seus maiores arquiinimigos, Ra’s Al Ghul, personagem criado em 1971, com quem tem um tórrido romance e, sem o seu conhecimento, gera seu único filho sanguíneo, até hoje.

As duas mulheres, portanto, estão no lado oposto ao defendido por BT. E isso, por si só, já nos dá o que pensar. Contudo, na história de Teseu, três mulheres terão maior destaque, embora, outras três, de formas diferenciadas, tenham estado ligadas a ele.

Se, no caso de BT, seus envolvimento amorosos tenham tido por motivação principal, afastar o *estigma* que lhe foi impingido pelo Dr. Wertham, isto é, de sua *possível* homossexualidade, e, para Teseu, tais envolvimento cumprissem a função de apresentar a *potencialidade viril do herói*, não apenas dele, mas de todo e qualquer *herói*, ou, a de mostrar sua evolução humana; isto é, a cada momento de vida, um novo aspecto era apresentado, por meio de uma nova ligação amorosa, o fato comum a eles, é que os

momentos amorosos parecem ter uma duração muito reduzida, ainda que muito intensa, e que *amor e heroísmo*, tendem a ser, quase que invariavelmente, incompatíveis.

O feito de Teseu, matar o Minotauro, como vimos, está fortemente ligado ao fio de Ariadne, de tal modo que não pode haver justa compreensão de Teseu-herói, sem a presença e ação de Ariadne. Contudo, de variados modos, a figura de Ariadne tem sido deslocada do feito heróico e ou sua importância no relato, reduzida. Situação similar à vivida por outras figuras femininas, *reais* ou fictícias. A memória, dentro do *senso comum*, evidencia mais o herói Teseu do que reconhece os méritos de Ariadne.

Já para BT, especialmente sob o aspecto afetivo-amoroso, nenhuma das duas mulheres mais próximas a ele, Mulher-Gato e Thalia, estabelece um grau semelhante ao de Teseu e Ariadne, porque elas não proporcionam, por suas ações ou pelo vínculo amoroso com o herói, a realização dos feitos heróicos que o definem como tal.

No caso da Mulher-Gato, antes dessa ter se regenerado, isso era parcialmente verdadeiro no sentido que, apesar de amá-la, o herói cumpria sua missão, prender a ladra e entregá-la à justiça. No caso de Thalia, ela geralmente estava à margem dos planos criminosos do pai e, portanto, não era nem o *alvo* nem o *meio* concreto para a ação heróica.

Contudo, ambas, como representam o *mal*, acabam por afirmar o herói que há em BT e assim, ainda quando ele esteja enfrentando outros vilões. A Mulher-Gato tem sido, desde sua criação em 1940, a figura feminina mais constante de BT e Thalia tem uma frequência incerta em suas histórias. Pelo menos, aqui no Brasil.

Senão, vejamos as ligações afetivas vividas por Teseu com as mulheres. Inicialmente, temos a figura marcante de Ariadne. Não podemos esquecer que o encontro de ambos se deu sob a influência de Afrodite, a deusa indicada pelo Oráculo, quando este parte para a missão de enfrentar o Minotauro. Ela, ao vê-lo, sente-se imediatamente vinculada ao herói e o auxilia a cumprir *seu destino heróico*. Ela é, mais tarde, abandonada na ilha Naxos. Tempos depois, Teseu trava contato com as guerreiras amazonas e acaba se casando com uma delas. Para algumas versões, com Hipólita. Para outras, com Antíope. Ambas apontadas como rainhas amazonas. E desta união, o herói terá, segundo consta dos relatos, seu filho, Hipólito.

Por fim, ele estabelece um terceiro relacionamento com Fedra, irmã de Ariadne e Deucalião, rei de Creta e filho de Minos. A jovem desposara Teseu e lhe dera

dois filhos, mas, como amava mais o primogênito deste, Hipólito, do que seu marido, tenta seduzi-lo, talvez com uma inspiração de Afrodite, e é rejeitada por ele. Este, por sua vez, livremente exila-se da casa por conta própria. Ela se mata e em uma nota, acusa Hipólito de ser o responsável por sua morte, já que ela teria resistido, o quanto pode, aos avanços deste. Não podendo mais suportar tal situação, optara pelo suicídio.

Assim sendo, os três envolvimento amorosos, embora intensos e até de alguma duração, tem em comum, o elemento da tragédia. Tragédia essa que *persiste e persegue o herói*. Se estabelecermos, nesse sentido, um paralelo com BT, e os destinos de Perseu e SH, encontraremos um quadro semelhante. Nos quatro casos, a incompatibilidade do amor concomitante ao heroísmo.

Além delas, Teseu contou em sua história com a presença de três outras mulheres. Quando Medéia estava em Atenas e, segundo Bulfinch, esta havia desposado o rei Egeu e tramara contra o herói. Outra icônica figura feminina mitológica grega a participar de sua vida, ainda que momentaneamente, foi Helena de Esparta. Teseu a raptara anos antes que o príncipe troiano fizesse o mesmo, dando assim origem à Guerra de Tróia. Desse modo, imprimindo a Helena um duplo trauma, bem como, uma dupla fragilidade.

Por fim, quando seu amigo Pirítoos lhe confessa ter se apaixonado por Perséfone e juntos tentarão levá-la do Hades.

SH teve dois envolvimento significativos na versão pré-*Crise*. Lana Lang, namorada dos tempos da juventude. Sua ida à cidade grande, Metrópolis, e o início de sua maturidade, parece, decretaram o final do relacionamento. Mais adiante, Lana teria se casado com um amigo da infância e juventude, permanecendo na pequena cidade de Smallville.

O segundo, e quase eterno e pudico namoro, aconteceu quando este conhece Lois Lane. E a impossibilidade desse amor se consolidar na forma de uma união, que muito mais tarde, finalmente, acontecerá, tem por base o fato de que isso a exporia a um enorme risco. Mas, mesmo antes desse vínculo se estabelecer, notadamente, na forma de um casamento, ela, já corria tais riscos, já que sua proximidade e importância para o herói, já eram notórios para os vilões das histórias do kryptoniano. Para a versão pós-*Crise*, seu único vínculo amoroso significativo, foi com a repórter Lois Lane. Daí em diante, aplicando-se o mesmo raciocínio.

Para Perseu, um único amor. A moça que salvara de ser sacrificada, Andrômeda, filha do rei Cefeu e da rainha Cassiopéia, da Etiópia. O resgate da jovem valeu ao herói um reino, pois os pais agradecidos entregaram-no a ele, uma esposa fiel e a mãe de filhos que lhe honraram o nome. E, nesse caso, o herói havia conquistado tudo quanto poderia almejar. E, em nosso paralelo com SH, inclusive porque este, após um extenso período de namoro, finalmente casa-se com Lois Lane, deixando a perspectiva da felicidade plena.

De um lado, este casamento consolidava seu relacionamento com Lois Lane, a mulher que amava e de outro, o tornava ainda mais *humano*, mais inserido entre as pessoas de seu planeta adotivo. Semelhantemente a Perseu, o kryptoniano havia conquistado tudo o que desejava.

Então, por tudo que acima foi exposto, acredito que se possa perceber, sem maiores dificuldades, as causas pelas quais as opções recaíram sobre as figuras de Perseu e Teseu, bem como as semelhanças entre estes e os heróis dos quadrinhos que temos como referenciais masculinos nesse trabalho.

O que não impede, creio, contudo, que se agrupem aqui alguns desses aspectos, especialmente, os mais fundamentais.

O fato de terem ambos, origem e percursos pessoais e heróicos, com cargas traumáticas significativas, quase determinantes e ainda, o fato de apresentarem componentes de caráter extra-humano. Uma predestinação à vida heróica, representada pela presença dos *Oráculos* em suas vidas.

E, entre os mitológicos heróis gregos e os personagens dos quadrinhos, também se verificam estes mesmos elementos, porém, com outros estilos de representação simbólica. Outros signos, outros emblemas, mas com similaridades espantosas, como, por exemplo, suas vidas afetivo-amorosas. O *herói* pode ser feliz?

5.2 Mitologia grega e mitologia contemporânea: considerações

Neste tópico, intencionalmente abrangente, o que se pretende observar e destacar são algumas afinidades entre as duas mitologias, suas abordagens, desenvolvimentos e desdobramentos.

Assim como para as diversas aventuras dos heróis gregos encontramos variações, maiores ou menores, os heróis dos quadrinhos enfrentam variações, de tempos em tempos, de artista para artista. Sua representação gráfica pode sofrer transformações, bem como aspectos de sua personalidade podem ser mais ou menos ressaltados em sua fala, expressões corporais ou faciais, enfim, em todos os sentidos.

Isso pode ter origem num determinado objetivo da editora, ou numa proposta autoral de artistas que disponham de qualidade técnica e ou comercial comprovada para apresentar tal proposta e assim, buscar o aval da editora para seu projeto. Se esta permitir, o artista poderá dispor de um *espaço criativo* para dar a *sua* versão do personagem.

Um mero exemplo complementar às diferenças nos relatos, nos é evidente e imediato. Thomas Bulfinch faz uso das nomenclaturas das figuras mitológicas em sua forma latina, enquanto os demais autores aqui citados utilizaram as formas helênicas. É algo sobre o que se pensar. Porque verificamos essa falta de padronização e no que isso implica, subjetiva ou objetivamente?

Uma escolha pessoal e aleatória dos autores ou a crença de que os nomes latinos sejam mais conhecidos? Ou a intenção específica de reforçar os termos latinos sobre os helênicos, como representação simbólica de poder? Mais exatamente, de um poder norte-americano. Essas são perguntas que lanço para uma reflexão futura e mais ampla.

Consideremos agora, por outros ângulos e outras perspectivas, a questão do *herói*. Em outras palavras, a visão apresentada por uma via psicológica. Num primeiro momento, consideraremos alguns interessantes aspectos expostos por Joseph L. Henderson³³ (1966), um dos colaboradores de Carl Gustav Jung, em sua obra “*O homem e seus símbolos*”.

³³ Henderson, Joseph L. *Los mitos antiguos y el hombre moderno*. In: Jung, Carl Gustav. *El hombre y sus símbolos*. Aguillar, Espanha, 1966.

Em seu artigo, “*Os mitos antigos e o homem moderno*”, Henderson³⁴ destaca vários pontos significativos para este trabalho. A certa altura do texto ele diz: “... *a mente humana tem sua própria história e a psique conserva muitos rastros das etapas anteriores de desenvolvimento. E mais, os conteúdos do inconsciente exercem uma influência formativa sobre a psique. Conscientemente, podemos desprezar esses conteúdos, mas inconscientemente respondemos a eles e às formas simbólicas – incluindo aí os sonhos – com que se expressam.*”

Essa colocação, além de extremamente clara em sua redação e proposição conceitual, me parece inegável. Sobretudo, porque, de um lado, atribui uma história ao corpo, no caso, à mente, da qual esta faz parte, quer consideremos um indivíduo ou um grupo, quanto, por outro lado, atesta o valor da história enquanto ciência e, de certo modo, convida-a à reflexão desses temas. Digo, a história do corpo e a história da mente.

Mas isso me parece ainda mais evidenciado, quando levamos em conta o efeito das imagens sobre nós. Tanto as que reproduzem os feitos atribuídos aos heróis gregos aqui citados, quanto aos símbolos e imagens que vemos entre os personagens dos quadrinhos aqui considerados ou mesmo, e aí estão, tanto sua contemporaneidade quanto sua conexão histórico-psicológica com o *nosso mundo* e a *nostra realidade*.

As obras de arte contendo imagens dos antigos heróis gregos em vasos, pinturas, esculturas, que normalmente estão nos museus ou reproduzidas em livros, já estão em nosso acervo mental e em nosso imaginário. Mas, outros meios de expressão, outras mídias, também já nos mostraram tais figuras, inclusive com movimentos. Falo especialmente do cinema e da televisão. Com atores vivendo tais papéis ou com desenhos, somos capazes de visualizar cada um deles. A literatura, a música e também os quadrinhos, foram outros suportes midiáticos nos quais marcaram sua presença.

Ao pensarmos no *S* de SH ou no uniforme escuro de BT, ou ainda, num *simples* detalhe deste, isto é, o contorno de um morcego em seu peito, um conjunto de pensamentos e sentimentos brotam de nós, ainda que a duração e a intensidade variem, de pessoa a pessoa, independentemente de nossas vontades e intencionalidades.

Ao longo da história do morcego, e nos filmes baseados neste personagem, por exemplo, é claramente mencionado o motivo da escolha da cor do uniforme e a

³⁴ Henderson, Joseph L. *Los mitos antiguos y el hombre moderno*. In: Jung, Carl Gustav. *El hombre y sus símbolos*. Aguillar, Espanha, 1966. pp. 106-107.

representação da imagem do morcego. Bruce Wayne, seu *alter ego*, quer causar medo e temor aos bandidos. E ele sabe que estes são supersticiosos e usa desse aspecto psicológico, o visual, como um de seus importantes instrumentos de combate ao crime.

Por outro lado, o S de SH inspira valores elevados aos bons, como honradez, justiça e proteção e respeito, para seus adversários.

Para nós, certas imagens nos causam medo, como quando vemos certos animais considerados *feios*, como é, por exemplo, o caso de aranhas e ratos. Nesses casos, ao vê-los, reagimos de imediato com nosso temor e nosso asco. Ainda que estes não estejam próximos demais ou que nos ataquem. Estes parecem encaixar-se perfeitamente ao conceito de que nossas mentes têm uma história e que ela guarda para nós, todas as experiências já vividas. As boas e as ruins.

Em outro trecho, J. L. Henderson³⁵ expõe algo muito adequado ao presente trabalho, quando trata do mito do *herói*. Diz o autor:

“... Mas outra característica importante do mito do herói nos dá uma chave. Em muitas dessas histórias, a primitiva debilidade do herói é compensada com a aparição de fortes figuras ‘tutelares’ – ou guardiões – que lhe facilitam realizar as tarefas sobre-humanas, que ele não poderia levar a cabo sem ajuda.”

E em seguida, acrescenta:

“Entre os heróis gregos, Teseu tinha a Poseidon, deus do mar, como sua divindade; Perseu tinha a Atenas; Aquiles a Quíron, o sábio centauro, como tutor.”

O primeiro trecho nos confirma a presença e o significado de figuras fortes juntas, ou acima, dos heróis, conforme havíamos colocado anteriormente. Já o segundo trecho, confirma isso citando especificamente, nossos dois exemplos.

Em outro extrato encontramos:

“No sonho que examinei, por exemplo, não havia referência alguma a um dos aspectos mais importantes do mito do herói típico: sua capacidade para salvar ou proteger de terríveis perigos a lindas mulheres. (A donzela seqüestrada era um mito favorito da Europa medieval). Esta é uma das formas em que os mitos ou os sonhos se

³⁵ Henderson, Joseph L. *Los mitos antiguos y el hombre moderno*. In: Jung, Carl Gustav. *El hombre y sus símbolos*. Aguillar, Espanha, 1966. p. 110 e p. 123.

referem à ‘ânima’, o elemento feminino da psique masculina, que Goethe chama de ‘o Eterno Feminino’.”

Aqui, já há algo a mais a se dizer. Primeiro, é verdade para Perseu, Teseu, SH e BT, os chamados *heróis*, que seus atos heróicos envolvam o salvamento de algumas mulheres e que, invariavelmente, elas sejam belas. Isso por si só já nos sugere que os heróis, mitológicos ou não, não salvem as mulheres que não forem *belas*. Também sugere ou omite, e isso é fato para todos eles, que em vários desses atos heróicos, homens também foram salvos. De todas as idades e independentemente da beleza estética que possuíssem. O mesmo vale para crianças, jovens e idosas.

Ainda, por essa fala, temos que esses *salvamentos*, em algum grau, por parte dos *salvadores*, envolvessem *expectativas* ou *recompensas* especiais destes em relação a essas mulheres. E mais.

Que as mulheres em geral, em especial, as que mereciam ser *salvas*, isto é, as *belas*, só pudessem ser *salvas* por *heróis*, ou seja, por homens. E que estas mulheres, e por extensão, todas, eram *frágeis*.

Explorando ainda mais essa fala, por outros ângulos, ele diz que o mito da mulher seqüestrada era recorrente na Idade Média européia, e isso, também não podemos negar. Contudo, esse mito, tem uma origem ainda mais antiga, na Grécia, com a história do rapto de Perséfone. No entanto, Joseph Henderson não o menciona e, portanto não o analisa.

Em outras partes de seu trabalho, contudo, há outras referências, digamos, que tendem mais a revelar as mulheres sobre seus aspectos negativos, como a fragilidade ou uma dominância e um controle exagerados, na forma da relação mãe e filho, do que sobre aspectos positivos ou favoráveis a elas. E, esse “Eterno Feminino” de Goethe, também não é definido pelo autor. Assim, o comentário pressupõe que todo leitor entenda o que isto seja ou, que todo leitor terá acesso a essa obra e a esse conceito. Senão, ainda é possível pensar que a compreensão seja totalmente *livre* e cada um imagine o que desejar.

Para exemplificar o que foi dito sobre uma análise, no mínimo, prejudicial às mulheres, vejamos o que o autor diz, após um paciente seu ter relatado um sonho no qual este trocava os nomes e os feitos dos heróis Teseu e Perseu.

*“Acontece que ele acreditava que Perseu era o herói que matou o Minotauro e resgatou Ariadne do labirinto de Creta. Ao escrever o nome se deu conta de seu engano – que foi Teseu, e não Perseu, que matou o Minotauro–, e esse engano se deu, de repente, significativo, como somente ocorre com tais erros, ao dar-se conta do que esses dois heróis tinham em comum. Ambos tiveram que vencer seu medo dos inconscientes poderes demoníacos maternos e tiveram que libertar desses poderes a uma única jovem figura feminina.”*³⁶

Seguindo a análise do autor sobre os feitos dos dois heróis, temos uma interpretação diferente entre o resgate de Andrômeda, feito por Perseu, e outra, para o de Ariadne, realizado por Teseu. Acima, embora menos detalhada, temos a de Perseu e a seguir, a de Teseu.

*“Teseu representava o espírito juvenil patriarcal de Atenas, que tinha que enfrentar os terrores do labirinto e seu morador, o Minotauro, o qual simbolizava a enferma decadência da matriarcal Creta. (Em todas as culturas, o labirinto tem um significado de uma representação intrincada e confusa do mundo da consciência matriarcal; somente podem atravessá-lo aqueles que estão dispostos a uma iniciação especial no misterioso mundo do inconsciente coletivo).”*³⁷ (1966).

Neste trecho, vemos colocada a oposição entre uma patriarcal Atenas, jovem e vigorosa, representada pelo herói, e uma matriarcal Creta, representada pela existência de um monstro, isto é, o Minotauro. E esta pólis matriarcal, vivia então um processo de decadência enquanto que Atenas, patriarcal, encontra-se em plena vitalidade. Novamente, portanto, temos, na dualidade apresentada, o *masculino* como símbolo de força e poder e o *feminino*, como decadente e doentio.

Contudo, isso nos faz pensar em quantas cidades, na Grécia Antiga, ou anterior a ela, e quantas culturas tinham uma característica marcadamente matriarcal e os processos empregados para a substituição dessa cultura matriarcal por uma cultura patriarcal. E claro, com isso, o que se fez, ou se negligenciou, histórica e psicologicamente, dessas culturas. Nos cursos de história, por exemplo, ou em livros didáticos, elas sequer são mencionadas.

³⁶ Henderson, Joseph L. *Los mitos antiguos y el hombre moderno*. In: Jung, Carl Gustav. *El hombre y sus símbolos*. Aguillar, Espanha, 1966. p. 125.

³⁷ Idem acima. p. 125.

Outras considerações devem ser feitas aqui, analisando as figuras de Andrômeda e Ariadne, para melhor entendermos estas personagens e suas participações nos mitos dos *herós*.

Segundo a mitologia, Andrômeda fora condenada a ser devorada por um monstro marinho por um ato de orgulho cometido por sua mãe, quando esta se dizia mais bela que as nereidas. Então, a filha deveria pagar pela ofensa feita pela mãe?

Já na história de Ariadne temos que ela se apaixona pelo herói porque uma figura feminina, a deusa Afrodite, que seria a guia de Teseu em sua tarefa heróica, colocou-a predisposta a esse sentimento. E ela, como vimos, é posteriormente abandonada por ele.

Desse modo, temos que uma segunda figura feminina, Cassiopéia e Afrodite, respectivamente, terão provocado os destinos de Andrômeda e Ariadne. A punição que levou ao encontro com o *herói* e à exploração e ao abandono que Ariadne experimentou. E, nesse sentido, temos uma representação *parcialmente positiva* em Cassiopéia, pois, sua vaidade levou sua filha à punição e também permitiu o encontro com o *herói*; e, por outro lado, uma representação *negativa* porque o *herói*, temendo enfrentar o deus, Dionísio, opta pela solução de abandonar Ariadne, apesar do quanto esta lhe ajudara a cumprir sua missão.

Assim sendo, ainda fica presente, sob este ângulo, uma visão desfavorável às mulheres, já que duas delas causaram sofrimentos a outras duas mulheres, Andrômeda e Ariadne.

O texto apresentado por Joseph L. Henderson³⁸ (1966), como observamos, é extremamente enriquecedor e nos permite múltiplos questionamentos. Seria quase impossível sintetizar toda a rica reflexão que ele nos proporciona em tão pouco espaço, contudo, nem por isso, podemos deixar de destacar alguns trechos que nos parecem mais significativos para este trabalho.

Precisamos, ainda, considerar que o texto, produzido na metade da década de 60, tem embutida em sua linguagem e valores, os padrões de sua época e uma relativa *desqualificação* do processo histórico. Isso é compreensível, já que esta não é a área de domínio do psicanalista.

³⁸ Henderson, Joseph L. *Los mitos antiguos y el hombre moderno*. In: Jung, Carl Gustav. *El hombre y sus símbolos*. Aguillar, Espanha, 1966.

Contudo, é de se notar que em momento algum de seu texto o autor menciona ou considera quaisquer figuras femininas dentro do conceito do *herói* (no caso, da *heroína*), apesar da existência de personagens históricas como Cleópatra ou Joana d'Arc, apenas para citar dois exemplos, ou, pela existência das personagens heróicas femininas dos quadrinhos, como é o caso da MM, já que, em certo momento, encontramos a ilustração do SH (abaixo), como exemplo do *herói* moderno, contemporâneo, mas nada é dito sobre a mulher *heroína*.

La mayoría de los héroes tiene que enfrentarse y vencer a diversos monstruos y fuerzas del mal. Arriba: el héroe escandinavo Sigurd (esquina inferior derecha del grabado) mata a la serpiente Fafnir. Centro: el antiguo héroe épico babilónico Gilgamesh luchando con un león. Abajo: el moderno héroe de las historietas norteamericanas, el **Superman** [superhombre], en cuya lucha solitaria contra el delito tiene, muchas veces, que rescatar muchachas hermosas.

Figura 22. “El hombre y sus simbolos” (p. 111, detalhe)

E, vale mencionar, não me parece *por acaso*, que a imagem escolhida seja a do herói carregando, supostamente, após mais um salvamento, uma bela e jovem mulher. O texto que acompanha a ilustração apóia esta suposição.

Mas, embora possamos fazer tais questionamentos a esse trabalho, por outro lado, vemos que os quadrinhos não foram desconsiderados como fator de formação individual e psicológica, nem como importante elemento da cultura de massa, como já era, àquela altura, e, nem ainda, como um valioso recurso para a compreensão dos valores e comportamentos desejados e praticados por uma sociedade complexa.

Então, embora muito mais pudéssemos comentar sobre este trabalho, quero apenas acrescentar mais um trecho do mesmo, para expor algo que julgo muito relevante para as propostas desta análise.

*“Estes exemplos, e muitos outros, do mito do herói nos sonhos modernos mostram que o ego, como o herói, sempre é essencialmente, um portador de cultura mais que um puro exibicionista egocêntrico.”*³⁹ (1966).

Esta compreensão do autor nos traz dois pontos que julgo especialmente valiosos. O primeiro, a relação que estabelece com aspectos histórico-sociais. Isso porque, ao ver o herói como um *portador de cultura*, o insere dentro de um grupo, de uma sociedade, historicamente determinada e, ao mesmo tempo, um instrumento de transmissão e valorização próprio dessa cultura junto a outras culturas.

Em outras palavras, e, considerando-se sua periodização, podemos entender que aborda a cultura do *Estado-nação*. Os anos sessenta, possivelmente, acredito, carregam marcas do início do fim do *Estado-nação* como o conhecíamos, para o começo do que veio a se denominar de *globalização* e ou *mundialização*.

O segundo ponto importante, é que o texto pretende retirar do *herói*, um de seus *principais* atributos, enquanto mercadoria ou produto de uma cultura de massa, que seria uma visão simplista e superficial do mito do *herói* como um *ser* meramente *exibicionista* e *egocêntrico*. O autor, com isso, defende que o herói é mais do que essa simples visão procura apresentar e que, por isso mesmo, requer uma análise mais profunda de sua presença e efeitos, históricos e psicológicos, para indivíduos e para uma sociedade.

³⁹ Henderson, Joseph L. *Los mitos antiguos y el hombre moderno*. In: Jung, Carl Gustav. *El hombre y sus símbolos*. Aguillar, Espanha, 1966. p. 126.

Para concluir, veremos, adiante, a visão do ponto de vista de uma psicanalista, igualmente jungiana, porém, com outras perspectivas de análise, ao abordarmos o *lado feminino da mitologia grega*.

Figura 23. Capa da revista Wonder Woman (Internet)

6. DEUSAS E MORTAIS: AS MULHERES NA MITOLOGIA GREGA

6.1 A Rainha Hipólita, Afrodite e Palas Atena.

Como vimos, as referências mitológicas podem sofrer diferentes interpretações e traduções, causando às vezes, mais dúvidas do que esclarecimentos quando comparamos duas ou mais versões de uma mesma passagem. E se isso já é uma verdade para as personagens masculinas, maior verdade se torna quando se trata das personagens femininas.

Um ótimo exemplo para começar é Hipólita. Segundo as versões citadas anteriormente, tanto pode ter sido a rainha que casou com Teseu e teve um filho deste, chamado Hipólito, como a rainha pode ter sido Antíope. Mas sabemos que, se for este o caso, após a morte de Antíope, uma nova rainha a sucedeu, de nome Hipólita, como a líder das amazonas.

Figura 24. “Deuses e mortais”, p. 25.

Outra menção mitológica que conhecemos sobre a rainha amazona Hipólita é que Hércules, em seu nono trabalho para o rei Euristeu, deveria tomar o cinturão da rainha e levá-lo para a filha do rei, Admete. Contudo, é necessário destacar aqui dois pontos relacionados na versão apresentada por René Ménéard⁴⁰ (1991). O primeiro é que segundo este autor, Hipólita seria filha do deus Ares e além do cinturão, que teria recebido dele como “... *sinal de sua dignidade real*”, também ganhou um véu. E, o segundo ponto é que Admete teria desejado ter ambos e não apenas o cinturão, como costuma ser relatada esta história.

A descrição, mais ou menos comum, entre os autores pesquisados, feita sobre as amazonas é de que estas eram um povo de mulheres guerreiras que, em geral, mas não como regra absoluta, mutilavam o seio direito das jovens para facilitar o uso de arco e aljavas ou de outras armas, pois apenas mulheres faziam parte desse povo. As crianças do sexo masculino, quando nasciam, ou eram abandonadas ou mortas. As amazonas realizavam trabalhos “masculinos”, possuíam “... *idades florescentes*”, de acordo com Thomas Bulfinch⁴¹ (1998) e Gustav Schwab⁴² (1994), habitando a região em torno do rio Termodonte.

Assim, tanto da rainha Hipólita quanto das guerreiras amazonas, o que temos de informações, por sinal, dispersas em passagens da mitologia grega, conforme apresentadas pelos autores aqui utilizados, nos dá conta de informações muito genéricas, quase superficiais, que não permitem uma visão mais acurada da estrutura e organização social, política e cultural desse povo. E, possivelmente, se tais informações fossem reunidas, ou melhor, compiladas, numa busca por melhor caracterização dessas mulheres, é provável supor que elas não ocupassem mais que duas ou três páginas.

É ainda possível acreditar, até prova em contrário, que se outros livros e evidências materiais fossem consultados, o resultado poderia vir a ser diverso. No entanto, além de não ser esta a proposta apresentada neste trabalho, tal pesquisa necessitaria, por parte do (a) pesquisador (a), um volume de dados muito mais significativo para este fim, do que o que aqui consideramos.

⁴⁰ Ménéard, René. *Mitologia greco-romana. vs. 2 e 3*, Opus Editora, São Paulo, 1991. pp. 213-4, 267.

⁴¹ Bulfinch, Thomas – *O livro de ouro da mitologia*. Tradução de David Jardim Júnior. Ediouro, Rio de Janeiro, 1998. pp. 179, 188-189.

⁴² Schwab, Gustav – *As mais belas histórias da Antiguidade Clássica. Os mitos da Grécia e de Roma. v.1: metamorfoses e mitos menores*. Paz e Terra, São Paulo, 1994. pp. 203-204 e 258-259.

Mas, para os fins aqui expostos, temos o necessário para algumas considerações fundamentais.

De acordo com o que vimos, especialmente, no capítulo anterior e no que acima foi colocado, percebemos que a imprecisão⁴³ (2003) quanto a quem Teseu desposou, Hipólita ou Antíope, e as condições pelas quais se deu essa união, conquista amorosa ou rapto, demonstram, ou ao menos sugerem: falta de dados (ou de maior verificação dos mesmos) mais precisos, erros quanto a interpretação das fontes utilizadas ou ainda, e talvez, uma ou duas das mais perigosas e prejudiciais falhas para o trabalho de um (a) pesquisador (a), a precariedade das fontes e a intencionalidade do relato apresentado pelo pesquisador, vale dizer, o grau de profundidade ao qual se propôs apresentar.

Em ambos os casos, as imprecisões ou inconsistências que verificamos quanto às relações entre Hipólita e Teseu, por exemplo, podem igualmente sugerir que os pesquisadores citados ou não confrontaram sua visão com a de outros pesquisadores, ou mesmo, e aí está algo que nos toca diretamente para a presente investigação, não se detiveram de forma mais aguçada no papel que as mulheres desempenharam dentro dos relatos míticos (ou como estes iriam apresentá-las), preocupando-se mais com outros aspectos e outras figuras. Ou seja, estavam mais focados em apresentar as figuras masculinas do que as femininas.

Então, se Hipólita ou Antíope casou com Teseu por vontade própria ou não, este não era o centro de suas investigações. Bastava, como fizeram, relatar a união do herói com uma rainha amazona. Hipólita e Antíope foram, dessa maneira, igualadas em suas identidades individuais. Mescladas, amalgamadas. Em “*Deuses e mortais*”, enquanto Hipólita é seduzida e enganada por Hércules, Teseu aproxima-se de Antíope. Para os quadrinhos, vale lembrar, Hipólita e Antíope eram irmãs.

Esse tipo de *comportamento*, quer dizer, amalgamar pessoas (especialmente mulheres) diferentes como se pouca ou nenhuma diferença houvesse entre elas, não é uma exclusividade nem dos autores citados, nem algo que se prenda exclusivamente a figuras

⁴³ O tema pertence ao universo do mito, a imprecisão e a inconsistência são constitutivas desse universo. Nas atualizações dos mitos-rituais-, eles podem sofrer mudanças. O conceito mito-rito foi abordado por Durkheim in: Durkheim, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Martins Fontes, São Paulo, Tradução: Paulo Neves, 2003.

míticas gregas. Embora haja positivos sinais de mudança, ainda hoje, e em variados suportes midiáticos, podemos constatar tal prática.

Um exemplo simplificado disso, mas que deve ser futuramente investigado com maior acuidade pode ser encontrado por meio dos estereótipos femininos retratados nas novelas⁴⁴ televisivas. Tanto os tipos (personagens) quanto as atrizes e os modos de representação desses papéis refletem esse processo de amalgamação.

Assim, temos o personagem da “heroína” quase sempre representado por uma jovem ingênua, extremamente crédula, frágil e indefesa contra uma personagem “vilã” (ou “vilão”, geralmente, alguém que foi rejeitado amorosamente), capaz de tudo para atingir seus objetivos. Alguém, quase sempre, amoral. Uma amiga (ou empregada) fiel da “heroína” ou, do outro lado, uma amiga “traíçoeira” que em tudo colabora para que o homem, o “vilão”, muitas vezes numa condição de mando (de empresa, da casa ou de grupo), obtenha o que este deseja.

Tal prática é tão forte e tão característica do *produto cultural* novela que estes papéis são freqüentemente repetidos pelas atrizes, de uma para outra novela. Então, de imediato, apenas pela escalação dos atores e atrizes, já sabemos quem será o vilão (ou vilã) e quem será a amiga fiel ou a traíçoeira.

A própria representação também fica assim, muitas vezes, *viciada*. Então algumas atrizes, por exemplo, sempre terão em seus papéis, ou do início da novela, ou mais ou menos na metade, que exibir um comportamento histérico, doentio. Raramente, tais atrizes livram-se de representar personagens diferentes daqueles que mais vezes representaram. Claro, que com o passar dos anos, a mocinha se tornará a mãe, ou a avó, das novas mocinhas, mas se ela tiver sido a mãe amiga, raramente fará o papel de uma mãe megera.

E, no sentido aqui analisado, as novelas e seus personagens terão amalgamado diferentes traços comportamentais e valores, como se todas as mocinhas fossem uma só. Isto é: ingênuas, crédulas, frágeis e indefesas. Todas elas acalentando os mesmos sonhos de um romantismo atemporal.

Ainda que sejam mostradas como mulheres que trabalham, ou que já tenham exercido uma profissão, os enredos tendem a enfatizar, ainda hoje, que sua maior aspiração como indivíduos encontra-se praticamente restrita aos papéis de esposa e mãe. E assim, as

⁴⁴ São personagens míticos, narrativas míticas. A novela, como rito, atualiza tais mitos. (Bondade, ingenuidade, maldade etc).

tramas desenvolvem-se para mostrar os caminhos percorridos até que atinjam esse propósito.

Portanto, o penúltimo, mas, sobretudo, o último capítulo costuma ser marcado pelo casamento (às vezes, mais de um) do casal (ou casais) central (is) da história. Como que a dizer que, depois disso, nada mais há para se atingir. Este é o ápice. Esta é a fórmula, que remete para a família e a suposta felicidade.

Retomando agora as amazonas, também amalgamadas, já que as descrições são genéricas, tanto como indivíduos, como sociedade. Os textos, como vimos, chegam a citar que elas ocupavam cidades desenvolvidas, mas não explicitam quais ou quantas comunidades amazonas existiram.

Então, a um só tempo, insinua-se que elas tinham um sistema social bem-sucedido, porque atingia várias cidades e estas progrediam, mas que não eram suficientemente relevantes, porque os autores limitam a informação⁴⁵ à sua localização, nas proximidades do rio Termodonte.

Desse modo, não temos informações quanto ao número de habitantes, sistema de comunicação (e hierarquia) entre estas cidades, nem quanto às suas crenças religiosas ou sua economia. E tantos outros componentes dessa sociedade de guerreiras, como suas origens, seus feitos ou suas formas de preservação de sua história e memória.

Por outro lado, a descrição da mutilação que essas mulheres faziam para carregarem suas armas e melhor lutar, cortando o seio, colocada *secamente*, dá uma imagem (mental) não positiva, segundo os padrões atuais, das guerreiras amazonas. Em contraposição, quando lemos sobre os espartanos, as narrativas tendem a criar imagens com grande teor viril desses guerreiros.

Mesmo a menção de *descartar* (matar) os bebês não saudáveis, tem, com alguma frequência, uma conotação de força e coesão social. Para os nossos olhos (e valores) de hoje, um crime brutal, mas, para o contexto sócio-político de Esparta, essa era, do ponto de vista dos esparciatas⁴⁶, a ação correta a se tomar.

As guerreiras amazonas, que *descartavam* os bebês do sexo masculino, independentemente de suas condições físicas, segundo sugerem os relatos, parecem conter

⁴⁵ Há, no entanto, que se considerar, as muitas dificuldades informativas e interpretativas que afetam o estudo das sociedades antigas.

⁴⁶ Esparciata é o termo usado para identificar a classe dominante em Esparta.

uma recriminação, o que, de modo geral, não ocorre para a sociedade espartana porque a estrutura social daquela sociedade permite a compreensão dessa ação, se a olharmos não com nossos valores, mas sim, com os valores espartanos.

As poucas menções encontradas sobre aquele povo, por outro lado, também não nos permitem inferir por quais razões elas se destacaram como guerreiras. Não sabemos se, a exemplo dos espartanos, sua sociedade era escravocrata e por isso necessitasse de um exército forte e disciplinado que desse garantia a ela de uma manutenção dessa mesma estrutura social. Não sabemos se suas terras e riquezas eram alvos de ataques por parte de outras culturas. O fato é que elas eram, pelo que lemos sobre seu confronto com os atenienses, respeitadas como competentes guerreiras.

Mas sabemos que esse povo estimulou e, ainda hoje estimula o imaginário humano, que o transmuta em romances, contos, filmes e diversos outros suportes midiáticos, inclusive, como analisamos aqui, os quadrinhos. O que confere à história das amazonas não apenas uma característica de relato global como também uma presença e uma longevidade histórico-social que merece uma visibilidade e uma compreensão muito além da que possuímos em nossos dias.

Também demonstra sua permanência, como relato, fantástico ou não, entre nós, que essa presença tem raízes em nosso psiquismo e, portanto, merecem ser analisadas em suas múltiplas influências para e sobre mulheres, homens e sociedades humanas. E como esse psiquismo possa atuar, direta e ou indiretamente, sobre contextos históricos diversos.

Um indício provável do efeito que essa presença no imaginário provoca, é a violência e a extensão dessa mesma violência, aplicadas para a transição de sociedades com características matriarcais para uma generalização de sociedades com estruturas notadamente patriarcais.

Uma ampla erradicação de sociedades matriarcais, ou de sociedades mais justas quanto à questão dos gêneros, que inclui, ainda hoje, por exemplo, sua não menção nos livros didáticos e uma não discussão, de forma mais ativa, sobre a presença e atuação da mulher, nos mais diversos períodos históricos. Algo que só começou a ser recuperado no Brasil há cerca de quarenta anos. Portanto, muito há ainda a se investigar sobre o tema.

Não está em questão neste trabalho uma *condenação* ao gênero masculino, mas também não exclui uma revisão da participação que este desempenhou no processo. Mas

está sim, também incluída nessa revisão, uma omissão maior ou menor em se definir o processo e o conjunto social específico em cada análise histórica das próprias mulheres. Assim, o tema interessa e questiona homens e mulheres, cada qual dentro de seu espaço de ação. Essa revisão precisa ser feita para nos conscientizarmos e nos modificarmos, em pensamentos e comportamentos, sem o que, pouco mais poderemos conhecer e transformar.

Uma das fontes, René Ménard⁴⁷ (1991), utilizadas coloca a rainha Hipólita como filha do deus Ares, o deus da guerra para os gregos da Antiguidade. As outras duas fontes (Gustav Schwab⁴⁸, 1994 e Thomas Bulfinch⁴⁹, 1998), contudo, só mencionam o fato do cinturão e do véu terem sido dados a Hipólita como um presente de Ares, sem expor um vínculo sanguíneo entre eles.

Os quadrinhos, com as variações temporais que já mencionamos, apontam como protetoras ou criadoras do povo amazona, um grupo de deusas gregas, sendo Ares seu principal inimigo. E, em especial, inimigo da MM. Então, cabe agora analisarmos tais divergências.

A primeira questão a ser considerada, é que dadas as poucas - praticamente nulas - referências dos autores citados sobre a relação entre Ares e Hipólita, inclusive com a omissão de quem teria sido sua mãe, só nos permite conjecturar e especular. E por não estarmos fazendo um estudo sobre mitologia, para o qual poderíamos buscar maiores dados, nosso *espaço* para supor é tão largo quanto possa ser, por isso mesmo, impreciso.

Mas, por outro lado, não podemos nos furtar a um exercício deste tipo, se queremos de fato, buscar um entendimento sobre esta e outras questões afins.

Então, vejamos a questão da maternidade de Hipólita. A julgar por diversos mitos, a mãe de Hipólita só poderia ser ou uma deusa ou uma mortal.

Se a mãe dela fosse uma mortal, como a mãe de Héracles, por exemplo, Hipólita também teria como ele, uma herança imortal advinda do lado paterno. Héracles, um semideus, possuía enorme força como filho de Zeus e, portanto, podemos supor que Hipólita também teria uma força física superior à maioria das mulheres mortais e ainda que esta força poderia superar a de vários homens.

⁴⁷ Ménard, René. *Mitologia greco-romana*. vs. 2 e 3, Opus Editora, São Paulo, 1991

⁴⁸ Schwab, Gustav – *As mais belas histórias da Antiguidade Clássica. Os mitos da Grécia e de Roma*. v.1: *metamorfoses e mitos menores*. Paz e Terra, São Paulo, 1994.

⁴⁹ Bulfinch, Thomas – *O livro de ouro da mitologia*. Tradução de David Jardim Júnior. Ediouro, Rio de Janeiro, 1998.

E mais, que ela poderia ser equiparada a uma semideusa, muito embora, e isso é extremamente intrigante, jamais tal palavra, pelo que conheço, tenha sido aplicada a ela ao contrário de Héracles, definido como semideus.

Se, contudo, sua mãe foi uma deusa, também, por raciocínio análogo, a filha, com dupla natureza divina, também teria características (entre elas, força física e poder) divinas. Mas, os relatos não mencionam isso.

Então, poderíamos supor que algo pudesse ter ocorrido, por ação dela ou não, que levou a que tal herança lhe fosse negada. Mas, novamente, nada nos sugere que isso tenha acontecido. E, considerando-se o que sabemos sobre a mitologia, nenhum filho de deus ou deusa deixou de ter alguma herança divina.

Por que, com Hipólita, seria diferente?

Sabemos que o deus da guerra entregou a Hipólita, um cinto (ou cinturão) e um véu. E que ambos seriam indicativos de sua condição de realeza, enquanto rainha das amazonas. E nenhum deles, de acordo com os relatos, seria um instrumento mágico para dar força ou qualquer outro atributo especial. O que, diga-se de passagem, outros semideuses tiveram, mesmo que temporariamente, à sua disposição, como, para citar apenas um caso, o próprio Teseu, que usara as asas de Hermes para voar, o capacete que o tornava invisível, de Hades, ou o escudo de Atena.

MM, no entanto, recebeu vários dotes divinos das deusas-mães e até, de Hermes. Aliás, dele, a Princesa recebeu, ao longo da história, dois presentes. O primeiro, simultâneo ao das deusas, que foi a velocidade e o poder de vôo. O segundo, um par de sandálias aladas que permitia a ela, segundo parece, maior velocidade e menor desgaste ao voar. (Isso não é, de fato, explicitado na história).

A Princesa Amazona ganhou de Deméter força e poder; de Afrodite, enorme beleza e coração amoroso; Atena lhe deu sabedoria; Ártemis lhe deu o olho da caçadora e a compreensão das feras; e de Héstia, recebeu a afinidade com o fogo para que os corações se abrissem para ela. Recebeu estes presentes quando atingiu a maturidade. E, mais tarde, ganharia de Artémis, uma criação de Hefesto, o *laço da verdade*, feito a partir do Cinturão de Gaia.

“*Hipólita, rainha das amazonas, era filha do deus Marte, que lhe dera, como sinal de sua dignidade real, um cinturão e um véu.*”⁵⁰ (1991).

Um cinturão tem um sentido para esta época e mesmo para épocas posteriores, uma associação com virilidade, porque geralmente associado a guerras, guerreiros, chefes políticos (reis) e militares. E isso ela era, como líder das amazonas. E contrariando a leitura proposta por Les Daniels⁵¹ de que o cinturão simbolize um *cinto de castidade*, já que me parece que a simbologia que liga um cinturão (ou cinto) ao *poder* (físico, ou de qualquer outra natureza) é muito mais antiga que a de símbolo de castidade. Por outro lado, concordo que as feministas⁵² devem mais aos gibis do que aos antigos mitos, referindo-me, especificamente, às amazonas e à Princesa Diana.

Mas o véu é clara e, quase que unicamente, um símbolo, uma peça de vestuário exclusivamente feminino. E o que ele devia ocultar? Não sabemos, porque o texto não nos dá maior detalhamento, exceto o fato de que os dois objetos eram cobiçados por Admete, filha do rei Euristeu.

A menos que ou a palavra original tenha sido equivocadamente traduzida ou que por *véu*, nesse caso, entenda-se outro tipo de peça distinta do *senso comum*. Mas como Admete, uma princesa não guerreira, o cobiçava, acredito que se tratasse de um véu em seu sentido comumente conhecido.

As informações disponíveis nos impedem de formar um entendimento mais consistente. A simbologia do véu, como a do cinturão, abarca diversos povos, diversas culturas e diversos períodos temporais, inclusive, a atualidade.

Em ambos os casos, isto é, sendo Hipólita filha de mortal ou de deusa, a omissão de seu nome, no mínimo, sugere fortemente que mais uma vez, a história daquela mulher - mesmo sendo uma rainha - e por extensão, de todas as mulheres, não era nem o foco dos autores, ou mesmo, talvez, do interesse de pesquisadores que serviram de base para os relatos por eles apresentados. Então, a origem e a identidade dessa mortal ou deusa, como a da própria Hipólita, não teve para eles qualquer valor ou significado.

⁵⁰ Ménard, René. *Mitologia greco-romana. vs. 2 e 3*, Opus Editora, São Paulo, 1991. p. 213.

⁵¹ Daniels, Les & Kidd, Chip – *Wonder Woman: the complete history*. Chronicle Books, San Francisco, 2000. p. 23.

⁵² A palavra ‘feministas’, no contexto, me parece, querer fazer referência às mulheres que se preocupam com uma condição feminina justa, em todos os campos de atuação humana e não, com uma parcela de mulheres de pensamento e ação radical contra os homens, isto é, de uma etapa já superada pela maioria das mulheres preocupadas com a vida e o viver feminino.

Só cabia dizer, e mesmo assim, para atender ora o relato de um *herói* (o roubo do cinturão por Héracles) ou de outro *herói* (a vitória de Teseu e dos atenienses sobre as amazonas), que ela existiu e que liderou, por um tempo, o povo amazona.

Também, para ambas as possibilidades, pela omissão de dados sobre a mãe da rainha, oculta o fato de que o envolvimento de Ares possa ter ocorrido quando este era casado com Afrodite. E, portanto, que como tantos outros deuses, senão todos, ele também não fora fiel em seu compromisso marital.

A mitologia nos revela diversas *indiscrições* cometidas pelos deuses e também, mas não na mesma proporção, pelas deusas. E mais, se esta mortal ou deusa consentiu ou não com a relação íntima com Ares. Portanto, se houve ou não violência contra ela.

Desse modo, ficamos, por assim dizer, perdidos sobre o que pensar e mais ainda, quanto às conclusões a que possamos chegar.

Das poucas informações que temos, sobretudo após um conflito com os atenienses, somos notificados de que esse povo retornou a sua pátria original e que, anos mais tarde, lutou ao lado dos troianos contra os gregos, na Guerra de Tróia. E mais nada após esse fato nos dá notícias mais explícitas das amazonas. Deixa subentendido que esse povo sobreviveu e mais nada. E isso, além dos fatos anteriores à Guerra, inferimos, justifica sua permanência em nosso imaginário, já que os eventos (mitos) foram transmitidos ao longo das gerações, até nos alcançarem no presente.

Consideremos a partir de agora o que os quadrinhos traçaram sobre Hipólita e as mulheres amazonas.

Como vimos no capítulo 2, há dois momentos na história da rainha e das guerreiras amazonas. Um anterior à *Crise*, e outro, posterior. Antes de 1985, cinco deusas criaram o povo amazona como uma força do bem destinada a promover os ideais de justiça, beleza, amor, que deveriam ser espalhados pelo mundo do patriarcado, já que para esta versão, elas eram especialmente guiadas por Afrodite e Atena.

Para a versão pós-*Crise*, esses ideais permaneceram e de certo modo, até foram reforçados, pois a nova origem das amazonas as colocou como *reencarnações* de mulheres vitimadas pela violência de seus companheiros ou familiares.

Ao contrário da versão anterior, isto é, de mulheres que nunca conheceram os abusos masculinos e que apesar disso, sabiam defender-se e que depois do confronto com

as forças de Héracles, foram transferidas para Temyscira, para desfrutarem de paz, para uma versão onde representavam um resgate de mulheres que não podendo se defender adequadamente, elas sucumbiram a seus agressores. Agora, essas mulheres aprenderiam a se defender. Mas elas, não eram unicamente guerreiras, destruidoras. Elas produziam conhecimento científico, artístico e cultural elevados. Elas criavam. Isto também foi mostrado na versão pré-*Crise*.

Em concordância com o que colocamos no capítulo anterior, utilizaremos como *guia* o trabalho da psiquiatra jungiana Jean Shinoda Bolen⁵³ para algumas considerações sobre as relações entre as deusas gregas e as mulheres. Como seu enfoque recaiu sobre as deusas, precisávamos acrescentar aqui certas considerações sobre algumas das mortais presentes na mitologia grega; embora estas não tenham sido diretamente analisadas pela psiquiatra, são citadas por ela. O que tornaremos a fazer, baseando-nos para isso, nos relatos mitológicos oferecidos pelos mesmos autores utilizados no capítulo cinco, além do estudo feito pela jungiana.

Agora, refletiremos sobre duas deusas. Afrodite e Palas Atena.

Jean Bolen⁵⁴ (2007) centrou seu trabalho na análise de seis das principais deusas olímpicas, mais a figura de Perséfone. As sete figuras femininas foram divididas em três grupos, a saber: deusas virgens (Ártemis, Atena e Héstia), deusas vulneráveis (Hera, Deméter e Perséfone) e as deusas alquímicas (Afrodite).

Existem certas informações que devemos considerar para entender a escolha e, conseqüentemente, a análise feita por Bolen. E algumas delas guardam especial interesse para o presente estudo.

Partindo dos doze deuses olímpicos mais conhecidos, notamos um equilíbrio de seis do sexo masculino (Zeus, Poseidon, Hades, Apolo, Ares e Hefesto) e seis do sexo feminino (Héstia, Deméter, Hera, Ártemis, Atena e Afrodite). Esse equilíbrio é modificado com a exclusão de Héstia e a inclusão de Dionísio.

Ao grupo das deusas, Bolen acrescentou a filha de Deméter, Perséfone, por entender que seus mitos são inseparáveis. No entanto, a autora não se deteve, particularmente, em melhor detalhar nem o momento nem as causas prováveis do processo de substituição ocorrido entre Héstia e Dionísio.

⁵³ Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007.

⁵⁴ Idem acima. p. 38

Embora o conceito de arquétipo, introduzido por Carl Gustav Jung, ao longo do trabalho, tenha sido questionado, criticado e ampliado por Bolen⁵⁵, ele é apresentado por ela como:

“... padrões de comportamento instintivo que estavam contidos no inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo é a parte do inconsciente que não é individual, mas universal, com conteúdos e maneiras de comportamento que são mais ou menos os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos.”

Anteriormente a esse trecho, a autora faz a seguinte exposição:

“A ‘mãe’ é somente um dos muitos arquétipos que pode tornar-se ativado na mulher. Quando reconhecemos os diferentes arquétipos, podemos ver claramente o que está atuando em nós e nos outros. Neste livro estarei introduzindo arquétipos que estão atuando na mente das mulheres e que são personificados como deusas gregas. Por exemplo, Deméter, a deusa maternal, é uma personificação do arquétipo da mãe. As outras são Perséfone (a filha), Hera (a esposa), Afrodite (a amante), Ártemis (a irmã e competidora), Atena (a estrategista), e Héstia (a protetora da lareira). Somente quando as imagens se adaptam aos sentimentos da mulher é que as deusas são úteis, porque os arquétipos realmente não têm nome.”

Apenas um breve esclarecimento, Héstia era a deusa considerada como a protetora dos lares, do calor e dos relacionamentos familiares, daí sua simbolização como a protetora da lareira.

Portanto, Afrodite e Atena pertencem a duas categorias diferenciadas pela psiquiatra jungiana com base em:

“... Modos de consciência, papéis preferidos e fatores motivadores são características distintas de cada grupo. Atitudes em relação aos outros, necessidade de afeto e importância dada aos relacionamentos também são diferentes em cada categoria. As deusas, representando três categorias diferentes, necessitam de expressão em algum lugar na vida da mulher, para

⁵⁵ Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007. p. 37.

*que ela possa amar profundamente, trabalhar significativamente, e também ser sensual e criativa.”*⁵⁶

A idéia de uma completitude sugerida ao final dessa colocação de Jean Bolen é explicitada no prefácio, significativamente feito por Gloria Steinem⁵⁷, quando esta diz:

*“Finalmente, não há nenhuma instrução para estereotiparmo-nos ou limitarmo-nos a uma deusa ou ainda a diversas. Juntas, elas compõem o círculo total das qualidades humanas. Na verdade, cada uma delas surgiu da fragmentação de uma deusa, a Grande Deusa, o ser humano feminino total que certa vez viveu em tempos pré-patriarcais – ao menos na religião e na imaginação. Talvez então, como agora, imaginar a integridade foi o primeiro passo para realizá-la.”*⁵⁸

Do ponto de vista das histórias da MM, Afrodite e Atena são as deusas mais freqüentes em participação desde a criação da personagem em 1941 e por isso, juntamente com a figura de Hipólita, iniciam este tópico. Conseqüentemente são aquelas que maiores características e impressões deixaram em todos esses anos.

O grupo das divindades que deu origem à raça amazona e, portanto, também à MM, em sua atual versão, coincide com o conjunto das deusas estudadas por Jean Bolen, à exceção de Hera e, mesmo assim, na história *“Deuses e Mortais”*, essa ausência mostra-se consonante com o trabalho da norte-americana, sugerindo uma possível leitura (ou outra forma de contato) por parte de George Pérez ou ainda, como já colocamos anteriormente, que este realizou uma boa pesquisa sobre a mitologia grega e dela depreendeu um bom grau de compreensão sobre as deusas.

Os dois fatos, criação das amazonas e a ausência de Hera, podem ser verificados nas páginas 12 e 13, reproduzidas a seguir.

56 Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007. pp.38-39.

57 Gloria Steinem era uma jornalista, editora da revista *“Ms.”* e uma das principais líderes feministas.

58 Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007. p.14.

Figura 25. “Deuses e Mortais”, p. 12.

Figura 26. “Deuses e mortais”, p. 13

É claro que quando Jean Shinoda Bolen coloca Afrodite como *a amante* ou Atena como *a estrategista*, e isso fica claro com a leitura de seu trabalho, ela não está limitando as características das deusas ou sua simbologia arquetípica e as relações entre essa simbologia e as mulheres. Ela faz uma síntese e um ponto de partida de sua exposição.

Como deusa do amor, evidentemente, Afrodite torna-se uma fonte simbólica da *amante* e Bolen analisa as implicações dessa representação para que as mulheres de hoje, ganhem maiores conhecimentos e com isso, maiores possibilidades de entenderem suas formas de vinculação e expressão afetiva, sensual e sexual com companheiros ou companheiras já que a autora não descarta a homossexualidade feminina como uma expressão sexual que deve ser livre e prazerosamente vivida por quem assim o desejar.

A autora apresenta as duas versões do nascimento de Afrodite⁵⁹: (2007) para Homero, ela é filha de Zeus e Dione, uma ninfa do mar; e para Hesíodo, ela nasce...

“... de um ato violento. Crono, que mais tarde tornou-se governador dos Titãs e pai da primeira geração de deuses olímpicos, pegou uma foicinha, cortou os órgãos de seu pai Urano, e os atirou no mar. Espuma branca espalhou-se ao redor deles ficando como esperma e mar misturados, e daí nasceu Afrodite, emergindo de sua concepção oceânica, como deusa totalmente desenvolvida.”

Essa versão ficou visualmente fixada pela pintura renascentista de Botticelli.

A visão de Homero para o nascimento da deusa não é explorada pela psiquiatra e nem há qualquer tipo de justificção para esse fato. Apenas pode-se supor que a autora tenha se detido na descrição fornecida por Hesíodo pelas análises que a versão podia proporcionar ou, porque esta versão tenha se tornado mais significativa do ponto de vista dos arquétipos, considerando-se sua forte presença simbólica e representativa, facilmente verificáveis em diversos suportes midiáticos.

Assim, o Amor nasceu da violência e, mais ainda, de uma violência duplamente significativa. Letal e parricida. Ao mesmo tempo, nasce de um ato entre dois indivíduos do sexo masculino, ou três, se considerarmos o mar, que é em si, um substantivo masculino, mas que também, e abertamente até, representa uma virilidade potencializada, já que a

“... espuma branca espalhou-se ao redor deles ficando como esperma e mar misturados...”

⁵⁹ Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007. p. 322.

Em comum ao relato de Atena, e não me parece por acaso, ambas as deusas nascem plenamente formadas, desenvolvidas. Mesmo porque, também o nascimento de Atena⁶⁰ (2007) envolve um ato de força e direcionado ao pai dos deuses olímpicos, Zeus. Recordando que:

“... Ela saltou da cabeça de Zeus como mulher adulta, usando flamejante égide de ouro, com uma lança aguda numa das mãos, emitindo um poderoso grito de guerra. Em algumas versões seu parto assemelha-se a uma operação cesariana dolorosa – Zeus foi atormentado por dor de cabeça torturante originária do ‘parto’, e foi ajudado por Hefesto, o deus da forja, que lhe abriu o crânio com um machado de dois gumes, dando espaço para que Atenas nascesse.”

E, como se pode perceber do relato, novamente, apenas dois deuses estão envolvidos no momento dessa divina concepção.

Tais semelhanças nos levam a duas conjecturas de fundamental importância não apenas para este trabalho, mas para a compreensão de como isso possa ter gerado uma das bases da erradicação da força feminina em escala global, ou pelo menos, inicialmente, ocidental, dentro daquele processo de patriarcalização das sociedades humanas.

Os dois nascimentos, anulando a figura da mulher no processo, poderiam representar uma inveja masculina das capacidades de gestação e do próprio ato do parto, como símbolos dessa força feminina e que, por esse mesmo motivo, gerariam a apreensão de que essa força se desenvolvesse na mulher sob outras formas de atuação, necessitando assim um controle masculino, aqui simbolizado por sua exclusão total. Ou, por outro raciocínio, estes nascimentos simbolicamente demonstrariam a plenitude do poder masculino por dispensar a presença feminina, ao gerarem o Amor (Afrodite) e a Estratégia (Atena).

E mais. Analisando os deuses com seus respectivos atributos, de certo modo, reforçam ambas as hipóteses e, portanto, o processo androcêntrico. Cronos, identificado como o Tempo, e Urano, como o Céu, nos sugerem crer que o Amor (Afrodite) nasce *do poder e do desejo masculino*, na medida em que o Tempo e o Céu permitiram-se unir para a geração da deusa Afrodite.

⁶⁰ Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007. p. 117.

Por outro lado, ainda que passando por um ato violento, a castração de Urano, é mais do que viável perceber que Cronos propõe uma nova visão de mundo, para a mitologia grega que se opõe à vigente ao tempo do domínio de Urano. Isto é, Cronos apresenta uma visão que inclui a mulher e o Amor, de modo contrário à violência e ao monopólio, das mulheres, praticados à época de seu pai.

E, por outro lado, que Zeus, o senhor dos raios, e Hefestos, o filho coxo e rejeitado por Hera, deus da metalurgia e fabricante dos raios de Zeus, portanto aquele que *alimentava*, fornecendo os raios, *o poder* e, simbolicamente, sua autoridade como o maior dos deuses olímpicos, formando assim, um círculo completo, pois um se realizava por meio do outro, não dependendo assim, de mais ninguém. E desta combinação, nasce a Estratégia, isto é, a deusa Atena.

Contudo, sabemos pela mitologia⁶¹, que Afrodite se casa com Hefesto por escolha própria. Ao contrário de outras deusas, como cita Bolen⁶² (2007), os casos de Perséfone, que foi raptada, Hera, seduzida e Deméter, estuprada. Também sabemos que ela traiu o marido, várias vezes, e, em especial, com Ares e Hermes.

Então, a *amante* e o próprio Amor, que ela representa, desse ponto de vista, e, por extensão, a mulher, tornam-se marcados, por definição, com uma nódoa praticamente indelével. E por isso, não confiável.

Transferir uma *mancha* de tal porte e peso não seria, pelo ângulo acima exposto, uma exclusividade da mitologia grega, já que outras tradições culturais, de caráter mitológico ou religioso, encontram-se repletas de relatos que produzem esse mesmo efeito sócio-político. A religião católica, por exemplo, é rica, sobretudo desde sua institucionalização, em desvalorizar e excluir a mulher como co-autora de sua sociedade, tanto política, cultural como economicamente.

Entre os vários exemplos que podemos relacionar, temos que, como instituição, a Igreja Católica não permite às religiosas, freiras, madres etc, ministrar a missa, os sacramentos, exercer funções oficiais elevadas, ou ainda, votar e ser votada para o cargo máximo da mesma.

⁶¹ A mitologia grega é pródiga em relatos ligados à infidelidade praticada, sobretudo, pelos deuses, que demonstravam criatividade e desenvoltura ao concretizá-la.

⁶² Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007. p. 323.

Do ponto de vista teológico, desde Eva, como aquela que seduziu Adão, ocasionando assim a punição divina à espécie humana, a Madalena, identificada, para todos os fins, como prostituta, até mesmo a Maria, que, embora seja *honrada* como a mãe de Jesus, nem ela, nem Madalena, desfrutavam de maior influência nem à época do nascimento do cristianismo e nem para os séculos seguintes, ainda que fossem as figuras mais próximas do Filho de Deus. E suas figuras foram continuamente reduzidas a instrumentos de controle social, assim como sua importância, para a construção da nova fé.

Além disso, as ordens femininas, surgidas, sobretudo, ao longo da Idade Média, e mesmo as posteriores, estavam submissas às ordens masculinas, não desfrutando de maior papel dentro ou fora da instituição.

Para uma simples comprovação, se olharmos os livros didáticos de história, menciona-se a fundação das ordens masculinas, beneditinos, jesuítas etc e seus papéis ou, quando na Idade Moderna, tornaram-se a origem dos principais críticos protestantes, mas praticamente nada é mencionado ou significativamente atribuído às ordens femininas.

A Igreja Católica, desde seu início, excluiu a mulher, mesmo a religiosa, da possibilidade da instrução, para que esta cumprisse o papel que a instituição Igreja destinara a ela. Claro, algumas mulheres religiosas escaparam a esse controle e até ganharam certo destaque, mas foram as *exceções* dentro do sistema.

Na história “*Deuses e mortais*”, que expõe a versão atual e cronologicamente aceita como a da origem de MM, de seu universo de personagens e de sua dinâmica, há uma clara alusão a uma passagem da história judaica, a abertura do Mar Morto, que permitiu ao povo hebraico a fuga do Egito, quando Poseidon abre o mar e o caminho para as amazonas chegarem à Ilha Paraíso, onde fundarão a cidade-Estado de Temyscira.

Figura 27. “Deuses e mortais”, p. 30.

Tanto no relato judaico como nos quadrinhos, temos uma intervenção divina de caráter masculino. Contudo, a intervenção de Poseidon é uma colaboração que este presta ao grupo das deusas que criaram as amazonas e um ato contra Ares, que matara um dos filhos do deus dos mares. E, no relato hebraico, o povo, conduzido por Moisés, tem uma dupla presença masculina, Deus e Moisés, como significativa para sua sobrevivência. E nenhuma feminina.

Claro está que para as histórias da MM, as deusas são representadas em máxima pureza divina. Isso é compreensível sob vários aspectos, entre eles a faixa etária e ampla que se pretende atingir como público-leitor, o fato de que tanto elas como a MM serem personagens e a revista, uma publicação que busca representar o gênero feminino e que, sobretudo para a MM, se deseja manter em acordo com as propostas gerais desenvolvidas para a personagem desde sua criação por William M. Marston.

E entre outras propostas, isso significa demonstrar as virtudes femininas como símbolos de sua força e capacidades em igualdade de condições com a dos homens. Também compreensível porque a revista não se destina a retratar ou discutir a mitologia grega propriamente dita, embora esta se faça presente nas histórias.

Agora, consideremos um pouco a figura de Ártemis.

Ela era a filha primogênita de Leto, filha de titãs, e Zeus, e ajudou a própria mãe no parto de seu gêmeo, Apolo. Isto lhe rendeu honras como a deusa do parto. Mas Leto tinha sido mais uma das conquistas de Zeus, quando este era casado com Hera, o que a tornava indesejada quando a hora do parto chegou. Na ilha de Delos, Leto deu à luz seus dois filhos.

Ainda criança, foi levada ao Olimpo para estar com Zeus e este, feliz com a criança, prometera lhe dar o que ela desejasse. Assim sendo, ganhou seu arco e flechas, cães de caça, uma túnica curta para correr livremente, castidade eterna e ninfas para lhe fazer companhia. Zeus deu-lhe ainda, o raro privilégio de fazer as próprias escolhas.

Desse modo, tornou-se a deusa e protetora da caça, mas também, protetora dos que lhe pediam ajuda e ação rápida ao punir os que a ofendiam. Por diversas vezes, atuou em auxílio a sua mãe, fato incomum a outras deusas.⁶³ (2007).

⁶³ Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007. pp. 79-80.

Ártemis também é conhecida como a deusa da lua e formava com Selene e Hécate, uma trindade lunar, sendo que a primeira reinava na terra, a segunda no céu e a terceira, nos inferos. Era uma deusa, conforme nos relata Jean Bolen⁶⁴ (2007), “... *que enfatiza a independência e a separação dos homens.*”

São características da deusa e deste arquétipo a competitividade, a grande capacidade de concentração e a perseverança para atingir a meta por ela desejada. Também era considerada como a protetora das jovens, como observamos nos casos de Leto, sua mãe, e Aretusa, que quase foram violentadas⁶⁵ (2007).

A Princesa amazona apresenta várias das características das deusas Afrodite e Ártemis. O senso de justiça e a rapidez ao buscá-la, bem como a superação de todos os obstáculos para atingir seus objetivos, são heranças diretas de Ártemis, assim como, sua grande capacidade de doação, suavidade, beleza e bondade são legados da deusa do amor, Afrodite.

E considerando-se o conjunto de suas características e ligações com a criação das Amazonas, entende-se porque sejam elas as deusas que mais freqüentemente participam das histórias de Diana e em contato mais direto com as guerreiras.

Também podemos entender essa ligação estreita com as mulheres Amazonas se lembrarmos a longa lista de heróis auxiliados, especialmente por Atena e que nos quadrinhos, essa ajuda venha a contrabalançar com aquela. Atena está presente nos feitos de Perseu, Jasão, Belerofonte, Aquiles e Odisseu, entre outros.

6.2 Gaia, Héstia e Hera

Gaia, a mãe-Terra, embora não tenha uma representação gráfica como as demais deusas (isto é, como uma mulher), é presença constante das histórias da personagem MM, evocada especialmente nos momentos de maior dificuldade. E, nesse contexto, ela representa a *Grande Deusa*, isto é, aquela que é íntegra, completa.

⁶⁴ Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007. p. 82.

⁶⁵ Idem. pp. 82-83.

Héstia, era a filha primogênita de Réia e Cronos, da primeira geração de deuses olímpicos e irmã de Zeus. Hera, esposa de Zeus, também como Héstia, era irmã do senhor do Olimpo. Héstia era uma deusa virgem que não podia ser envolvida pelas artimanhas e pela influência de Afrodite, o que a tornou a protetora dos lares e seu símbolo era a lareira, que devia arder permanentemente nas casas, nos templos e no centro da cidade. A colonização grega era caracterizada pelo fogo que se acendia nas novas terras. Fogo este que era sagrado e transportado dos templos a essas terras, conforme nos apresenta a psiquiatra norte-americana⁶⁶ (2007).

Seu arquétipo está relacionado à idéia de inteireza e integridade. É importante ressaltar que, como destaca Bolen⁶⁷ (2007):

“... Cada uma tinha a qualidade de uma-em-si-mesma que caracteriza uma deusa virgem. Nenhuma delas era vitimada pelas divindades masculinas ou pelos mortais. Cada uma tinha habilidade de enfocar aquilo que lhe interessava e de se concentrar nisso, sem ser perturbada pelas necessidades dos outros ou pela necessidade de outros.”

Apesar de sua condição de progenitura, Héstia não apenas não habitava no Olimpo, como os demais deuses, como também não foi contemplada com um domínio, como seus irmãos Zeus, Hades e Poseidon, após Cronos ter sido destronado. Ela, que é associada à imagem de uma sábia anciã, e nada afeita às rivalidades e disputas dos deuses olímpicos, afastou-se espontaneamente do convívio deles, o que permitiu que o *espaço* fosse ocupado por Dionísio. Mas mesmo assim, tanto na Grécia Antiga como em Roma, com o nome de *Vesta*, foi alvo de grande devoção e honrarias.

Hera, que também nada *herdara* da divisão do poder do pai, pois seus irmãos lhe excluíram, tornou-se esposa de Zeus o que, de um lado, consagrou-a como a deusa da família, do casamento, e de outro lado, restringiu-a a um plano de importância inferior ao que poderia ocupar. Um *espaço* ao qual ficou confinada.

Zeus era um freqüente traidor dos laços do matrimônio e Hera, sua esposa, descrita como a mais vingativa entre as deusas. Ela, que era a deusa protetora desses sagrados laços, era também uma de suas maiores vítimas.

⁶⁶ Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007. pp. 159-160.

⁶⁷ Idem. p. 162.

A maior parte das mortais citadas nos relatos mitológicos gregos foram vitimadas pelas divindades ou por recusarem seu amor, ou porque, como resultado de encontro íntimo, amoroso ou violento, geraram filhos e filhas, configurando assim, a traição e deuses e deusas exerceram suas vinganças sobre elas. Várias mortais, contudo, foram abençoadas por deusas e deuses.

Da mesma forma, alguns mortais também aparecem ora como vitimados, ora como abençoados pelas deusas com as quais tiveram algum tipo de envolvimento amoroso.

Excetuando-se as figuras dos heróis e, mesmo assim, com ressalvas, boa parte dos mortais, homens e mulheres, que se envolveram de alguma forma com deuses e deusas pouco são conhecidos, num contexto mais amplo. As mulheres, especialmente.

Nomes como os de Alcmena, Atalanta, Aracne e Ifigênia, por exemplo, são muito menos *divulgados*, digamos assim, do que o de Helena, que está intimamente ligada a um herói e a um evento, isto é, a Páris e à Guerra de Tróia, respectivamente.

Alcmena, nessa curta lista, é possivelmente a mais conhecida, e mais rapidamente identificável, se fizéssemos uma espécie de pesquisa de campo, por ser a mãe mortal daquele que é dito como o maior de todos os heróis, Héracles. E, nesse caso, seu reconhecimento ou, melhor dizendo, seu nome seria conhecido *apenas* por essa condição e nada dela, além disso, seria conhecido.

As figuras femininas mais *famosas*, digamos, dos relatos mitológicos da Grécia Antiga, provavelmente apontadas numa pesquisa como sugerido acima, seriam, a julgar por sua presença, em suportes midiáticos posteriores, justamente, aquelas que tiveram maior participação em passagens dos feitos dos heróis, sobretudo, como elementos de oposição a eles e que demonstrassem uma visão mais negativa, ou *frágil*, das mulheres. A base para tal raciocínio empírico, admito, apóia-se em figuras como a de Medéia, Circe e a já citada, Helena, entre outras tantas.

E as mulheres das histórias da MM? Quem são elas?

Como já falamos, existem três presenças constantes nas histórias, desde sua criação. Uma, Etta Candy, amiga da heroína em suas duas identidades, embora desconheça essa dupla vida de Diana; a Mulher-Leopardo; e Giganta, duas das principais vilãs. Infelizmente, não podemos aqui datar com precisão as mudanças vivenciadas, especialmente por Etta Candy, dada à irregularidade de publicação de histórias próprias da Princesa Amazona, mas

podemos apresentar uma boa aproximação temporal. Ao menos, no mercado norte-americano.

Entre os anos 40 e 50, Etta foi apresentada como uma jovem estudante que liderava um grupo de alunas de uma mesma escola secundária e que, com alguma frequência, acabava se envolvendo nas aventuras da amazona. Uma amizade surgiu entre as duas personagens. Aparentemente, durante parte da década de 50, esse grupo de estudantes deixou de participar das histórias, sendo retomado na década seguinte, mas apenas por um breve período, para enfim, ser abandonado de vez. Robert Kanigher⁶⁸, como editor da revista *Wonder Woman*, foi o responsável pela exclusão das “garotas Holliday”.

O final da 2ª Guerra Mundial fez com que Diana Prince deixasse seu disfarce de enfermeira militar. Entre os anos 50 e 70, sua profissão fixou-se como militar, exceto pelo período em que, privada dos poderes e da herança amazona, quando atuou como uma espécie de espiã ou agente secreta, disfarçada como dona de boutique.

O seriado de televisão dos anos 70 mostrou dois momentos da personagem. No primeiro ano, a década de 40, quando Etta e Diana Prince eram duas militares, que não tinham prévio conhecimento uma da outra, no contexto do conflito mundial. Nos dois anos seguintes, elas continuavam sendo militares, mas as histórias refletiam o clima dos anos 70, época de produção da série e, portanto, dentro de outro contexto histórico.

Também como vimos em capítulos anteriores, entre os anos 80 e 90, a heroína teve diversas atividades profissionais, chegando ao século 21, sem uma profissão específica como relatado no álbum gigante de Alex Ross e Paul Dini.

E em parte desse período, a presença de Etta sofreu uma significativa redução, sem, contudo, desaparecer por completo. E, a partir de George Pérez, ela, assim como Steve Trevor, envelhecera e sua participação ganhara mais uma dimensão afetiva e de homenagem do que uma participação mais diretamente ativa na dinâmica por ele criada.

Agora, uma rápida análise sobre as duas vilãs.

A Mulher-Leopardo e Giganta existem, como adversárias da heroína, desde os primeiros tempos. Já mencionamos que houve mais de uma Mulher-Leopardo e as condições de suas respectivas origens, mas seu visual, gráfico e de vestuário, mantiveram-se constantes. Giganta, uma ex-macaca evoluída por ação de um raio de evolução, também

⁶⁸ Daniels, Les & Kidd, Chip – *Wonder Woman: the complete history*. Chronicle Books, San Francisco, 2000. p. 100.

teve seu visual mantido, sendo que sua origem também se manteve inalterada desde os anos 40.

Nos desenhos de televisão onde aparece, mais do que nos quadrinhos, uma terceira vilã também merece destaque: a feiticeira Circe.

Para as três personagens, suas motivações criminosas também não sofreram mudanças relevantes ao longo dos anos. E, até o momento, não desfrutam do mesmo impacto ou do *status* que possuem, por exemplo, Lex Luthor ou Coringa.

Os anos, apesar de mostrarem um mundo mais complexo e torturado para SH e BT, pelas ações desenvolvidas por estes e outros *arquiinimigos*, não afetaram na mesma medida, às *arquiinimigas* da MM. Elas não possuem a mesma força, ambição e engenhosidade para planificar grandes golpes. São vilãs sem *grandeza*.

As figuras de Julia e Vanessa Kapatelis, criações de Pérez, também permitiram à personagem vivenciar situações envolvendo os laços de mãe e filha, sob outros ângulos. É claro que este *gancho* sempre foi e ainda hoje continua sendo abordado, quando pensamos em sua relação com a mãe, a rainha Hipólita.

Mas elas, sendo mortais, trouxeram novas oportunidades e novas leituras sobre este tema.

7. ‘SELF-MADE MAN’ E ‘MULHER-MARAVILHA’: A MITOLOGIA CONTEMPORÂNEA

7.1 O poder que passa e fica

Richard Sennett⁶⁹ (2002), em seu livro “*A corrosão do caráter – consequências do trabalho no novo capitalismo*”, por meio de diversas narrativas associadas a dados e tabelas, analisa as transformações mais recentes ocorridas no mercado de trabalho norte-americano e os desdobramentos sociais e econômicos, em especial, decorrentes destas.

Para iniciar este tópico, convém conhecer a definição dada pelo autor a *caráter*: “*O termo caráter concentra-se sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e o compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. Da confusão de sentimentos em que todos estamos em algum momento particular, procuramos salvar e manter alguns; esses sentimentos sustentáveis servirão a nossos caracteres. Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem.*”⁷⁰ (2002).

De imediato, percebemos que por ser algo de “... *longo prazo*...” e relacionado com “... *nossa experiência emocional*...”, o caráter referido pelo autor, diz respeito às nossas histórias individuais e estas estão em constante transformação.

Ao mesmo tempo, em similaridade com a essência da história que é a existência e a forma por meio das quais mudanças e permanências manifestam-se, temos que “... *em algum momento particular, procuramos salvar e manter alguns; esses sentimentos sustentáveis servirão a nossos caracteres.*” Por fim, mas não menos relevante, o trecho final ilustra e subsidia um ponto fundamental a este estudo: quando ele define que *caráter*

⁶⁹ Sennett, Richard – *A corrosão do caráter*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002

⁷⁰ Idem. p. 10.

são traços que nos valorizam perante nós mesmos e pelos quais desejamos ser valorizados pelos outros.

Ao revermos os heróis mitológicos e dos quadrinhos aqui citados, conseguimos, sem grandes dificuldades, visualizar e dimensionar que desde bem jovens, crianças mesmo, o sexo masculino está mais do que suficientemente representado, de tal modo que meninos, jovens e homens adultos, posteriormente, conheçam e dominem com destreza aspectos como *poder, autoridade, força* (física ou não) etc.

Com tais instrumentos disponíveis desde a mais tenra idade, podemos entender, igualmente, o profundo desenvolvimento que *eles* apresentam de seu *caráter*, e entre os traços desse caráter, o orgulho que sentem sobre si mesmos.

É claro também que, ou por uma *superexposição*, ou por questões *ambientais* (familiares, sociais ou grupais), esses traços podem se apresentar heterogeneamente e, como consequência disso, produzir indivíduos (homens) com um comportamento *desequilibrado*. Digo isso não em sentido necessária ou exclusivamente psiquiátrico ou psicológico mas com base num *senso comum*. Os casos clínicos cabem aos especialistas.

Importa ressaltar que esses instrumentos formadores de caráter, longe de se limitarem à mitologia ou aos quadrinhos, estão multiplicados por todas as etapas de crescimento em favor do gênero masculino. Estão, por exemplo, presentes nas diversas plataformas midiáticas utilizadas pela publicidade e marketing. Estão nos filmes produzidos e direcionados ao público masculino, sobretudo, os chamados *filmes de ação*. Estão difundidos por todos os lados, inclusive, no falar cotidiano, por meio de expressões que refletem este universo de valores e sentimentos.

Entre estas expressões, incorporadas em artigos de jornais, rádio e televisão, inclusive no Brasil, destaco aqui uma que, creio, sobressai, por sintetizar estes valores e que generalizou-se rapidamente entre textos, acadêmicos ou não, como uma *verdade*. Refiro-me à expressão *self made man*.

Ela traduz a idéia do *homem* que se fez *alguém*; isto é, alguém que atingiu sucesso, *status*, sozinho. Alguém que partiu do (quase) *zero* de oportunidades para uma situação totalmente oposta, e muito valorizada social e culturalmente, que é a do êxito profissional e financeiro.

Não terei a ousadia aqui de negar que existam exemplos significativos para defender e dar suporte a essa expressão, mesmo porque, ela existe há vários anos e não seria assim, provavelmente, se não tivesse uma base na *realidade*.

Contudo, embora esse termo tenha se espalhado por diversas áreas de atuação, uma das mais vinculadas a ele está no chamado *mundo dos negócios*, nas grandes empresas. E até bem pouco tempo atrás, os cargos mais elevados estavam restritos aos homens. E mesmo hoje em dia, é possível acreditar que para algumas áreas do trabalho corporativo, tais funções sejam ainda bastante restritivas para a ascensão de mulheres a seus postos de maior poder.

Richard Sennett⁷¹ (2002) confirma isso, no trecho a seguir:

“(...) Os cortesãos falam fluentemente e em voz baixa, tentando um empréstimo ou um negócio. Davos custa aos homens de negócios (são sobretudo homens) muito dinheiro, e só vão lá os do topo. Mas a atmosfera cortesã é contaminada por um certo medo, o medo de ser “deixado de fora do circuito” nessa Versalhes coberta de neve.”

Isso tem, lentamente, sofrido mudanças e mulheres ocuparam lugares de comando cada vez mais altos. Embora sua transparência para uma escala mais ampla da sociedade fique, ainda, em muitos casos, aquém, da que é dada aos executivos em posição equivalente. E isso, acaba reforçando um discurso da superioridade profissional (ou além dela) masculina.

Como podemos verificar isso?

Este é um trabalho que analisa um meio de cultura de massa, os quadrinhos, e esta é uma primeira reflexão sobre como tais meios transmitem determinados valores, conceitos e estimulam certos comportamentos, geralmente, reproduzindo-os. E nesse sentido, cito como exemplos os meios de divulgação (especializados ou não) e informação, tais como revistas, jornais e canais de televisão, que retratam muito mais executivos que executivas, tanto como *matérias* como em sua própria estrutura hierárquico-empresarial.

Outros exemplos midiáticos são os filmes e as séries televisivas.

Cito ainda, uma vez mais, para a realidade brasileira, que as novelas, ainda quando mostrem mulheres que trabalham em empresas, dois fatos são especialmente relevantes e

⁷¹ Sennett, Richard – *A corrosão do caráter*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002. p. 70.

recorrentes. O primeiro é que, com maior frequência, essas mulheres não são as donas das empresas ou mesmo, as de maior destaque funcional, fora o proprietário. E, em segundo lugar, que, também em termos gerais, aquelas que ocupam posição de maior poder quase sempre também são as vilãs ou as traidoras, sobre as quais falamos anteriormente, enquanto que as mocinhas, quando trabalham nessas mesmas empresas, estão em posição hierárquica inferior às vilãs.

Mas as mulheres vêm provando sua capacidade a cada área desbravada do *mundo dos negócios* ou em qualquer outra parte do mundo do trabalho. Assim, mais recentemente, surgiu a expressão *self made woman*, aparentemente, com a igual intenção de ressaltar a mulher que atingiu, por seus próprios méritos, posição de destaque em sua atividade profissional. Porém, parece ser menos aplicada do que a versão masculina.

Em ambos os casos, deve-se ressaltar, os obstáculos não foram iguais na quantidade ou na proporcionalidade do grau de dificuldade a ser superado. Um bom indício para atestar isso está no número desproporcional de homens e mulheres que disputam tais espaços de destaque, sobretudo nas grandes corporações. E nos critérios aplicados nessas disputas.

Alguns desses critérios são comuns a homens e mulheres, outros não. Um deles, comum aos dois gêneros, é a idade. Assim, Richard Sennett⁷², que tem em Rico, nome fictício, com o qual dialoga em seu livro, um de seus personagens centrais, a certo momento coloca:

“Isso a princípio pareceu um absurdo. O que ele me disse, como explicação, foi que o conhecimento científico que adquirira na escola não era mais de ponta: compreendia o que estava acontecendo no florescente campo da tecnologia de informação, mas não podia mais manter-se um passo à frente. Jovens engenheiros de vinte e poucos anos tratavam-no, a ele, já beirando os quarenta, como de algum modo desbotado. Perguntei-lhe se pensava em voltar à universidade para um “retreinamento”, e ele me lançou um olhar azedo.
- Não estamos falando em apertar um novo conjunto de botões. Estou velho demais para começar de novo.”

⁷² Sennett, Richard – *A corrosão do caráter*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002. p. 112.

Em outro trecho, com Rose, nome também fictício, que passara pelo mesmo tipo de *constrangimento* (ela tinha cinquenta e três anos quando foi contratada por uma empresa de publicidade de Nova York):

*“(...) Mas esses preconceitos são difíceis de combater. No mundo de alta pressão, mutante, da moderna empresa, as pessoas de meia-idade podem facilmente vir a temer estar-se erodindo por dentro”. “(...) Rose ficou genuinamente perplexa por ter sido contratada por seu conhecimento prático e depois desconsiderada como uma pessoa velha, passada, já descendo a ladeira.”*⁷³ (2002)

Desse modo, os relatos comprovam que o *caráter* está sofrendo um grave processo de corrosão. E, embora o texto refira-se a uma realidade norte-americana, com dados que consideram ainda uma parcela de países, avançados, da Europa ocidental, como Alemanha, França e Inglaterra, conforme o tópico analisado, estes podem ser estendidos para outros países, inclusive o Brasil.

Mas sem dúvida, atinge, direta e indiretamente, a homens e mulheres, sobretudo, causando, um sentimento de inferioridade nos dois grupos, que pode ser facilmente percebido em suas falas.

Há, no entanto, outra expressão para a qual desejo chamar a atenção agora. Trata-se de “Mulher-Maravilha”. Uma expressão que se originou de uma personagem de histórias em quadrinhos. Super-Homem e Flash também deram origem a expressões que trazem uma ou mais das características dos personagens embutidas nas mesmas. Mas “Mulher-Maravilha” é, senão a única expressão derivada de personagem feminina, a mais popularizada, conhecida e de maior ocorrência.

Esta expressão, que também incorpora características da personagem, conforme a situação em que é aplicada, pode evocar algumas delas, mais do que outras. Ora a beleza da heroína, ora sua feminilidade. Mas, também, em outras circunstâncias, pode ressaltar seu porte altivo, suas múltiplas capacidades e habilidades e, de modo geral, com menor frequência, sua extraordinária força física.

A heroína possui todas essas características, mas com maior frequência, a expressão é usada para destacar a aparência física de uma mulher, reduzindo assim, sua

⁷³ Sennett, Richard – *A corrosão do caráter*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002. pp. 108-109.

individualidade à aparência externa. Essa é, sem dúvida, uma aplicação metonímica. Algo que é recorrente no falar, agir, pensar, avaliar e em muitos outros níveis do viver nos dias atuais. Pela correria do dia a dia, pelos medos e receios do mundo moderno, rotulamos tudo e todos.

Esta é uma parcela cruel e corrosiva do nosso caráter contemporâneo, cada vez mais e mais estimulado por uma realidade que valoriza e concentra oportunidades e sucesso para um número mais restrito de pessoas, enquanto sacrifica e vitima milhares e milhares.

Nesta incessante busca do poder, em qualquer escala, muitas vezes agimos sem uma completa noção de nossas ações e discursos. Mas, como demonstra Richard Sennett⁷⁴, este poder, no mundo em que vivemos, obedece cada dia mais, a critérios de flexibilidade (do tempo do trabalho, e claro, do poder), deslocamentos (de capital, gerenciamento, produção e distribuição), sobrecarga (de tarefas e resultados), fragmentação (de tempo, de responsabilidade), entre outros, e, portanto, trata-se de um poder que *vai e vem*. Mas, paradoxalmente, é também, um poder que *fica*. Em duas condições-chaves.

Uma, óbvia, quando se está no exercício dele. Isto é, na situação momentânea de reter algum tipo de poder. E uma segunda, mais sutil e difusa, quando cria e estimula, uma (ou mais) prática (s) ou comportamento (s) que, de uma maneira ou de várias maneiras, reforce (m) esses mesmos critérios e mecanismos do poder.

A seguir, destacamos alguns trechos do trabalho de Sennett (2002) que corroboram o acima exposto.

“(...) Na revolta contra a rotina, a aparência de nova liberdade é enganosa. O tempo nas instituições e para os indivíduos não foi libertado da jaula de ferro do passado, mas sujeito a novos controles do alto para baixo. O tempo da flexibilidade é o tempo de um novo poder.

“(...) Há um continente de poder no arquipélago do poder flexível; alguém no continente decide que “Barbados” pode fazer o trabalho antes feito por “Trinidad” e “Guadalupe”; “Barbados” raramente prefere aumentar os próprios fardos. A sobrecarga administrativa de pequenos grupos de trabalho com muitas tarefas diversas é uma característica freqüente da reorganização empresarial – e contrária às divisões mais sutis do trabalho que Adam Smith

⁷⁴ Sennett, Richard – *A corrosão do caráter*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002. p. 69 e p. 64..

imaginou na fábrica de alfinetes. Fazer tais experiências com dezenas ou centenas de milhares de empregados exige imensos poderes de comando. À economia da desigualdade, a nova ordem acrescenta assim novas formas de poder desigual, arbitrário, dentro da organização.”

*“(…) A “lógica métrica” do tempo de Daniel Bell passou do relógio de ponto para a tela do computador. O trabalho é fisicamente descentralizado, o poder sobre o trabalhador mais direto. Trabalhar em casa é a ilha última do novo regime.”*⁷⁵ (2002).

Conseqüentemente, o poder mostra-se mais manejável, mais maleável e muito mais controlável por um contingente de indivíduos cada vez mais limitado em termos numéricos.

Entre as formas sutis e difusas do poder se manifestar e se perpetrar, nos Estados Unidos, conforme aponta Richard Sennett (2002), para aquela cultura social, a troca de *classe social* por *caráter* se destaca. Outra envolve a questão da etnicidade numa realidade global. Ambos os aspectos encontram-se no trecho abaixo:

“(…) Classe social nos Estados Unidos tende a ser interpretada como uma questão de caráter pessoal. E assim, quando 80 por cento de um grupo de padeiros diz: “Eu sou classe média”, a verdadeira pergunta que está sendo respondida não é o quanto alguém é rico e poderoso, mas como se vê a si mesmo. A resposta é: Sou bom o bastante.

Ao entrevistar os padeiros em Boston, quando a padaria tinha um nome italiano e fazia pães italianos, a maioria deles era grega; esses gregos eram filhos de padeiros que haviam trabalhado para a mesma empresa. Para tais greco-americanos, “negro” era sinônimo de “pobre”, e “pobre” se tornava, pela alquimia que traduzia posição social objetiva em caráter pessoal, um sinal cognato de “degradado”.”

Em outro trecho, o autor mostra que, ao mesmo tempo, sob as condições atuais do capitalismo, um negro podia ser aceito como supervisor, ainda que o preconceito exista naquele ambiente. E ele, neste caso, que subiu de função pela combinação de determinação, mérito e lei de igualdade racial, ocupa a mais baixa posição da escala administrativa e é o responsável, perante os novos donos da padaria, pela contratação dos novos padeiros. Mas,

⁷⁵ Sennett, Richard – *A corrosão do caráter*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002. p. 68 e p. 76.

diante das novas regras, é o único funcionário que compreende com clareza sua situação atual e a da empresa.

Vale também mencionar, ainda seguindo o mesmo relato sobre os padeiros em Boston, dois componentes significativos.

O primeiro, ao mostrar uma evolução tecnológica na produção de pães, mostra também, uma corrosão da identidade profissional e, conseqüentemente, do caráter, do padeiro, o que nos ilustra outro aspecto desta *nova sutileza do poder*, conforme depoimento abaixo. E, assim, o mundo futurístico de “*Os Jetsons*”, ganha vida na produção, mas não na distribuição de oportunidades, retorno financeiro, social ou de qualidade de vida. Mas, coerentemente, nem naquele antigo desenho televisivo ou nos dias atuais, temos tal situação.

“- *Eu vou para casa, faço pão mesmo, sou um padeiro. Aqui, aperto botões.*” ⁷⁶

O segundo atesta o ingresso de mulheres nesse tipo de produção.

“(...) *Além disso, a casa não é mais composta apenas de homens; um dos italianos era uma moça mal saída da adolescência, outra mulher tinha dois filhos crescidos.*”

Retomando o início desse tópico e, tendo verificado em diferentes meios, a presença masculina e seus efeitos e desdobramentos para a construção e solidificação da identidade e do caráter em crianças e jovens do sexo masculino, cabe agora ressaltar o reverso da moeda; isto é, a presença feminina como formadora de uma identidade feminina que inspire, assim como os heróis dos quadrinhos, atletas e executivos do sexo masculino fazem para seus semelhantes mais jovens, valores estimulantes e positivos de *caráter*, que produzam o igual e salutar efeito da autoconfiança e do orgulho de ser mulher. Que produzam ganhos concretos na qualidade de vida delas, de tal modo que elas também possam, real e plenamente, sentirem-se uma “Mulher-Maravilha”.

Para tanto, individual e socialmente, por ações e políticas públicas, é preciso que todos os esforços visem a alcançar tais objetivos. É preciso continuar lutando, em nossos trabalhos formais, mas também, buscar novos patamares de ação e evolução. Pessoal e profissional. É preciso ainda ampliar nossa atuação como cidadãs. É preciso criar novas formas de diálogo e formação de filhos e filhas que serão os homens e as mulheres do

⁷⁶ Sennett, Richard – *A corrosão do caráter*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002. p. 83 e p. 79.

amanhã. É preciso enfim, buscar multiplicar as *heroínas* em nós mesmas e torná-las ainda mais visíveis. É preciso *enxergar-se* como uma “Mulher-Maravilha” para *sentir-se* “Mulher-Maravilha”. Conhecendo, reconhecendo e buscando dentro e *fora* de nós, todas as qualidades e atributos e não apenas *fragmentos* do caráter da heroína.

A personagem dos quadrinhos foi transformada em seu aspecto visual e até em certos aspectos de sua fala mas, como disse Sennett, preservou “(...) *sua busca de metas a longo prazo... (...)*” e, com isso, manteve seu *caráter* intacto.

E esta sua condição, *caráter intacto*, entendo ter sido a base e um dos principais méritos da personagem, para entendermos a sua longevidade e popularidade.

Ela *venceu e sobreviveu* ao final do conflito mundial, quando tantos personagens, inclusive masculinos, desapareceram. Ela *venceu e provou seu valor* quando sobreviveu ao corte de poderes, habilidades e identidade pessoal e visual, em pleno movimento feminista, recuperando tudo isso, algum tempo depois. Ela *venceu* quando, apesar de ter perdido seu *status* de co-fundadora da Liga da Justiça, como decorrência da grande atualização do *universo DC*, a partir da história “*Crise nas Infinitas Terras*”, não apenas manteve-se como a terceira principal personagem da editora, como também sendo a primeira entre as personagens femininas.

Se esta posição, de terceira personagem da editora, não for a *ideal*, ao menos demonstra que o posto cabe, por méritos próprios da heroína, a uma personagem guerreira e forte, que nunca desiste de suas lutas. E isso merece ser registrado como estímulo a todas as mulheres, em todas as situações, para que tenhamos a mesma persistência e força, na busca de nossos objetivos.

Ela era e continua a ser uma princesa. Era e continua a ser uma guerreira. Era e continua a ser uma amazona. Era e continua a ser uma filha e uma irmã⁷⁷. E no *mundo do patriarcado* (expressão recorrente das histórias da MM), ela preservou essa sua essência. E, ainda, como vimos, na atual versão da personagem, esta essência, em alguns pontos, entrou em conflito com o *mundo dos homens*, mais pela confusão em que este mundo está mergulhado do que pelo *caráter* da personagem.

E, muito embora os personagens masculinos também possam ser pais, filhos, irmãos, isto ou aquilo, assim como os atletas e os executivos, o discurso

⁷⁷ Irmã é o tratamento e o grau de união utilizado entre as amazonas, na história em quadrinhos.

predominantemente aplicado e ostentado por eles e os demais ao seu redor, mesmo quando em diferentes patamares de poder, é que *todos eles são homens*. Este, então, é o cerne de seu *caráter*.

Isso é verificável, sem dificuldades, por sinal, nos quadrinhos, nas séries televisivas ou em filmes, quando um personagem masculino de segundo ou terceiro escalão dentro do contexto da história tem, nas personagens femininas das mesmas, seu *foco de atenção*. Independentemente do lado que ocupam. *Heróis* ou *vilões*.

Se forem os *vilões*, sua meta será seqüestrar ou, por algum outro meio, atacar a filha, a namorada, a esposa do *herói*, numa tentativa de controlar o mesmo, controlando seu *principal interesse feminino*. Que é, supostamente, mais frágil e quase virtualmente incapaz de se defender.

Por outro lado, se falarmos dos *heróis*, seu *foco de atenção* estará em resguardar as personagens femininas que lhe são mais significativas. No caso do *herói* central estar numa perseguição ou luta direta (corpo a corpo, física) com o *vilão*, o *herói* do escalão *abaixo* deste terá como sua *missão pessoal* proteger e preservar as figuras femininas.

Um esclarecimento. Via de regra, os escalões *inferiores*, entre os *heróis* dos quadrinhos, são definidos pelo grau de força física ou poder que cada *herói* possui em relação aos que estão *acima* deles. Essa visão e esse discurso imagético, oral ou ambos estão igualmente presentes em outros suportes midiáticos ou mesmo em outras situações do nosso cotidiano.

A série de televisão “*Xena, a Princesa Guerreira*”, mais de uma vez, inverteu essa prática imagética e esse discurso, até mesmo usando da estrutura dele, quando, por exemplo, sua parceira de luta, Gabrielle, ainda não havia adquirido habilidade de combate, o que a colocava como, naquele momento, uma *heroína* de menor poder, com a função de libertar reféns, incluindo aí, a libertação de homens, jovens ou adultos, enquanto a *heroína guerreira* enfrentava os *vilões*.

Mas, infelizmente, exemplos como o acima descrito ainda são numericamente limitados se tentarmos comparar com as cenas de *heróis* que salvam *belas jovens indefesas*. E, os demais, incluindo-se aí, a série “*Xena*”, em geral, não desfrutam de igual cobertura e divulgação publicitária. E, portanto, tais casos, assim como vimos com as executivas, não

contam com o mesmo grau de transparência. Nem com a mesma *valorização* e *superexposição*.

Retomando a definição de Sennett⁷⁸ (2002) para *caráter*, marcado por traços pessoais que ressaltem valores em nós mesmos e pelos quais queremos ser valorizados pelos outros, cabe tanto aos homens quanto às mulheres, mas especialmente a estas, uma profunda e sincera investigação interna e externa do que consideram como traços positivos para si, individual e coletivamente, para que possam definir os meios pelos quais poderão atingir suas metas.

Significa, sobretudo para as mulheres, não compactuar sobre forma alguma com aquilo que degrade ou limite o *caráter feminino*, porque precisamos pensar e agir coletivamente, com liberdade, para termos a força social e política que propicie às mulheres de hoje e de amanhã os instrumentos legais e sociais de uma ampla cidadania.

Significa ainda, como pudemos verificar no trabalho de Jean Bolen⁷⁹ (2007), por exemplo, não omitir as diversas expressões do feminino, da feminilidade e da sexualidade da mulher. Precisamos, enfim, criar e multiplicar pesquisas, espaços e debates para o resgate histórico das nossas contribuições específicas e das realidades históricas vividas. Devemos nos enxergar e nos avaliar mais como sujeitos da história do que como vítimas. Ser *heróicas* ao resgatarmos-nos, ao invés de dependermos tanto de resgates feitos por outros. *Ser Mulher-Maravilha*.

⁷⁸ Sennett, Richard – *A corrosão do caráter*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002.

⁷⁹ Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007.

Figura 28. “Deuses e mortais”, p. 188.

8. SABER MAIS, NÃO SABER MENOS (CONCLUSÃO)

Este trabalho pretendeu apontar algumas, entre as várias, correlações possíveis entre o mundo das histórias em quadrinhos e o *mundo real*. E, apoiado por tais correlações, procurou demonstrar que as histórias em quadrinhos podem e devem ser seriamente consideradas como uma excelente fonte para pesquisadores em geral e, muito especialmente, para historiadores, uma fonte extremamente rica. Afinal, este mundo colorido, mas também, às vezes, cinza, ou mesmo, em branco e preto, é um mundo de profundas raízes humanas.

Assim, ao analisarmos as transformações da personagem MM, durante mais de seis décadas, conseguimos ver também as transformações pelas quais as outras mulheres passaram nesse mesmo período. E, por decorrência, as transições e os diferentes discursos pelos quais diversificadas formas de *poder* atuaram e atuam em nosso mundo.

Conhecemos múltiplas faces da personagem. A heroína e a agente secreta da II Guerra Mundial, a princesa e a guerreira amazona, a mulher *sem poderes* dos anos setenta, auge do movimento feminista, o mais que justo retorno a sua identidade cultural de amazona e guerreira, as relações com os *heróis* e com outras *heroínas*, a embaixatriz de seu povo perante as demais nações. Uma guerreira que busca seu espaço num mundo novo. Tal sentimento é comum às mulheres do terceiro milênio e, sob alguns aspectos, também aos homens.

As análises aqui apresentadas, relacionando temas como poder, identidade, evolução, caráter feminino, discurso imagético e midiático, estudo e resgate da memória histórica feminina, apontam para a conclusão de que, ainda que as mulheres tenham realizado consideráveis conquistas nesses últimos sessenta anos, muito ainda há o que conquistar e consolidar. Que o esforço deve ser contínuo e multiplicado.

Aponta ainda, de modo conclusivo, me parece, para um alerta sobre um discurso igualitário e inclusivo para as minorias, entre as quais, encontram-se as mulheres, ainda que hoje, elas representem, por exemplo, no Brasil, a maioria da população, e para um contexto mundial, uma parcela significativa, metade, e cada vez mais participativa da economia e política em diversas esferas de atuação, que, não pode ser *apenas mais um discurso*.

O trabalho conclui que as mudanças econômicas, sociais e políticas mais recentes, sobretudo em países economicamente mais privilegiados, mas também em países como o Brasil, têm causado perigosos danos individuais e coletivos, ou, como bem apontou Richard Sennett, a *corrosão do caráter*. Não apenas, norte-americano, inglês, alemão ou brasileiro mas do *caráter humano*.

Este estudo conclui ainda que o resgate da história e das contribuições históricas das mulheres possa ser um passo e *um instrumento fundamental* para, senão refrear esse efeito corrosivo ou mais, propiciando condições e meios para um *reflorescimento do caráter humano*, assim beneficiando e reinstalando homens e mulheres num novo ambiente social, efetivamente justo e equânime.

Também foi possível concluir que a premissa que levou William Moulton Marston a criar uma personagem feminina para os quadrinhos, em patamar semelhante aos principais personagens da editora, SH e BT, tinha mais do que *lógica*. Criar tal personagem era uma necessidade e mostrou-se capaz de realizar o que ele imaginava que ela seria. Uma referência forte e digna da mulher e para as mulheres em geral. Um exemplo da força *interna e externa*, agora *exposta* por meio da personagem, e das múltiplas capacidades que ele reconhecia haver no gênero feminino. Era uma forma de se fazer justiça às mulheres.

Confirmamos, com este trabalho, que a personagem tinha e ainda tem *fôlego e conteúdo* (político, humano, social etc) para crescer e desenvolver-se, como vem fazendo ao longo destes mais de sessenta anos. Mas, infelizmente, confirmamos também, que a própria editora, ou seus executivos, questionam (ou temem?) a força dessa personagem, sob vários aspectos. Por exemplo, não oferecendo uma justificativa sólida para o fato de sua *principal heroína* ainda não ter sido, como os heróis masculinos, transportada para outras mídias, com os mesmos cuidados e suportes financeiros. Só no ano passado, como já mencionamos aqui, lançou-se um desenho animado centrado na Princesa Amazona. Nenhum filme longa-metragem, com bom elenco, recursos e boa história, foi realizado até hoje.

Os produtos e as marcas *Princesa Amazona*, *Mulher-Maravilha* e demais referências e personagens associados a elas, comparativamente falando, estão sendo muito menos *exploradas*, sob um ponto de vista exclusivamente capitalista, do que o que verificamos entre os personagens masculinos. Incluindo-se aí, os vilões.

E, embora não tenha sido o foco deste trabalho e não disponha agora nem de meios ou recursos adequados para avançar nesta questão, fazendo uma afirmativa conclusiva, também não posso deixar de pensar e colocar aqui que o presente estudo demonstrou que a Amazona tem um potencial gerador de lucro maior do que se imagina. E esse lucro está sendo *posto de lado*, por razões, no mínimo, *equivocadas*. Além de questionáveis.

O trabalho confirmou ainda o que era uma hipótese: que o seriado dos anos setenta, realmente, marcou uma geração de mulheres no mundo inteiro, revitalizando não apenas a personagem, mas múltiplas questões do interesse específico das mulheres, mas não restrito a elas. Tal comprovação pode ser facilmente feita, em nossos dias, ao navegarmos pela internet, por um número sem fim de sites dedicados à personagem ou inspirados em seus valores e ideais.

Concluimos, igualmente, que a personagem, apesar dos múltiplos obstáculos em seu caminho, ou motivada por eles, demonstrou, à semelhança das executivas das grandes corporações, por exemplo, suas características mais *notáveis*. Força, perseverança, determinação e superação. E, *contra tudo e contra todos*, saiu vencedora e ainda mais fortalecida do que antes. E que, sem dúvida alguma, tornou-se um importante ícone contemporâneo.

Descobrimos ainda com este estudo que o acesso, o debate, as ações e, em síntese, os efeitos *positivos* decorrentes deste conjunto de práticas sociais ainda se encontra muito distante da maioria das mulheres, sobretudo daquelas que, pertencendo a grupos sociais menos privilegiados, se tornam, em contrapartida, mais vulneráveis à reprodução de um *status quo*, justamente pelo grau de desconhecimento que vivem em seu cotidiano e dos *agentes do poder, isto é, discursos e práticas*, que predominam a seu redor.

Tais conclusões podem ser referendadas, por exemplo, na história “*O Espírito da Verdade*”, pelos múltiplos choques que mulheres *comuns* do Extremo Oriente, de burka, têm, ao ver uma mulher, *aquela* mulher, em trajes tão reduzidos. Tão *exposta* como ela está. Ao mesmo tempo em que a própria MM sente-se *chocada* com as diversas realidades que ela testemunha, em *nosso mundo*, que as mulheres vivem e com as quais têm que conviver.

Torna-se, nesse momento, evidente, uma distância *quase* intransponível, entre as mulheres *letradas, intelectualizadas* (representadas pela personagem na história) e as

demais mulheres (representadas por figuras humanas femininas mais *simples*, habituadas e *conformadas* em sua rotina). Em outras palavras, há também no universo da personagem, assim como no *nosso*, uma distância entre os que pensam sobre mudanças e os que vivem permanências.

Portanto, para gerar reais e *sólidas* transformações, as ações públicas ou privadas sobre as questões do interesse das mulheres, assim como debates, devem ser cada vez mais inclusivos em relação às diferentes realidades sociais, econômicas, políticas ou de gênero, para que posturas unificadas e claras possam produzir meios e espaços de um *viver feminino* mais justo.

Outra constatação que o trabalho proporcionou é que, embora não se possa quantificar com precisão, a existência de uma personagem como é a MM permitiu a ampliação, no mundo dos quadrinhos, dos filmes, seriados e outros meios imagéticos, de um novo tipo de referencial feminino. Mais independente, mais consistente, mais autônomo. Uma heroína que permitiu o surgimento de outras heroínas. E estas têm provado a capacidade de que histórias sejam construídas, no nível da ficção ou do filme documental, tendo como figura central uma (ou mais) mulher (es), retratando ou não realidades, situações ou interesses femininos exclusivistas.

Assim como cada uma dessas novas heroínas posteriores à MM, trouxeram novos e importantes aspectos para a discussão e a realidade da mulher e da sociedade em que vivemos. E do mundo que queremos ter.

Desse modo podemos concluir que as *heroínas*, dos quadrinhos ou de outras expressões artísticas, *uniformizadas ou não*, trouxeram, indiscutivelmente, uma infinidade de temas à frente de um espaço antes inexistente, de e para a reflexão sobre a realidade feminina no mundo contemporâneo e, ao mesmo tempo, de resgate da mulher como personagem atuante, presente e contributivo de sua história e da história em sentido mais amplo. As heroínas, como a MM, trouxeram a mulher para além das portas de sua casa. Ajudaram-na a ver o mundo e a ser vista por ele.

A Mulher-Maravilha, entre outros componentes, evidentemente, teve e tem o mérito de mostrar aos homens, mas especialmente às mulheres, o quão *maravilhosas* são (somos). Sem metonímias.

O que vimos igualmente aqui é que não existem questões que possam excluir as mulheres da vida, em todos os seus diferentes aspectos, dos homens, ou vice-versa. Todos nós enfrentamos dificuldades e obstáculos e o que precisamos aprender diz respeito a nossas potencialidades. Se aprendermos a incluir *sob uma mesma medida* os potenciais diferentes que trazemos em nós, aí sim poderemos dar um grande passo.

Figura 29. “Wonder Woman: the complete history”, p. 185.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Bibliografia específica sobre quadrinhos:

Archive DC Editions – *Wonder Woman – Archives*, v. 1. EUA, 1998.

Azevedo, Ezequiel de – *Ebal: Fábrica de Quadrinhos. Guia do Colecionador*. Via Lettera, São Paulo, 2007.

Cagnin, Antonio Luiz – *Os quadrinhos*. Ed. Ática, São Paulo, 1975.

Cavalcanti, Ionaldo de Andrade – *O mundo dos quadrinhos*. Ed. Símbolo, São Paulo, 1977.

Cirne, Moacy – *Para ler os quadrinhos*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1972.

Daniels, Les & Kidd, Chip – *Wonder Woman: the complete history*. Chronicle Books, San Francisco, 2000.

Gonçalo Junior – *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

Guedes, Roberto – *Quando surgem os super-heróis*. Opera Graphica Editora, São Paulo, 2004.

Guedes, Roberto – *A Era de Bronze dos Super-Heróis*. HQM Editora, São Paulo, 2008.

Luyten, Sonia M. Bibe (org.) – *História em quadrinhos: leitura crítica*. Edições Paulina, São Paulo, 1984.

McAllister, Mathew P., Sewell Jr., Edward H. & Gordon, Ian – *Comics & Ideology*. Peter Lang Publishing Inc., New York, 2001, 2006.

Maduar, Alberto – *Uma história em quadrinhos*. Massao Ohno Editor, São Paulo, 1981.

Marny, Jacques – *Sociologia das histórias aos quadrinhos*. Cia. Ed. do Minho, Porto, Portugal, 1970.

Morris, Tom e Morris, Matt (orgs.) – *Super-heróis e a filosofia*. Madras Ed., São Paulo, 2005.

Moya, Álvaro de – *História da História em Quadrinhos*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1993.

Moya, Álvaro de – *Shazam!*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1970.

Mundo dos Super-heróis – *Revista*, no. 9, Março-Abril de 2008. (artigo sobre a Mulher-Maravilha).

– Superman – From the 30's to the 70's. By National Periodical Publications, Inc. Bonanza Books, New York, 1971.

Bibliografia específica sobre História:

Bloch, Marc – *Apologia da História*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2001.

Braudel, Fernand – *História e Ciências Sociais*. Editorial Presença, Lisboa, 1990.

Ginzburg, Carlo – *Mitos, emblemas e sinais*. Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

Goff, Jacques Le – *História e Memória*. Editora Unicamp, Campinas, 2003.

Hobsbawn, Eric J. – *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

Perrot, Michelle – *Minha história das mulheres*. Contexto, São Paulo, 2007.

Priore, Mary Del – *História das mulheres no Brasil*. Contexto e UNESP, 2000.

Silva, Marcos Antônio da – *Prazer e poder do amigo da onça*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1989.

OUTRAS FONTES:

Arnheim, Rudolf – *El pensamiento visual*. Ed. Paidós Ibérica S. A., Barcelona, 1986.

Bolen, Jean Shinoda – *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Paulus, São Paulo, 2007.

Bulfinch, Thomas – *O livro de ouro da mitologia*. Tradução de David Jardim Júnior. Ediouro, Rio de Janeiro, 1998.

Facco, Lúcia – *As heroínas saem do armário*. Edições GLS, São Paulo, 2004.

Jung, Carl G. – *El hombre y sus símbolos*. Aguilar, Madrid, 1966.

MacLuhan, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari São Paulo: Cultrix, 1969.

Ménard, René. *Mitologia greco-romana*. vs. 2 e 3, Opus Editora, São Paulo, 1991.

Ortiz, Renato – *Mundialização: saberes e crenças*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 2006.

Saffioti, Heleieth I. B. – *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Vozes, Rio de Janeiro, 1976 (1ª ed.).

Sennett, Richard – *A corrosão do caráter*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002.

Schwab, Gustav – *As mais belas histórias da Antiguidade Clássica. Os mitos da Grécia e de Roma. v.1: metamorfoses e mitos menores*. Paz e Terra, São Paulo, 1994.

Sites da Internet:

http://en.wikipedia.org/wiki/George_Perez

http://www.cartoonseries.com.br/mulher_maravilha.htm

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Superman>

http://pt.wikipedia.org/wiki/William_Moulton_Marston

<http://www.wonderwoman-online.com/marston.html> (Observação: Este site contém o artigo “A psicopatologia dos quadrinhos”, do Dr. Frederic Wertham, entre outras importantes e raras informações.).

<http://www.answers.com/topic/william-moulton-marston> (Observação: Site rico em boas informações, contendo, entre outros itens, a entrevista de Olive Richard – pseudônimo de Olive Byrne - com William Moulton Marston).

LISTAGEM DETALHADA DOS GIBIS UTILIZADOS

Diana Prince: Wonder Woman, volume 2 – 2008, DC Comics (Coletânea de histórias de 1969 e 1970).

MULHER-MARAVILHA: (32 pgs.)

MM	no. 01 – Dezembro de 1977, mensal	– Ed. Ebal
	no. 02 – Janeiro de 1978, mensal	– Ed. Ebal
	no. 05 – Abril de 1978, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 06 – Maio de 1978, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 07 – Junho de 1978, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 11 – Outubro de 1978, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 12 – Novembro de 1978, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 13 – Dezembro de 1978, mensal	– Ed. Ebal (Ed. Especial)
	no. 14 – Janeiro de 1979, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 19 – Junho de 1979, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 20 – Julho de 1979, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 22 – Setembro de 1979, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 25 – Dezembro de 1979, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 27 – Fevereiro de 1980, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 29 – Abril de 1980, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 30 – Maio de 1980, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 31 – Junho de 1980, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 33 – Agosto de 1980, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 34 – Setembro de 1980, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 35 – Outubro de 1980, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 41 – Abril de 1981, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 42 – Maio de 1981, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 43 – Junho de 1981, mensal	– Ed. Ebal (2ª. Série)
	no. 26 – Janeiro de 1980, mensal	– Ed. Ebal (5ª. Série)

no. 01 – Julho de 1983, mensal	– Ed. Ebal (6ª. Série)
no. 02 – Agosto de 1983, mensal	– Ed. Ebal (6ª. Série)
no. 03 – Setembro de 1983, mensal	– Ed. Ebal (6ª. Série)
no. 04 – Out./Nov. de 1983, mensal	– Ed. Ebal (6ª. Série)

A bela e a fera – MM e Sargento Rock – Dezembro/1981, Ed. Ebal.

Mulher-Maravilha s/ no. – Ed. extra de Superman Junho de 1982 Ed. Ebal

Superpowers no. 23 – Cinquentenário da Mulher-Maravilha – 1991, Ed. Abril.

Mulher-Maravilha by Stan Lee – Ed. Especial – Dezembro/2001, Ed. Abril

Mulher-Maravilha – Paraíso Perdido – Ed. Especial – Março/2002, Ed. Abril.

Mulher-Maravilha – O espírito da verdade – Álbum gigante – Abril de 2002, Ed. Abril.

Justiceira – O julgamento da Mulher-Maravilha (Crise Infinita Especial) – Dezembro/2007, Panini Comics.

Biblioteca DC – Deuses e Mortais – Coletânea (Wonder Woman, de 01 a 07), Maio/2008, Panini Books.

As maiores histórias da MM – Coleção DC 70 anos, v. 3 – Julho/2008, Panini Comics.

BATMAN:

BT	no. 01 – Julho de 1984	– Ed. Abril
	no. 02 – Agosto de 1984	– Ed. Abril
	no. 03 – Setembro de 1984	– Ed. Abril
	no. 04 – Outubro de 1984	– Ed. Abril
	no. 05 – Novembro de 1984	– Ed. Abril

no. 06 – Dezembro de 1984	– Ed. Abril
no. 07 – Janeiro de 1985	– Ed. Abril
no. 08 – Fevereiro de 1985	– Ed. Abril

Batman – Re-edição de três histórias (dec. de 40) – Quadrinhos L&PM, 1987.

Batman – Ano Um – Editora Abril Jovem, Dezembro de 1989.

SUPER-HOMEM:

Superman – Crônicas, v. 1 – Re-edição de histórias (Junho de 38 a Julho de 39) com a re-edição do 1º. No. no Brasil (Ebal, 1947) – Panini Books, 2007.

Superman – Edição Extra – O mundo maravilhoso de Krypton, Ebal, Outubro de 1975.

SM	no. 48 – Abril de 1980, mensal	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 50 – Junho de 1980, mensal	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 51 – Julho de 1980, mensal	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 52 – Agosto de 1980, mensal	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 54 – Outubro de 1980, mensal	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 66 – Dez./81, Jan/82, bimestral	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 67 – Fev.-Mç de 1980, bimestral	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 69 – Jun.-Jul. de 1982, bimestral	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 70 – Ag.-Set. de 1982 (Jn-F/83)	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 72 – M-Junho de 1983, bimestral	– Ed. Ebal (1ª. Série)
	no. 73 – Julho-Set. de 1983, bimestral	– Ed. Ebal (2ª. Série)

Superman no. 1 – Reedição feita por Panini Books, 2007 (Nov./1947, Ano I, Ed. Ebal).

Superman – Edição extra, Maio de 1981, Ed. Ebal.

Super-Homem (sem nº) – O retorno de Lois Lane – Maio/1998, Ed. Abril.

DUO OU TRIO:

Superman e Batman – Coleção Invictus – 1995, Ed. Nova Sampa.

Batman e Super-Homem – Heróis através da História – 2003, Mythos Ed.

Batman, Super-Homem e Mulher-Maravilha - Trindade – Março/2004, Panini Comics. (1ª. Parte)

LIGA DA JUSTIÇA:

Arquivo DC, Liga da Justiça da América, v. 1 – Re-edição de histórias de Março-Abril de 1960 a Dezembro de 1962 – 2007, Panini Books

As maiores histórias da LJ – Coleção DC 70 anos, v. 5 – Setembro/2008, Panini Comics.

SUPERAMIGOS: (68 pgs.)

SA	no. 01 –	Junho-Julho de 1975	
	no. 02 –	Agosto-Setembro de 1975	
	no.03 –	Outubro-Novembro de 1975	
	no.04 –	Dezembro de 1975 – Janeiro de 1976	
	no.05 –	Fevereiro-Março de 1976	
	no.06 –	Abril-Maio de 1976	
	no.08 –	Agosto-Setembro de 1976	
	no.10 –	Dezembro de 1976 – Janeiro de 1977	
	no.11 –	Fevereiro-Março de 1977	– Ed. Ebal